

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS-PPGICH
NÍVEL MESTRADO**

**SÃO JOÃO DO URUCURITUBA: história e memórias do processo de
territorialização quilombola – Barreirinha/Amazonas**

EDICLEUZA COSTA RIBEIRO

Manaus-AM
2025

EDICLEUZA COSTA RIBEIRO

**SÃO JOÃO DO URUCURITUBA: história e memórias do processo de territorialização
quilombola – Barreirinha/Amazonas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas (PPGICH/UEA) como exigência final dos requisitos mandatórios para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida


Manaus-AM
2025

EDICLEUZA COSTA RIBEIRO

SÃO JOÃO DO URUCURITUBA: história e memórias do processo de territorialização quilombola – Barreirinha/Amazonas

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas-PPGICH da Universidade Estadual do Amazonas. Linha de pesquisa: Conflitos identidades étnicas, processo de territorialização, ambientalização, museus vivos e pequenos museus Centro de Ciências e Saberes, como parte das exigências para o título de Mestre em “Ciências Humanas”.

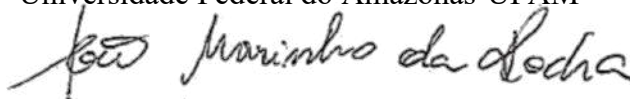
BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ALFREDO WAGNER BERNO DE ALMEIDA**
Data: 07/07/2025 16:33:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida – Presidente



Profa. Dra. Maria Magela Mafra de Andrade Ranciaro- Membro
Universidade Federal do Amazonas-UFAM



Prof. Dr. João Marinho da Rocha-Membro
Universidade Estadual do Estado do Amazonas-UEA

Dissertação aprovada em: 07 / 03 / 2025

Manaus-AM
2025

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

R484s Ribeiro, Edicleuza Costa , Edicleuza Costa Ribeiro
 São João do Urucurituba : história e memórias do processo de
 territorialização quilombola- Barreirinha/Amazonas / Edicleuza Costa
 Ribeiro Ribeiro, Edicleuza Costa . Manaus : [s.n.], 2025.
 196 f.: color.; 21,0 cm.

 Dissertação - Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas-
 Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.
 Inclui Bibliografia.
 Inclui Anexo.
 Orientador: Almeida, Alfredo Wagner Berno de.

 1. Quilombo. 2. territorialização. 3. memórias. 4. lutas. 5.
 reconhecimento. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de (Orient.) II.
 Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)168.522(043.3)

DEDICATÓRIA

Em nome dos agentes sociais quilombolas de São Joao do Urucurituba, dedico este trabalho aos quilombolas do Paraná do Urucurituba de cujas histórias aqui registradas, apresentam as histórias de formação do quilombo e a luta por direitos quilombolas.

AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa não seria possível sem meus companheiros de luta da unidade social quilombola São João do Urucurituba e seus agentes sociais, a ARQSJU, lideranças e griotes, acrescida dos companheiros de equipe da CONAQ-AM. Eterna e profunda gratidão pela confiança a mim depositada.

Com todo apreço e carinho, na oportunidade, gostaria de externar a minha alegria e gratidão de ter a oportunidade de aprender todos os dias com meu orientador, professor Alfredo Wagner Berno de Almeida, cujas reflexividades propiciadas permitiram desencadear essa pesquisa.

Aos Professores (as) do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas-PPGICH, agradeço pela contribuição nesse processo do fazer acadêmico, fato que contribuiu significativamente para meu crescimento acadêmico.

Aos colegas do PPGICH gratidão pelas partilhas e trocas de aprendizagens e ensinamentos, pelas palavras de incentivo e suporte sempre que possível.

A Maria Magela Mafra de Andrade Ranciaro, por todo o apoio companheirismo e solidariedade nesse processo de estudo.

À Joelma Silva, pessoa que auxiliou e contribuiu de maneira impecável junto ao Projeto Nova Cartografia social e Suelem, Mateus Acosta e Jailson Aguiar por estarem sempre disponíveis ao longo dessa pesquisa.

Agradeço imensamente aos meus filhos amados Lucas Ribeiro e Luísa Ribeiro, pelo colo quando precisei inúmeras vezes, e por toda compreensão pela distância vivenciada.

Aos meus pais, Cesar Ribeiro e Edgar Lima muito obrigada, pelo incentivo.

Agradeço a meus irmãos Franciara Ribeiro, Zaida Ribeiro e Daniel Ribeiro, pelo incentivo e apoio, em especial ao Augusto Ribeiro que foi meu suporte nessa empreitada.

Agradeço ao meu companheiro e amigo Paulo Dias, que esteve ao meu lado sempre que possível, nesse percurso e inúmeras vezes trouxe a reflexividade, incentivando e dando-me coragem para concluir com êxito esta minha jornada. Sua força me fez superar as dificuldades e nutrir o desejo de vencer.

Aos meus amigos que sempre nutriram o desejo junto a mim por essa conquista Caroline Alves, Simony Maia, Ryllare Dutra.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas-(FAPEAM) pelo apoio a minha formação nessa etapa. Agradeço a oportunidade de participar do programa Interdisciplinar em Ciências Humanas- (PPGICH-UEA).

Minha gratidão especial é dedicada à memória de minha Mãe, que sempre confiou que eu poderia chegar sempre adiante. E, sem se importar com os obstáculos, sempre vibrou ao meu lado. Eterna gratidão, minha Rainha (in memoriam).

Por fim, agradeço a Zumbi a toda força espiritual, e meus guias que me conduziram até aqui e tem cuidado em cada desafio trilhado. Acredito que nem uma ilha vive só, ainda que na solitude, pois está sempre cercada por coisas e forças fundamentais a sua manutenção.

“Nossos passos vêm de longe”, mas talvez tenhamos deixado um pouco de lado o exercício de nos aquilombar. Recuperemos! É chegada a hora! Aquilombar é, antes de mais nada, ocupar!

Jurema Werneck

RESUMO

Pertencente ao município de Barreirinha-AM, no Baixo Amazonas, a unidade social quilombola São João do Urucurituba, constitui o objeto de estudo do presente trabalho. Tendo por base a memória coletiva, a presente pesquisa teve como objetivo central analisar os processos de formação dessa unidade social, bem como se deu ênfase às lutas do movimento político-organizativo pela conquista de seus direitos étnicos e territoriais. Para a compreensão acerca dos aspectos históricos, enveredou-se por um esquema interpretativo tendo como aporte literaturas sobre: a escravidão no Amazonas e nos estados do Pará e Maranhão. A trilha metodológica enveredou pelos seguintes procedimentos de coleta de dados: registro das narrativas dos agentes sociais; acesso aos documentos arquivísticos da ARQSJU, artigos e legislações municipais, bem como procedeu-se ao registro iconográfico para compor o repertório de imagens, com descrições das representações visuais de símbolos que identificam culturalmente o cotidiano do quilombo. Para tanto, apresentam-se estudos referenciados aos caminhos percorridos pelos ex-escravizados, Raimundo de Jesus Colares e, posteriormente, Raimundo Silva, que adentraram em áreas do Baixo Amazonas e por todos reconhecidos como os fundadores do território que incorpora, entre outros, o quilombo de São João do Urucurituba, localizado às margens do Paraná do Urucurituba, afluente do Paraná do Ramos-Municípios de Barreirinha/Am. Por fim, utilizando-se das ciências humanas multivocais se tem o registro das lutas e conquistas do movimento quilombola de São João do Urucurituba, por direitos étnicos assegurados pela Constituição de 1988, com destaque ao Art. 68 do ADCT/CF-1988, cujo amparo legal permitiu a emissão da Certidão de Reconhecimento do Quilombo de São João do Urucurituba, em 2024, ato, este, extensivo às outras 03 (três) unidades sociais que, em seu conjunto, compõem o território quilombola do Paraná do Urucurituba, a saber: Vila Carneiro, Monte Horebe e Igarapé do Mato. Para além dessa conquista, em maio de 2024, na unidade social “São João do Urucurituba”, inscreve-se, como dado culturalmente relevante para esses quilombos, a inauguração do *Museu Vivo*; um eixo articulador do Centro de Ciências e Saberes Quilombola, denominado de “Floriza Pereira de Jesus”.

PALAVRAS-CHAVE: Quilombo, territorialização, memórias, autorreconhecimento, lutas.

ABSTRACT

Belonging to the municipality of Barreirinha-AM, in the Lower Amazon, the quilombola social unit São João do Urucurituba is the object of study of this work. Based on collective memory, this research had as its main objective to analyze the processes of formation of this social unit, as well as emphasizing the struggles of the political-organizational movement for the conquest of its ethnic and territorial rights. In order to understand the historical aspects, an interpretative scheme was adopted, using literature on: slavery in Amazonas and in the states of Pará and Maranhão. The methodological trail followed the following data collection procedures: recording of the narratives of social agents; access to archival documents of ARQSJU, articles and municipal legislation, as well as iconographic recording to compose the repertoire of images, with descriptions of the visual representations of symbols that culturally identify the daily life of the quilombo. To this end, studies are presented that reference the paths taken by former slaves, Raimundo de Jesus Colares and, later, Raimundo Silva, who entered areas of the Lower Amazon and are recognized by all as the founders of the territory that incorporates, among others, the quilombo of São João do Urucurituba, located on the banks of the Paraná do Urucurituba, a tributary of the Paraná do Ramos - Municipalities of Barreirinha/Am. Finally, using multivocal human sciences, we have the record of the struggles and achievements of the quilombola movement of São João do Urucurituba, for ethnic rights guaranteed by the Constitution of 1988, with emphasis on Art. 68 of the ADCT/CF-1988, whose legal support allowed the issuance of the Certificate of Recognition of the Quilombo of São João do Urucurituba, in 2024, an act, this, extensive to the other 03 (three) social units that, together, make up the quilombola territory of Paraná do Urucurituba, namely: Vila Carneiro, Monte Horebe and Igarapé do Mato. In addition to this achievement, in May 2024, in the social unit “São João do Urucurituba”, there is, as a culturally relevant data for these quilombos, the inauguration of the Living Museum; an articulating axis of the Center of Quilombola Sciences and Knowledge, called “Floriza Pereira de Jesus”.

KEYWORDS: Quilombo, territorialization, memories, self-recognition, struggles.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Genealogia da família Colares	72
Quadro 2: Territórios de parentesco	73
Quadro 3: Quadro Genealógico da família Silva	90
Quadro 4: Território de Parentesco	91
Quadro 5: Presença quilombola no estado do Amazonas, identificada até o ano de 2024.	145

LISTA DE ICONOGRAFICAS

Iconografia 1: Primeira visita Julesmã no setor quilombola, juntamente com outras lideranças	25
Iconografia 2: Diálogo sobre educação escolar quilombola	26
Iconografia 3: Visita ao setor pedagógico quilombola das lideranças quilombolas: Marley Frazão, Julesmã Teixeira Colares e Ryllare Dutra	27
Iconografia 4: Lideranças quilombolas do Rio Andirá e do São João do Urucurituba. Março de 2023	29
Iconografia 5: Diálogos sobre a revitalização do museu Floriza Pereira de Jesus	32
Iconografia 6: Paraná do Urucurituba, reflexos da estiagem em 2023	33
Iconografia 7: Chegada da equipe CONAQ/AM ao Quilombo	36
Iconografia 8: Roda de conversas e escuta dos agentes sociais	40
Iconografia 9: Nosso Guia e motorista da viagem, agente social Madson	42
Iconografia 10: Encontro com o agente social Quilombola Francisco Silva, na entrada da “cabecreira do Viadinho”. Companheiro Douglas Castro, auxiliando com sua rabeta, acesso por via Fluvial	43
Iconografia 11: Seu Francisco descendente do africano que chega ao Amazonas	44
Iconografia 12: Deliberação acerca do processo de solicitação junto à Fundação Cultural Palmares para certificação quilombola	46
Iconografia 13: Momento em que a unidade social se autodeclara coletivamente como quilombola	49
Iconografia 14: Momento da assinatura da solicitação de certidão de autorealização	50
Iconografia 15: Agente social, Telém cuidando o pirarucu em cima de uma ponte	53
Iconografia 16: Agentes sociais com artefatos arqueológicos encontrados no quilombo	55
Iconografia 17: Artefatos de cerâmicas encontrados no quilombo São João do Urucurituba	56
Iconografia 18: Imagem da localização do Quilombo São João do Urucurituba	60
Iconografia 19: Julesmã Teixeira Colares	69
Iconografia 20: Sra. Vicência Colares de Jesus	75
Iconografia 21: Imagem de São João Batista	77
Iconografia 22: Imagem de São João Batista Menino	78
Iconografia 23: Carta de Marley, em março de 2023	81
Iconografia 24: Sra. Marley da Silva Frazão	92
Iconografia 25: Reportagem sobre a unidade social quilombola Social	97
Iconografia 26: Ata de fundação, eleição e posse da ARQSJU	103
Iconografia 27: Ata de fundação, eleição e posse da ARQSJU	104
Iconografia 28: Ata incidência de mobilização realizada em 2022	105
Iconografia 29: Ata incidência de mobilização realizada em 2022	106
Iconografia 30: Primeira Escola da unidade social	109
Iconografia 31: Escola municipal Santa Ana em construção	110
Iconografia 32: Lideranças quilombolas-CONAQ-AM	113
Iconografia 33: Carta Política do I Encontro Estadual das Comunidades Quilombolas do Amazonas	114
Iconografia 34: Assinatura da ata de autodefinição como quilombolas	116
Iconografia 35: Agentes sociais quilombolas do São João do Urucurituba após assembleia de reconhecimento como quilombola	117
Iconografia 36: Gráfico com dados do IBGE	118
Iconografia 37: Portaria FCP, nº 356, de 11 de 2024	119
Iconografia 38: Retrata a pesca no cotidiano, vivenciada desde a infância	120

Iconografia 39: Retrata a pesca no cotidiano, vivenciada por mulheres.....	121
Iconografia 40: Ação de limpeza do furo que dá acesso ao quilombo	122
Iconografia 41: Agente social empurrando o barranco para dar acesso a unidade social.....	119
Iconografia 42: Agente social Julesmã se preparando seu equipamento para a limpeza do quadro da unidade social.....	123
Iconografia 43: Trabalho de pintura do centro de Ciências e Saberes Quilombola Floriza Pereira de Jesus	124
Iconografia 44: Oficina Curadoria do Centro de Ciências e Saberes Quilombolas. Nos cartazes expostos no chão, estão mapeados elementos da cultura quilombola da unidade social.....	125
Iconografia 45: Processo de cozimento do jacaré.....	126
Iconografia 46: Processo que separação da carne do jacaré da casca e dos ossos	127
Iconografia 47: Processo de moer a carne de jacaré em uma equipamento denominado “moedor”	128
Iconografia 48: Piracuí sendo torrado pelo agente social.....	129
Iconografia 49: Jogo de futebol no fim de tarde.....	130
Iconografia 50: Brincadeira de rodas.....	130

LISTA DE SIGLAS

APMC – Associação de Pai Mestres e Comunitários

ASRQSJU – Associação dos Remanescentes Quilombolas do Quilombo São João do Urucurituba.

CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

CONAQ-AM – Coordenação Nacional de Articulação de Comunidades Negras- Amazonas.

EEQ – Educação Escolar Quilombola

FOQMB – Federação das Organizações Quilombolas do Município de Barreirinha

IBGE – Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico

INCRA – Instituto Nacional da Colonização e Reforma Agrária

PARFOR – Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica

PNCSA – Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

PPGICH – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas

SECTRAM – Secretaria de Cultura, Turismo e Meio Ambiente

UEA – Universidade do Estado do Amazonas UFAM – Universidade Federal do Amazonas

Sumário

INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO I - ENCONTRO E REENCONTRO COM O QUILOMBO “SÃO JOÃO DO URUCURITUBA”	23
1.1 Descrição Etnográfica do campo em São João do Urucurituba.....	29
1.2 Descrição do segundo reencontro com o campo: Oficina de reconhecimento como quilombola em 2024.....	33
1.3 Terceiro encontro com o Campo: O processo de revitalização do Centro de Ciências e Saberes Quilombola Floriza Pereira de Jesus	50
CAPÍTULO II - AGARRADO EM SÃO JOÃO BATISTA: NARRATIVAS E MEMÓRIAS DO QUILOMBO “SÃO JOÃO DO URUCURITUBA”	58
2.1 Breve histórico da unidade social designada como “Quilombo São João do Urucurituba”	59
2.2 “A saga da fuga” do negro fugido Raimundo de Jesus Colares, portando São João Batista.	63
2.3 Território de parentesco.	67
2.4 A apropriação da denominação “São João do Urucurituba”	74
CAPÍTULO III - ENTRE AS TRAVESSIAS E O ATLÂNTICO: O PERCURSO DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DE UM QUILOMBOLA.....	80
3.1 A travessia <i>versus</i> o banzo.....	80
3.2 Belém do Pará e a constituição familiar.	85
3.3 Nos braços do Amazonas, a trajetória de Raimundo rumo a São João do Urucurituba	86
3.4 Refúgio no Paraná do Urucurituba	88
CAPÍTULO IV - O QUILOMBO NO CONTEXTO FOTOGRÁFICO: POR ENTRE IMAGENS E EXPRESSÕES DO MOVIMENTO POLÍTICO-ORGANIZATIVO	94
4.1 Entraves e avanços da mobilização político-organizativa do quilombo São João do Urucurituba	94
4.2 Assembleias deliberativas acerca do processo de reconhecimento e incidências da unidade social no âmbito municipal.	104
4.3 A inserção de agentes sociais de São João na CONAQ-AM nas memórias de Marley Frazão.	110
4.4 O advento da autocertificação: o reconhecimento oficial da unidade Social pela Fundação Cultural Palmares.	117
4.5 Etnografia iconográfica do cotidiano em São João do Urucurituba	119
4.5.1 Cotidiano e vivências através da observação na unidade social	120
4.5.3 Limpeza da Unidade Social	121
4.5.4 Base econômica da unidade social.....	125
4.5.5 Lazer	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
FONTES	149

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	150
ANEXOS	155
TERMO CONSUBSTANCIADO CEP	155
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	157
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM.....	170
CARTA DE ANUÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO ARQSJU.....	179
CARTA MARLEY DA SILVA FRAZÃO.....	180
CARTA CONAQ.....	183
ATA DA ASSOCIAÇÃO ARQSJU.....	184
DECRETO MUNICIPAL Nº143 DE 05 DE FEVEREIRO DE 2025.....	199

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objeto de estudo o quilombo São João do Urucurituba, localizado à margem esquerda do Paraná do Ramos, Município de Barreirinha/AM¹. A pesquisa objetivou proceder análise sobre a trajetória e memórias que marcam o protagonismo quilombola e seus processos de luta face à política de territorialização desencadeada pelo segmento político-organizativo.

Foi possível identificar pela memória coletiva que o quilombo de São João do Urucurituba tem como fundadores dois negros ex-escravizados. Raimundo de Jesus Colares é o primeiro negro a chegar em áreas do referido quilombo no ano de 1818-1819. A memória registra, através das narrativas dos agentes sociais, que o ex-escravizado ao chegar em locais do referido quilombo foi a uma festa levando escondido o cavalo de seu 'dono'. Todavia, com medo da punição em decorrência da morte do cavalo, Raimundo fugira roubando a imagem de São João Batista que, desde então, o santo é celebrado no quilombo. O segundo negro é Raimundo Silva que adentra o território, advindo da África e fugido do Estado do Maranhão.

O quilombo de São João do Urucurituba se faz representar por 03 (três) segmentos político-organizativos: a Associação dos Remanescentes Quilombolas do São João do Urucurituba-ARQSJU, fundada em 2016; a Comunidade de Base da Igreja Católica e uma Coordenação local vinculada à CONAQ-AM.

Atualmente, tais segmentos organizativos inseriram-se na luta pela emissão da certificação do quilombo, emitida pela Fundação Cultural Palmares-FCP em 2024, tornando essa unidade social oficialmente reconhecida, passando a utilizar a designação *comunidade remanescente de quilombo*. Esta é, necessariamente, uma condição prévia aos trâmites relacionados ao RTID e, posteriormente, a solicitação do processo de titulação fundiária do território, ambas as ações requeridas junto ao Instituto Nacional de Reforma Agrária-INCRA².

O percurso dessa luta é marcado por vários entraves, avanços e conquistas. Então, conscientes da importância quanto ao reconhecimento oficial do quilombo, em 2005 realizaram-se os primeiros diálogos acerca dessa pauta de reivindicação, todavia, inúmeros entraves como falta do CNPJ, ausência de um estudo sobre a história de formação e falta de conhecimento sobre como avançar e diante das burocracias, impossibilitaram o avanço deste

¹ O município de Barreirinha está situado a 375 KM de Manaus, em linha reta e a 420 km, por via fluvial. Das 4 (quatro) mesorregião o município pertence à terceira mesa região centro amazonense, formada por 6 microrregiões e 30 municípios. A 6ª microrregião de Parintins é composta pelos municípios de Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Maués, Nhamundá Parintins, São Sebastião do Uatumã e Urucará. Manaus a capital do estado, está situada nesta mesorregião (Conf. Ranciaro, 2021, p. 27).

² As ações possibilitam realizar os seguintes procedimentos administrativos: *identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação* da propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes de quilombos. (Conf. Decreto 4.887/20/2023).

processo. Com intuito de dar continuidade à proposta junto à Fundação Cultural palmares-FCP, em 2016, através da convocação de uma Assembleia Geral da comunidade, foi criada a Associação dos Remanescentes Quilombolas de São João do Urucurituba-ARQSJU, com registro no Cartório do Município de Barreirinha, no mês de outubro de 2016.

Em razão disso e levando em conta a luta do quilombo representado através dessa Associação – que passou a ser o instrumento político-mobilizatório dos quilombolas de São João do Urucurituba –, a presente pesquisa teve como objetivo central analisar as lutas do movimento político-organizativo pela conquista de seus direitos étnicos e territoriais, dando ênfase à história e memória de formação dessa unidade social.

Embora tais direitos estejam constitucionalmente garantidos através do Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias-ADCT/88³, por vezes ainda se recorre a Organizações Não Governamentais-ONGs e Instituições de Ensino Superior- IES com intuito de ver minimamente seus direitos garantidos. Infelizmente as burocracias ou a falta de informação limitam os agentes sociais na luta por efetivação de tais direitos étnicos e territoriais garantidos pela Constituição de 1988, conforme preceitua o respectivo artigo: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (Brasil, CF/1988). Com base nesse marco regulatório, em 20 de julho de 2002, por meio do Decreto Legislativo nº 143, o Congresso Nacional aprovou o texto da Convenção 169/OIT, momento em que o governo brasileiro passa a ser signatário dessa Convenção que teve por objetivo estabelecer normas internacionais sobre povos indígenas e tribais.

Compete ainda compreender que, tendo por base esses marcos regulatórios – o Art. 68/ADCT e a Convenção 169/OIT⁴ – o então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, promulga o Decreto 4.887, de 20 de novembro de 2003. Por meio desse instrumento jurídico-normativo é que ficam regulamentados os procedimentos administrativos para *identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação* da propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes de quilombos, conforme prevê o Art. 68 do ADCT/88, acima descrito.

A propósito dessa realidade já em destaque na Constituição de 88, ou seja, há exato um século após a assinatura da Lei Áurea de 1888, dados do IBGE (2022) apontam que no Estado do Amazonas há uma população correspondente a 1,7 mil quilombolas e, de acordo com dados

³ O artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) reconhece o direito à propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes de comunidades quilombolas. O Estado deve emitir títulos de propriedade a essas comunidades. (Conf. Art.68/1988).

⁴ A Convenção 169 da OIT define os povos indígenas e tribais, e reconhece os direitos deles à terra e aos recursos naturais. (Conf. Convenção 169/OIT).

do INCRA/2013, registram-se 08 (oito) quilombos identificados e oficialmente reconhecidos pela FCP, quais sejam: 1. Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito, na cidade de Manaus; 2. Quilombo Sagrado Coração de Jesus, no município de Itacoatiara; 3. Quilombo do Tambor, no município de Novo Airão; e os 05 quilombos do rio Andirá, município de Barreirinha: Ituquara, Boa Fé, Santa Tereza do Matupiri, São Pedro, e Trindade. Todavia, no ano de 2024, no Amazonas, foram reconhecidas novas unidades sociais quilombolas, elevando para um total de 16 comunidades remanescentes quilombolas oficialmente reconhecidos pela Fundação Cultural Palmares-FCP a saber: Quilombo Bauana, município de Alvares, São Paulo do Açu, Monte Horebe, Nossa Senhora da Conceição (Vila Carneiro), São João do Urucurituba, município de Barreirinha; Santa Maria do Igarapé do Mato, município de Urucurituba; São Lazáro do Jaú, Cachoeira do Jaú, município de Novo Airão.

Essas informações possibilitam um breve panorama no estado quanto aos novos grupos identitários em processo de identificação e reconhecimento étnico. Tendo por base esses dados, o questionamento desse trabalho esteve pautado em identificar e analisar as seguintes questões, a saber: Como se deu o processo de formação étnica da comunidade de São João do Urucurituba?; Quais as memórias e perspectivas culturais que imprimem as formas de construção identitária e permanência desse grupo étnico no território tradicionalmente ocupado?; Quais as estratégias operacionais do movimento político-organizativo representado, sobretudo, através da Associação dos Remanescentes Quilombolas de São João do Urucurituba-ARQSJU, tendo por princípio as formas de (r)existência na manutenção de seus direitos e em defesa de seus territórios?

Em meio a essas questões, outros questionamentos se colocam para que se permita identificar as particularidades da formação histórica do referido quilombo, quais sejam: Quais os fatores que influenciaram para o surgimento do quilombo? Em que contexto temporal isto se deu? Quais os atores sociais que lá se instalaram? Como se inscrevem as memórias individuais e coletivas dos quilombolas e quais os objetivos intrínsecos a esses interesses? Quais estratégias de luta identitária são utilizadas pelo movimento político-organizativo? Como se dá o diálogo entre esses três movimentos político-organizacionais?

Esses foram os questionamentos que este trabalho se ocupou, considerando a trajetória histórica de formação do quilombo e os processos de luta em face do sentimento de pertença

dos agentes sociais, pertencentes ao território historicamente construído. Assim, por meio das reflexões e indagações propostas, procuramos visibilizar as memórias construídas pelos agentes sociais em meio às suas trajetórias de vida. Para além disso, procurou-se desvelar a forma pela qual essas memórias foram sendo engendradas pelo povo quilombola, em se tratando, sobretudo, de um dos povos com histórico de luta pela superação da mão de obra escrava e manutenção da liberdade dos povos e comunidades tradicionais do Amazonas. Fatores a respeito dos quais buscamos expandir a análise numa perspectiva crítica acerca do conhecimento sobre os modos de resistência dos povos quilombolas da Amazônia brasileira, em busca da liberdade de seus corpos.

A hipótese aqui construída, enquanto resposta previamente colocada, diz respeito à formação do território quilombola de São João do Urucurituba, cuja existência se deu a partir da chegada de negros escravizados. Assim, foi buscando desvelar fatos acerca dessa realidade que se pretendeu compreender os conflitos agrários, bem como expor as consequências advindas da ausência de políticas públicas; dois entraves que, do ponto de vista político, se convertam em grandes articuladores, responsáveis, portanto, por engendrar as lutas e reivindicações do movimento político-organizativo desse grupo étnico.

Daí justificar-se a linha de pesquisa que fomenta as análises da presente dissertação, qual seja: “Conflitos identidades étnicas, processo de territorialização, ambientalização, museus vivos e pequenos Museus (centro de ciências e saberes)”, tendo por título: Quilombo São João do Urucurituba, Histórias e Memórias do Processo de Territorialização Quilombola – Município de Barreirinha/Am.

Assim entendido, este trabalho está dividido em 04 (quatro) capítulos, abaixo registrados de acordo com os temas e respectivos conteúdos inerentes às discussões.

Capítulo I: “O encontro e reencontro com o quilombo”. Nesse contexto, procedeu-se a pesquisa de campo, desenvolvida a partir da relação de confiança constituída entre pesquisadora e agentes sociais quilombolas. Fato que possibilitou o encontro e reencontro com agentes sociais, expondo-se as vivências cotidianas do quilombo, assim como procedeu-se aos desafios de agregar dados acerca do processo de escuta e contato com os agentes sociais dessa pesquisa;

Capítulo II “Agarrado em São João Batista: narrativas e memórias do quilombo São João do Urucurituba”. Neste, procedeu-se à análise interpretativa de teóricos, entrevistas e iconografias que dialogam sobre o processo de formação da unidade social e a chegada do ex-escravizado portando a imagem de São João Batista.

O capítulo III: “Entre as travessias e o Atlântico: a história de um quilombola”. Aqui, os argumentos utilizam-se das memórias de agentes sociais da unidade social Quilombo São

João do Urucurituba, que trazem suas lembranças, ou seja, trata-se daquelas recordações acerca da formação e territorialização do Quilombo São João do Urucurituba;

Por fim, apresento o IV e último capítulo, intitulado: “O quilombo no contexto fotográfico: por entre imagens e expressões do movimento político-organizativo”. Para dar conta dessa fundamentação, analisou-se a forma pela qual as memórias estão objetivadas no campo de disputas territoriais que versam, portanto, sobre as lutas, entraves e conquistas do movimento político-organizativo.

Tomando por base a elaboração desses temas, recorreu-se a um arcabouço teórico capaz de dialogar diretamente com as fontes empregadas como primárias, nesse caso, as entrevistas transcritas dos agentes sociais da unidade São João do Urucurituba. Tais narrativas foram coletadas em momentos distintos no campo, ou seja, isto se deu através da *oficina de reconhecimento como quilombola*, assim como estabeleceram-se estreitas relações por via da pesquisa empírica.

Considerando a especificidade da pesquisa que versa sobre essa unidade social na região amazônica, o trabalho exigiu, sobremaneira, um olhar criteriosamente cuidadoso, motivo pelo qual tornou-se conveniente descrever aquelas construções de confiança em face da coleta de dados, aqui apresentados e devidamente analisados, ressaltando-se, com isso, as trajetórias de lutas da Associação dos Remanescentes Quilombolas de São João do Urucurituba-ARQSJU em prol de seus direitos étnicos e territoriais, doravante discussões propostas no último capítulo.

CAPÍTULO I

ENCONTRO E REENCONTRO COM O QUILOMBO “SÃO JOÃO DO URUCURITUBA”

Se as relações constitutivas do campo de oposição cultural não revelam completamente seu sentido e sua função (...) [estas podem ser] referidas ao campo das relações entre as posições ocupadas por aqueles capazes de produzi-las, reproduzi-las e utilizá-las.

Bourdieu, 2013, p. 168

Ao retornar a vida profissional em Barreirinha, precisamente na esfera da educação, vivencio o encontro e reencontro com o quilombo. Menciono essa questão, devido meus familiares maternos residirem no território do Paraná do Urucurituba. Porém, quando tinha seis anos de idade saí do território, retornando apenas nas férias escolares para a casa de meus avós.

No ano de 2019 início um novo desafio profissional, fui convidada para atuar como coordenadora local do PARFOR/UFAM⁵, em Barreirinha, passando a compor o quadro de técnicos da Secretaria Municipal de Educação. Nesse processo, comecei acompanhar a equipe do setor pedagógico indígena, vivenciando toda articulação e o modo de fazer pedagógico indígena. Isto despertou em mim o interesse em aprofundar o conhecimento sobre a temática da educação indígena. Todavia, resolvi apresentar ao meu professor, João Marinho da Rocha⁶, a ideia de uma proposta de mestrado nesse campo que, por sua vez, questionou-me: “Que tal você estudar sobre relações étnicos raciais?” A esse respeito, o professor sugeriu a leitura de vários autores, indicando, ainda, que consultasse aquelas legislações que versavam sobre a temática.

Foi então que retomo a uma das atividades vivenciadas na universidade: a luta pelos direitos étnicos do quilombo do Rio Andirá⁷. Resolvi pesquisar e aprofundar a questão, a ponto de buscar conhecer mais sobre a presença quilombola no município de Barreirinha; fato, aliás, que me levou a propor junto à Prefeitura do município a criação de um Departamento de Educação Escolar Quilombola, que, *a priori*, não foi aceito.

Convém ressaltar que a luta pela implementação da educação escolar quilombola no município de Barreirinha é uma reivindicação anterior do movimento quilombola do rio

⁵ Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR).

⁶ Doutor em Sociedade e Cultura-UFAM, professor efetivo da Universidade do Estado do Amazonas-UEA, no Centro de Estudos Superiores de Parintins -CESP.

⁷ O quilombo do Rio Andirá, está situado em Barreirinha, e foi reconhecido em 2013 pela Fundação Cultural Palmares-FCP.

Andirá, em especial de Maria Amélia Castro (Lourdes). A pesquisadora Costa⁸ (2023), dialoga sobre a *aplicabilidade da legislação nos quilombos do rio Andirá e a criação do Setor de Educação Escolar Quilombola* no município de Barreirinha.

No ano de 2020, após mudança na gestão da Secretaria de Educação, considerando orientações de funcionamento de alguns departamentos, o gestor Márcio Rogério Tavares Reis⁹, então nomeado como Secretário de Educação, ao saber do meu compromisso junto ao movimento quilombola, perguntou-me se aceitava o desafio de implementar a educação escolar quilombola em Barreirinha. A educação escolar quilombola é uma modalidade de ensino que deve ser aplicada nas escolas pertencentes a territórios quilombolas ou que receba alunos oriundos desses territórios, conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Escolar Quilombola (Parecer, 2012, p.16).

Aceitei a proposta e, após diálogo com as lideranças quilombolas do Rio Andirá, iniciei todo o processo organizativo desse Setor. Segundo estabelecido na Convenção nº 169 da OIT¹⁰, cabe o dever de consultas, esclarecimentos e consentimentos, individuais e coletivos a populações específicas, acerca dos projetos e ações que afetem diretamente suas vidas. Nesse aspecto, no que se refere a quilombolas, compete a eles: “... consultar os povos interessados, mediante procedimentos apropriados e, particularmente, mediante a suas instituições representativas, cada vez que sejam previstas medidas legislativas ou administrativas suscetíveis de afetá-las diretamente” (Convenção 169/OIT, art. 6, b).

Com o Departamento em funcionamento, no mesmo ano, minha prima Jesus Colares¹¹, da unidade social¹² quilombola do São João do Urucurituba foi até o Setor Pedagógico quilombola e sinalizou que gostaria que essa unidade social também estivesse integrada ao processo. Diante dessa reivindicação busquei contato com o presidente da unidade, o professor Julesmã Teixeira Colares¹³. Na ocasião, nosso interlocutor reafirma a presença quilombola no Paraná do Urucurituba, apresentando as quatro unidades sociais quilombolas. “São João do Urucurituba, Vila Carneiro, Monte Horebe e Igarapé do Mato”.

⁸ Acerca desse processo indico a leitura da dissertação da pesquisadora Costa (2023). Capítulo II- Lutas históricas do movimento negro por direitos étnicos: a construção do processo de formação educacional dos quilombos do Andirá. (conf. Costa, 2023, p. 60 a 80).

⁹ Atuou como Secretário de Educação de 2020 a 2024 e é formado em Gestão Pública pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Possui Especialização em Gestão Pública pelo IFAM.

¹⁰ OIT- Organização Internacional do Trabalho, cuja Convenção tratou de estabelecer normas internacionais para Povos Indígenas e Tribais.

¹¹ Filha de Vicência Colares de Jesus, agente social dessa pesquisa

¹² Utilizo os termos “unidades sociais” para apresentar o quilombo São João do Urucurituba. (Conf. Almeida 2011)

¹³ Julesmã, é professor efetivo na Escola Santa Ana, presidente da Comunidade e atuou frente ao processo de criação da associação

Estas quatro unidades sociais estão situadas no território banhado pelo Paraná do Urucurituba, afluente do rio Amazonas. A partir dos relatos de seu Julesmã firmamos parcerias para então viabilizar o processo de inserção no censo escolar da escola Municipal Santa Ana, situada no quilombo São João do Urucurituba (Vide Iconografia 1).

Iconografia 1. Primeira visita Julesmã no setor quilombola, juntamente com outras lideranças.



Fonte: Ar. E. R. Abril de 2024.

Outra atividade que compõe o histórico de formação do Setor de Educação Escolar Quilombolas, ocorreu no dia 19 de abril de 2022. Trata-se de nossa ida ao Quilombo São João do Urucurituba. Saímos de Barreirinha às 7h da manhã com chegada no quilombo às 10h para realizar orientação e dialogar com lideranças sobre duas pautas: uma diz respeito a APMC; e a outra se propôs a discutir acerca do processo de implementação da Educação Escolar Quilombolas. Tais questões seriam de fundamental importância, todavia, para o alcance desses propósitos o marco fundamental se reporta avançarmos no processo de reconhecimento como *quilombolas* para, desta feita, se ter como efetivado tais direitos em face das políticas públicas afirmativas destinadas a tal grupo étnico.

A (iconografia 2) abaixo apresenta o encerramento do diálogo com os agentes sociais, estando também presentes os pais de alunos, as lideranças, bem como os professores e alunos representantes da escola.

Iconografia 2: Diálogo sobre educação escolar quilombola



Fonte: E.R., ano 2022.

Todavia, esbarramos nos entraves da legalidade, pois era preciso ter a certidão de reconhecimento da Fundação Cultural Palmares-FCP, para então ser inserida no Censo Escolar. Nessa circunstância, Julesmã relata que há anos estava no aguardo do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica-CNPJ da Associação, que vinha sendo enganado pelo responsável do escritório que estava à frente da questão. A inscrição de CNPJ, era um dos critérios de inserção para o processo de reconhecimento de unidades sociais quilombolas, conforme demandado pela Fundação Cultural Palmares-FCP.

Diante desse entrave, começamos a estudar todas as possibilidades junto a unidade, para ver como superar o problema e nenhuma solução aparecia. Até chegarmos à convicção de que precisaríamos avançar no processo de reconhecimento da unidade social junto à Fundação Cultural Palmares. Porém, conforme relatado anteriormente, também nos deparamos com vários obstáculos em face da dificuldade quanto acessar os documentos então exigidos pela FCP, assunto a respeito do qual envolve questões devidamente analisadas no capítulo IV desta dissertação.

Tendo em vista inúmeros limitações para avançar no processo de reconhecimento da unidade social e, mesmo após diálogos estabelecidos com os agentes sociais representantes da Associação dos Remanescentes Quilombolas do São João do Urucurituba-ARQSJU¹⁴,

¹⁴ A associação foi criada em 2010, fundada em 2016, a história de criação e fundação pode ser verificada no IV capítulo dessa dissertação.

extensivo a presença do Presidente da Comunidade e demais lideranças, tais demandas permaneciam sem nenhuma possibilidade de avanço. Em meio a esses entraves, em 2022, decidi submeter o projeto de pesquisa para o processo seletivo de mestrado no Programa Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas-PPGICH, pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Todavia, essa submissão se deu por uma estratégia juntamente com a unidade social ou unidade de mobilização¹⁵ São João do Urucurituba, visando superar as nossas dificuldades em avançar no processo de reconhecimento e com o intuito de conhecer novos caminhos que nos levassem a efetivação desse processo.

Abaixo em (iconografia 3) se tem o registro das duas lideranças do quilombo que estiveram no Setor Pedagógico de Educação Escolar Quilombola¹⁶ por ocasião dessa visita que teve por objetivo prestar informações e o assentimento quanto à pesquisa que seria por mim desenvolvida sobre aquela unidade social.

Iconografia 3: Visita ao setor pedagógico quilombola das lideranças quilombolas: Marley Frazão, Julesmã Teixeira Colares e Ryllare Dutra.



Fonte: E.R, dezembro de 2022.

Uma outra questão tratava-se de realizar parceria com o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia-PNCSA¹⁷, que, entre outros objetivos, tem por propósito contribuir com unidades

¹⁵ A expressão Unidade de Mobilização consiste numa noção operacional utilizada como recurso explicativo mediante situações de conflitos sociais (Almeida, 2011, p. 11).

¹⁶ O referido setor foi reconhecido e aprovado através da Lei Municipal Nº 284, de 20 de dezembro de 2021. Cria o setor pedagógico quilombola no setor administrativo da SEMED.

¹⁷ O projeto nova Cartografia Social da Amazônia-PNCSA executa atividades a partir de ações combinadas entre o Projeto Novas cartografias Antropológicas da Amazônia-PNCAA, do Centro de Estudos Superiores do Trópicos

sociais na Amazônia brasileira e, por via do mapeamento social como instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação, insere-se no processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais. É por meio dessa intervenção que, segundo Acevedo Marin:

Se constrói uma memória coletiva que serve à construção de aspectos-chaves da dimensão metodológica da pesquisa sobre identidades coletivas, territorialidades específicas e mobilizações sociais essa memória do presente é um instrumento do posicionar-se politicamente no futuro (Acevedo Marin, 2013, p. 103).

Almeida, 2013 elenca:

A partir de técnicas de mapeamento social, os trabalhos de pesquisa do Projeto Novo Cartografia Social na Amazônia, PNCSA, visam analisar os processos diferenciados de territorialização, hoje em pauta na Amazônia, e sua relação com a emergência de identidades coletivas objetivadas em movimentos sociais. Tais identidades são múltiplas e configuram uma diversidade sociocultural amazônica. Elas são expressas por diferentes identidades coletivas aglutinadas consoantes, denominações locais, tais como: ribeirinhos, seringueiros, quilombolas, indígenas, piaçabeiros, pescadores artesanais, castanheiros, artesãos e artesãs do arumã, do tucu, do cipó, Amazônia. E das palhas em sementes. Indígenas que residem em cidades, quebradeiras de coco, babás, peconheiros, coletores de açaí, dentre outras. Cada uma dessas categorias de identidade acha-se agrupada segundo uma forma organizativa própria, construindo mediante mobilizações excessivas suas territorialidades específicas através de uma crescente autoconsciência cultural. Elas têm mobilizado forças para defender suas territorialidades daqueles interesses predatórios responsáveis maiores pela devastação ambiental e sobretudo pelos desmatamentos e pela contaminação dos recursos hídricos. Para tanto, elas desencadeiam campanhas contra madeireiras, projetos agropecuários, usinas de ferro e algodão. Usa mineradoras que devastam recursos naturais (ALMEIDA, 2013, p.28).

A partir de tais entendimentos, dialogamos com a proposta do projeto com o tema desta pesquisa de mestrado: *Quilombo São João do Urucurituba: História e memória do processo de territorialização em Barreirinha, Am.* A reunião foi realizada no Setor Pedagógico Quilombola, onde trabalhava e assim fui me preparando para cada fase e comemoramos juntos a cada etapa vencida. E continuaremos até fechar o processo de reconhecimento em andamento, assim como essa pesquisa.

A imagem a seguir apresenta a visita de lideranças ao setor após a aprovação no mestrado. Nessa circunstância foram deliberados vários assuntos. Dentre eles utilizando a bandeira da CONAQ¹⁸, as lideranças vieram dar apoio a nova etapa e principalmente festejar a inserção de mais uma unidade quilombola nas pesquisas. Fato que abre caminhos para o processo de reconhecimento. A (iconografia 4) apresenta o encontro das lideranças do Andirá e Urucurituba.

Úmido da Universidade do Estado do Amazonas (Conf. "Povos e Comunidades Tradicionais" - Nova Cartografia Social, 2013, p. 11).

¹⁸ Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas-CONAQ- Amazonas-AM.

Iconografia 4: Lideranças quilombolas do Rio Andirá e do São João do Urucurituba. Março de 2023.



Fonte: E.R, março de 2022.

Os reencontros entre as lideranças das unidades de mobilização do rio Andirá e São João do Urucurituba tornaram-se constantes, é a partir das alianças firmadas que os caminhos se entrelaçam, criando possibilidades para o quilombo do Urucurituba retomar seu processo de luta identitária.

No próximo tópico apresento o processo de coleta de dados, aspectos, desafios e caracterizo parcialmente os processos de deslocamento até a unidade social.

1.1 Descrição Etnográfica do campo em São João do Urucurituba

Vivenciar o estudo no que tange a pesquisa de campo na contemporaneidade, requer estreito compromisso para com os agentes sociais. Para tanto, faz-se necessário estabelecer relações de reciprocidade com vista a não afetar o resultado dos dados obtidos pela pesquisa empírica. A respeito disso, Bourdieu enfatiza:

Ainda que a relação de pesquisa se distinga da maioria das trocas de existência comum, já que tem por fim o mero conhecimento, ela continua, apesar de tudo, uma *relação social* que exerce efeitos (variáveis segundo os diferentes parâmetros que a podem afetar) sobre os resultados obtidos (Bourdieu, 2008, p. 693).

Ocupar-se da etnografia como uma relação dialógica entre pesquisador e agentes sociais, implica construir uma relação de confiança e minimizar a violência simbólica, tonando-

se, isto, uma preocupação do pesquisador. Sobre os dados da pesquisa Bourdieu (2008, p. 693) é enfático ao se reportar às interrogações científicas, que, segundo ele, devem “exclui, por definição, a intenção de exercer qualquer forma de violência simbólica capaz de afetar respostas” aos questionamentos.

Nessa perspectiva utilizo a reflexão de Acevedo Marin (2013, p. 103), acerca da produção de fascículos – publicação, esta, resultante de ações exercidas por povos ou comunidades tradicionais –, como recurso etnográfico, tendo em vista que também me sirvo desse referencial analítico, demonstrando, nesta dissertação, como essa produção se torna um instrumento de mobilização político-organizativa desses grupos étnicos. A propósito disso, Acevedo Marin enfatiza que o fascículo enquanto descrição etnográfica:

Retrata a vida cotidiana e as instituições do grupo. Ainda opta pela linguagem do grupo e desta forma incorpora o que os agentes sociais dizem sobre si, o que os agentes fazem, o que os agentes pensam que se deveria fazer partindo do suposto da consciência da necessidade (Acevedo Marin, 2013, p. 103).

A reflexão de Acevedo Marin (2013), apresenta a importância e potência da memória como um instrumento de luta dos agentes sociais face a reivindicações por direitos que ganha força em territorialidades específicas no tempo presente.

Enveredando por essas reflexões, utilizo-me dos relatos de campo cujos dados dizem respeito aos três momentos em que estive no quilombo de São João do Urucurituba, nos anos de 2023 e 2024. Resguardando certa fidelidade acerca das informações observadas, descrevo o percurso que vai desde o deslocamento para o quilombo e, dada a complexidade do acesso aos rios que serpenteiam esta região, resalto as dificuldades enfrentadas ao longo das viagens enfrentadas. Com o intuito de identificar os fatores que caracterizam o processo de formação do quilombo procuro, *a priori*, compreender, pelas narrativas dos agentes sociais, a história de vida dos dois ex-escravizados que em tempos idos adentram aqueles afluentes do rio Amazonas.

A posteriori os fatos vão se cristalizando através da linhagem de descendentes dos ex-escravizados, fato que lhes dá o direito de pertencimento e permanência em espaços culturalmente construídos sob a designação de *territorialidades específicas*. Conceito que, segundo Almeida (2008, p. 29), pode ser interpretado “como resultantes e de diferentes processos sociais de territorialização e como delimitando dinamicamente terras de pertencimento coletivo que convergem para um território”.

No mês de dezembro de 2023, em virtude de uma ação realizada pela Coordenação Estadual da CONAQ-AM, retornei à unidade social quilombola São João do Urucurituba. Como membro da equipe de articulação, fui designada a realizar uma ação em duas unidades

sociais quilombolas. São elas: Vila Carneiro e a unidade social São João do Urucurituba.

Assim, no dia 21 de dezembro de 2023 às 18h saí do porto de Manaus, para Barreirinha. Por via fluvial na embarcação Almir Araújo, na companhia de João Xisto, Presidente da Federação das Organizações Quilombolas do Município de Barreirinha-FOQMB, após 25 horas de “barco de linha”, chegamos em Barreirinha às 19h00 do dia 22 de dezembro de 2023.

No dia 23 às 13h00, organizamos as cestas básicas na embarcação denominada “Quatro Estrelas”. Subindo o Paraná do Ramos, adentramos no Paraná do Limãozinho e Paraná do Marinheiro, chegamos ao Paraná do Urucurituba que dá acesso à unidade social quilombola São João. Nesse trajeto passamos por 4 unidade sociais: uma ribeirinha e duas unidades sociais quilombolas: a Vila Carneiro e Monte Horebe. Em virtude da estiagem o Paraná do Urucurituba torna-se a única forma de acesso possível vindo de Barreirinha. Nessas circunstâncias de seca, além de ser o mais distante, segundo versam as narrativas correntes no local. Chegamos à unidade às 20 horas, momento que contamos com a ajuda dos agentes sociais que desembarcaram as cestas básicas destinada a auxiliar no enfrentamento da estiagem. Convém ressaltar que pela primeira vez a comunidade recebe auxílio já portanto a denominação de *unidade social quilombola*.

Os líderes quilombolas já haviam mobilizado os agentes sociais a participarem da reunião. Ao iniciar as falas de abertura, o presidente da associação ARQSJU apresenta nossa equipe que foi composta por: Joana Caroline Alves¹⁹, Maria Amélia²⁰ liderança da CONAQ-AM e eu Edicleuza Costa Ribeiro²¹. O presidente da associação, Denilson Conceição Correa²², agradece a ação dando boas-vindas à equipe e externa a alegria por receber a equipe da CONAQ-AM.

Seu Julesmã, liderança, menciona que: “é uma honra, poder ver que o que eles haviam idealizado há muito tempo, começa a acontecer e através da mobilização da Associação”²³.

Maria Amélia, em seu pronunciamento, afirma que “é preciso acreditar no processo que está avançando, pois, mais longe já estivemos”²⁴. Enfatiza essa liderança que sempre levantou a bandeira da unidade em suas reivindicações.

Após o pronunciamento e, na oportunidade, apresento os resultados alcançados referentes ao desdobramento da solicitação de revitalização do Centro de Ciências e Saberes

¹⁹ Joana Caroline Alves Técnica do setor pedagógico quilombola, liderança quilombola.

²⁰ Maria Amélia Liderança quilombola do quilombo do Rio Andirá e membro da CONAQ-AM

²¹ Edicleuza Costa Ribeiro Liderança Quilombola, mestranda PPGICH/UEA, membro CONAQ-AM.

²² Denilson Conceição Correa Presidente da Associação Quilombola-ARQSJU.

²³ Julesmã Teixeira Colares, professor e presidente da Comunidade-Entrevista realizada em 23.12.2024

²⁴ Maria Amélia Liderança quilombola do quilombo do Rio Andirá e membro da CONAQ-AM. Fala transcrita em 23.12.2023

“Floriza Pereira de Jesus”, em São Luiz do Maranhão. Firmado novamente o compromisso da unidade com o projeto de revitalização de Museus Vivos na Amazônia, momento de muita alegria para o quilombo.

Iconografia 5: Diálogos sobre a revitalização do museu Floriza Pereira de Jesus.



Fonte: E.R. – Em, 23 de dezembro de 2022.

Posteriormente à ação fomos convidados a jantar na casa de seu Julesmã, tendo os agentes sociais preparado um jantar à base de bodó assado e peixes fritos. O que marcou uma noite de muitas histórias sobre a formação do quilombo, sendo ali ressaltadas as dificuldades enfrentadas na estiagem, ou seja, sempre as vazantes dos rios representam tempos de calamidade, tendo em vista a escassez do pescado entre outras dificuldades enfrentadas. Segundo reportagem no jornal da UNESP “a seca que afetou o rio Amazonas em 2023, causou a maior queda nos níveis dos rios que já registrada, e está relacionada a mudanças climáticas”.

Dona Bernadete²⁵ agente social, nos relata com tristeza sobre a putrefação de peixes mortos nos rios e lagos que banham o quilombo: “A seca está tão forte, chega dá uma tristeza, que até boto encontramos morto. Os peixes boiavam tudo morto e vinham para a margem dos rios, causando odor e tornando a água poluída e imprópria para o consumo” Convém ressaltar que com a inexistência de poços artesianos e água encanada, foi possível perceber que os moradores tiveram problemas de saúde em decorrência do consumo da água contaminada.

²⁵ Bernadete Pereira dos Santos-Entrevista realizada em sua residência em 23.12.2024. Bernadete é agente social, esposa de seu Julesmã Colares.

Iconografia 6: Paraná do Urucurituba, reflexos da estiagem em 2023.



Fonte: Professor Marcelo, dezembro de 2023.

Nesse contato, realizei a ação e retornei justamente com a equipe para outra unidade social quilombola Vila Carneiro, onde realizamos mais uma etapa da ação e, em seguida retornamos para Barreirinha ainda no dia 24 de dezembro, véspera de Natal.

1.2 Descrição do segundo reencontro com o campo: Oficina de reconhecimento como quilombala em 2024.

No dia 30 de janeiro de 2024 às 18h," saí de Manaus para Barreirinha no “barco de linha” *Maria Cardoso* para realizar uma outra etapa do campo. O propósito da ida ao campo consistia em acompanhar a “Oficina de Reconhecimento dos Agentes Sociais” da unidade social São João do Urucurituba, que estava sendo organizada pela Coordenação Estadual da CONAQ-AM e IEB²⁶. Cheguei em Barreirinha no dia 31, às 17 horas.

Para essa ação era necessário otimizar o tempo de deslocamento até a unidade social. Nessa perspectiva, saímos às 7 horas da manhã do Porto Hidroviário de Barreirinha, em lancha de força 150 que comportava 9 pessoas. Para essa ação a equipe estava composta pelos seguintes companheiros de trabalho: Douglas Castro, Maria Amélia Castro, Raquel Castro, Aquila Castro, André- Instituto IEB, eu, Edicleuza Costa Ribeiro, e Marley Frazão da unidade social.

²⁶ Instituto Internacional de Educação do Brasil-IEB. A missão do IEB é fortalecer os atores sociais e o seu protagonismo na construção de uma sociedade justa e sustentável, por meio de formação de pessoas, fortalecimento e articulação de instituições e grupos comunitários, e geração e disseminação de conhecimento. (conf. <https://iieb.org.br/>)

Para esse trajeto viajamos pelo Paraná do Ramos, chegando ao rio Urucarazinho, mais conhecido como Paranazinho pela unidade social, passamos pelo “furo do Luzio”, até o “Lago Grande” e posteriormente no Paraná do Urucurituba onde está situado o quilombo. Devido o motorista da lancha não conhecer o atalho, tivemos o auxílio de um agente social que nos guiou até o quilombo.

Nesse percurso, é possível perceber a dominante presença de uma espécie de arroz nativo nos lagos e rios da região, embora não seja utilizada como potencial econômico. No percurso paramos várias vezes, pois, a passagem ainda não estava propícia para o acesso com embarcação do tamanho da lancha que viajavamos.

Um outro ponto que convém descrever diz respeito aos barcos pesqueiros, vinculados à pesca predatória, portanto, uma das artimanhas dos agronegócios que se apropriam dos lagos que pertencem ao quilombo, afetando profundamente as formas de vida dos moradores dos quilombos. Os meios por eles utilizados são perversos, visto que impõem ao meio ambiente prejuízos provocados pela utilização de diversas malhadeiras e outros equipamentos apropriados para a pesca profissional, entre outras espécies de peixes, dentre as quais o mapará. Daí a denominação de *maparazeiros* como forma de identificar esses pescadores ligados ao alto e rentável negócio. O agente social, Ademir, afirma: “tem esses *maparazeiros*, eles pescam nos lagos. Eu não concordo que eles entrem no lago. Eles tiram [os peixes] vão embora”²⁷.

A unidade está inserida e amparada por leis ambientais municipais que trata do uso consciente dessas áreas. Ademir fala sobre um acordo de pesca que foi pactuado:

O pessoal do IBAMA vieram [*sic*] dizer que cuidavam que esses barcos de pescas, não entrasse aqui. Mas, mesmo assim, os peixeiros [invasores] eles voltaram aqui e continuam entrando aí, invadindo! Aí, foi feito esse acordo proibindo a retirada do peixe, daqueles lagos que era pra procriação e tem aqueles outros aí que foi feito pra manutenção no lago do Urucurituba, e é mesmo esse lago que ele [fazendeiro] *escacia* (nega). Outro que ele *escacia* é o do Aninga, esse que fica bem ali na margem, aqui do Paraná, esse lago, aqui, deixaram pra manutenção²⁸.

Segundo a Portaria Municipal nº. 237/2008: “... as unidades sociais cumpririam o acordo referente ao zoneamento dos rios, assegurando o estabelecido no art. 2º, 3º 4º, que determinam as categorias de preservação, manutenção e categoria comercial dos lagos” . Porém, tais situações de invasão de pescadores de outro estado, tem afetado diretamente os agentes sociais, principalmente a questão da conservação ambiental e econômica, pois, estes entendem que os lagos são áreas de uso comum. Todavia, não há uma unidade de monitoramento que garanta a fiscalização ambiental das áreas, o que ocasiona o silenciamento diante a essa realidade. Ainda

²⁷ Ademir Andrade – Entrevista realizada em 06/05/2024) em sua residência.

²⁸ Ademir Andrade – Entrevista realizada em 06/05/2024) em sua residência

segundo a Portaria, as seguintes unidades fazem parte do acordo:

Fica instituída o acordo de pesca Municipal dos limites do Paraná do Urucurituba e Paraná do Ramos de acordo com as decisões democráticas das comunidades: Vila Carneiro, Vila Bentes, Monte Horebe, Vila São João Batista, Caranã, Vila Pereira, Maloca, Vila Batista, São Pedro, Boca do Cabral, Boca do Lago Preto, Sapateiro, Distrito de Terra Preta do Limão, Distrito de Pedras, juntamente com o parecer do Sindicato dos trabalhadores Rurais, Colônia dos Pescadores de Barreirinha Z-45 e Secretaria de Cultura, Turismo e Meio Ambiente-SECTRAM (Portaria 337/2008).

Destaco o artigo 1º dessa Portaria para chamar à reflexão de como a unidade São João do Urucurituba é reconhecida nas instituições municipais. A unidade social é descrita como “Vila São João Batista”. Convém destacar que, na atualidade, ou seja, em 2025, essa denominação requer, por mérito, uma reparação histórica, tendo em vista que percorridos 16 anos dessa Portaria deverá, ao ser reformulada, incorporar o termo *Quilombo* ao invés de “Vila São João Batista”. Caso contrário, a utilização da terminologia *vila* serve ao propósito de sustentar o apagamento institucional diante da autodefinição de seus agentes sociais quilombolas. A ideia de padronização da Amazônia em categorizar a denominação genérica de *ribeirinhos* e, por isso mesmo, ocultando-se outras denominações étnicas, apagando-as, por assim dizer, como pertencentes a outras territorialidades específicas.

Devido a força do motor HP da lancha e devido a escolha da embarcação, a viagem foi rápida. Chegamos ao quilombo às 9 horas. A lancha não podia chegar até o porto, pois era uma área que a água ainda não tinha subido o suficiente para dar acesso. Nesse sentido, tivemos que mudar de transporte. Passando da lancha para uma canoa que estava *atracada* em um barco próximo ao porto da comunidade, o companheiro Douglas Castro, improvisando um remo, utilizando-se de uma estaca remou até o porto e transportou em duas viagens nossa equipe e equipamentos que seriam utilizados na ação, como é possível observar no registro abaixo (Iconografia 7).

Iconografia 7: Chegada da equipe CONAQ/AM ao Quilombo



Fonte: A.R, fevereiro de 2024.

É conveniente informar que nossa viagem foi rápida devido o transporte pensado para a circunstância. Todavia os agentes socais utilizam-se de transportes próprios para o deslocamento até as cidades vizinhas, Barreirinha, Urucurituba, Boa Vista e Parintins. Apropriam-se de embarcações como, bajaranas com motor rabeta, barco e voadeiras.

Fomos acolhidos pelos agentes sociais e direcionados à casa de Ademir Andrade Filho, filho de dona Marley. Em sua residência estivemos acolhidos por 4 quatro dias. Após nos acomodar, fomos chamados para o café da manhã preparado para nossa equipe. Dona Eliane Moreira dos Santos, cozinheira, foi quem cuidou da nossa alimentação nessa ação. As refeições foram servidas na cozinha improvisada da Escola Municipal Santa Ana, disponibilizada pelo coordenador da escola, Juslemã Colares. Essa cozinha foi palco de muitas narrativas e memórias que marcam essa etapa da pesquisa, principalmente acerca de saberes e fazeres quilombolas. Aqui, dona Eliane, conta sobre conflitos referente a plantação de mandioca e desrespeito de fazendeiros. Conta sobre a produção do piracuí e sobre as cerâmicas encontradas no quilombo. Referente a plantação da roça e seus danos, dona Eliane Moreira acrescenta:

Plantamos uma roça aqui no “Vareta²⁹” com a comadre Bernadete, estava linda, o búfalo de um fazendeiro foi lá e destruiu toda a maniva que tínhamos plantado, pois, antes a gente plantava e tudo dava. Agora é difícil, e até hoje não pagaram nosso prejuízo. A gente faz a farinha ali, nessa casa de farinha. Ou melhor, fazia, pois este ano foi destruído. Agora, só depois de plantar novamente³⁰.

²⁹ É um local situado no território utilizado para a produção agrícola da unidade.

³⁰ Eliane Moreira, produtora de piracuí, Entrevista realizada em 02.02.2014, na cozinha da Escola Municipal Santa Ana.

Por coincidência ou estratégia institucional, ao chegamos à unidade uma equipe de vacinação também chega ao local. Como iríamos ficar mais tempo na unidade cedemos um tempo para a realização dessa atividade. A ação durou por volta de uma hora, aliás, uma das formas de mobilizar a comunidade, se dá através das badaladas do sino, uma maneira comunicacional ao alcance dos moradores locais; outra forma de se comunicar com aqueles que ficam à distância do quilombo utilizam-se de fogos de artifício, comumente chamados de *foguetes*. Em poucos minutos, crianças, jovens, adultos e idosos atualizaram suas vacinas.

Encerrada a ação da vacina, já com a presença dos agentes sociais, iniciamos a oficina de reconhecimento étnico. Devido a pertinência da ação utilizo o discurso dos agentes sociais como entrevistas, nessa perspectiva transcrevi as falas das oficinas e assembleias de autorreconhecimento. O Sr. Denilson Conceição, presidente da Associação-ARQSJU, dando boas-vindas a todos, utilizou-se da palavra:

Bom dia a todos. Eu, sou o presidente da Associação. Então eu estou a princípio, bastante feliz, todos nós estamos muito felizes por ter essas pessoas aqui *com nós*. Tem aqui pessoas que já vieram aqui na nossa comunidade, pessoas que ainda nunca vieram e hoje chegaram e tiveram a oportunidade de conhecer a nossa realidade. Eu me sinto muito feliz de estar hoje aqui. A gente está trabalhando para que as coisas continuem andando. Desde quando começamos, até agora estamos em pé, juntos com o professor. Agora que estamos começando a caminhar; vamos caminhar daqui para frente. Está aqui o pessoal da CONAQ: tem a comadre Marley, a professora Raquel, a Dona Lourdes, a Edicleuza e o grande Douglas, tem também aqui o amigo nosso lá de Brasília, o André. Agora a palavra fica com vocês. E muito obrigado!³¹

Julesmã, o presidente da comunidade, fala da alegria que está vivendo no momento, enfatizando que é uma honra para seus avós, os primeiros fundadores e, diante de tanto entrave, esse dia que é muita alegria o que a comunidade de São João está vivendo. E ressalta: “Eu vivi par ver esse momento”. Ao tempo em que Julesmã convida para rezarem um pai nosso e declara aberta a Oficina de Reconhecimento:

Hoje, primeiro de fevereiro de 2024, é um prazer muito grande que eu, Julesmã, como coordenador da comunidade e também da escola, fazer parte desse convívio, e eu peço a todas as pessoas principalmente aqui da comunidade para participar; que se interesse por esse momento tão especial pra nós. É porque desde de 2008 que começamos, agora que estamos começando a dar os passos, pois, antes, nós estávamos nos arrastando, agora não, nós já estamos de pé graças a Deus e a essas pessoas que se dispuseram a nos ajudar, aí eles estão aqui! Então, eu declaro aberta nossa reunião e uma salva de palmas para todos nós³².

Passando a palavra para o articulador da CONAQ-AM, Douglas Castro, que fala sobre o objetivo da ação e convoca os agentes para participar e nos auxiliarem na ação no decorrer da

³¹ Denilson Conceição Correa, presidente da ARQSJU – Entrevista realizada em 01.02.2024, no Centro Social São João Batista.

³² Julesmã Texeira Colares. Entrevista realizada em 01.02.2024 no Centro Social São João Batista.

semana.

Olá pessoal, bom dia a todos. A gente que agradece a cada um de vocês que está aqui nessa reunião. Esse nosso primeiro encontro aqui São João do Urucurituba é para a gente poder fazer esse trabalho com vocês, de certificação, que era uma demanda da comunidade. Na primeira conversa que eu tive com Denilson, a gente se comprometeu para fazer essas etapas de março!³³

Em seguida Douglas Castro apresenta a equipe e pede que cada um proceda em sua apresentação, ressaltando sua função junto à CONAQ-AM. Prossegue, explicando que os Coordenadores farão pequenas falas acerca de suas funções. A seguir, registra-se o pronunciamento da Coordenadora do Coletivo de Questões Agrárias, representado por Maria Amélia:

Bom dia a todos, e a todas, né? Eu quero agradecer em primeiro lugar a Deus e a essa nossa equipe aqui presente. Pois, estamos aqui juntos de vocês e dizer para vocês que é eu já estive, aqui! É a quarta vez que eu venho aqui nessa comunidade. Visitando, a primeira vez, eu vim com o professor João Vieira. Mas eu já ouvia falar do São João do Urucurituba desde 2005. Quando eu entrei para o Conselho Fiscal da FOQMB, na primeira gestão, e sempre eu trazia dentro de mim esse nome de *São João de Urucurituba*³⁴.

A Coordenadora pontua que esteve em outros momentos nesse quilombo, apresentando a inquietude em relação aos anseios para o reconhecimento oficial do quilombo. Em um outro trecho de sua fala ela apresenta os questionamentos que lhe assolavam em virtude do entrave interposto ao processo de reconhecimento. E sobre esses impasses a respeito do processo, questionava-se: “Por que não andava? Quais eram os motivos? Sobre esses questionamentos, afirma que: Toda vez que eu ia em Brasília, eu tocava nesse assunto do São João do Urucurituba”.³⁵ A propósito dessas afirmações, Maria Amélia, refere-se à luta sobre o direito à terra e da morosidade quanto à emissão das titulações de territórios tradicionalmente ocupados.

Áquila Castro, liderança do Rio Andirá, convoca a todos para a luta pelos direitos quilombolas e oferece ajuda e apoio da Federação das Organizações Quilombolas do Município de Barreirinha-FOQMB.

Bom dia, gente! Estamos aqui, como o Douglas, já falou, para tratar sobre o reconhecimento. Então, o que nós temos que fazer é nos unir. Assim como no quilombo do Andirá. E se unir para que isto venha acontecer em nosso meio, não é? Porque se não nos unirmos; correr atrás desses objetivos, a gente não vai saber o que é que nossos direitos, o que é preciso para nós! Então, eu digo assim: no quilombo do

³³ Sebastião Douglas Castro, Entrevista realizada em 01.02.2024 no Centro Social São João Batista.

³⁴ Maria Amélia Liderança quilombola do quilombo do Rio Andirá e membro da CONAQ-AM. Fala transcrita em 01.02.2024, no Centro Social São João Batista

³⁵ Maria Amélia Liderança quilombola do quilombo do Rio Andirá e membro da CONAQ-AM. Fala transcrita em 01.02.2024, no Centro Social São João Batista

Rio Andirá já estamos felizes, pois já estamos a meio caminho andado. E já estamos andando, como o *seu* Julesmã falou ali. Também *andemo*, já se *arrastemo*! E, agora, já estamos dando os primeiros passos. Né? E estamos feliz por já estar conseguindo.³⁶

A liderança em sua fala motiva os parceiros de luta para continuarem as reivindicações diante de dispositivos de direitos. Vejamos:

Então também eu digo, assim, vocês já engatinharam, agora estão em pé, para dar o primeiro passo. Então eu desejo a vocês união força e responsabilidade. Se as pessoas estão aqui na linha de frente, vamos dar o apoio para eles também. Eles sabem que têm nosso apoio. Sem união, gente, ninguém tem união, ninguém tem força de fazer nada. A união é que temos de ter; e se unir juntos a vocês, vamos muito além!³⁷

Tarciara Raquel – quilombola do quilombo de Santa Tereza do Matupiri e articuladora do Coletivo de Educação e do Coletivos de Mulheres –, utilizando-se da palavra, aborda sobre a importância de contribuir para o processo de reconhecimento:

E a gente está aqui para contribuir com o que estiver ao nosso alcance também. No que a gente poder ajudar a gente está aqui à disposição, pois estamos aqui para somar junto com vocês e isto é um prazer. Estou vindo aqui pela primeira vez. E nas comunidades o Ramos também é a primeira vez. E digo que muito feliz de estar aqui participando desse encontro.³⁸

Por fim, a palavra foi a mim franqueada na condição de representante junto ao Coletivo de Educação, momento em que resalto a fundamental importância dessa ação nos dias vindouros. Trata-se da participação de cada quilombola, fato que remete à *contação de história*, materializada na memória coletiva, enfatizando-se, portanto, que isto foi que permitiu compreender todo o processo de formação, de pertencimento e permanência dos quilombolas naquele território tradicionalmente ocupado, sob a designação de Quilombo de São João do Urucurituba.

Às 14 horas retornamos ao barracão para realizar a apresentação dos eixos temáticos que seriam necessários para o levantamento dos relatos sobre *a história e memória da formação do quilombo*. Após o exposto os agentes sociais quilombolas e memorialistas da unidade começaram a apresentar suas narrativas.

Seu Julesmã Teixeira Colares, narra sobre a trajetória e seu avô, Raimundo de Jesus Colares. Marley Frazão se reporta à conturbada trajetória de seu bisavô e resalta, ainda, a superação de obstáculos e a chegada de seu avô ao território. Denilson Conceição faz referência à chegada de seu avô, ressaltando o nomadismo, a constituição e a permanência da família no

³⁶ Áquila Castro, liderança do Rio Andirá, entrevista realizada em 01.02.2024 no Centro Social São João Batista.

³⁷ Áquila Castro, liderança do Rio Andirá, entrevista realizada em 01.02.2024 no Centro Social São João Batista.

³⁸ Tarciara Raquel Casro, quilombolada rio Andirá, membroda CONAQ-AM, entrevista realizada em 01.02.2024 no Centro Social São João Batista.

território. Esta constituição étnica é que dá ao quilombo a chancela da denominação histórica atribuída de *território de parentesco* instalado no Paraná de Urucurituba. Extensivo ao quilombo de São João do Urucurituba se tem a abrangência desse parentesco nos demais quilombos em face dos que ali chegaram, a saber: Vila Carneiro, Monte Horebe e Igarapé do Mato.

A seguir (Iconografia 8) apresenta-se os agentes sociais realizando a *contação de histórias* sobre o quilombo São João do Urucurituba: a chegada dos ex-escravizados e a formação do território.

Iconografia 8: Roda de conversas e escuta dos agentes sociais.



Fonte: Ar. E. R., fevereiro de 2024.

No dia 2 de fevereiro, às 5h da manhã, fomos acordados ao som de foguetes e barulhos de Trator. Trata-se da chegada de uma embarcação transportando uma equipe de funcionários de Prefeitura Municipal de Barreirinha, que tinha por propósito retomar discussões sobre a construção da Escola Municipal Santa Ana. Segundo os agentes sociais, a obra está parada há quase um ano. O problema diz respeito à falta de planejamento no tocante à reforma, ampliação e conclusão de obras relativas às escolas quilombolas, fato que tem se convertido em um dos entraves quanto a um direito constitucionalmente garantido.

Às 8 da manhã continuamos levantando dados e realizando a escuta de narrativas dos agentes sociais. Todavia, nesse dia o diálogo foi pautado em eixos temáticos como:

manifestações culturais e religiosas; fonte de renda e potencial econômico; formas de saberes e fazeres quilombola; tecnologias; artesanato e outros elementos que comportam o cotidiano quilombola.

Por se tratar de uma construção coletiva, as atividades foram realizadas no Centro Social São João Batista, os agentes sociais compartilharam as memórias através da oralidade. Quanto a isso, ressalta-se a participação dos adultos, de crianças e idosos a contribuir com os registros das memórias.

No dia 3 de fevereiro, o terceiro dia a ação foi realizada sob o comando de Tarciara Raquel, André e Maria Amélia continuaram a escuta e orientaram os participantes sobre a importância de realizar a Oficina de Mapeamento Social do Território, cujos agentes expressaram o desejo quanto a realiza-la o mais breve possível. Como resultado, decidiram encaminhar um documento à Cartografia Social, solicitando a realização da Oficina de Mapeamento Social. Almeida (2013, p. 32), referindo-se ao mapeamento situacional afirma que a partir da experiência de pesquisa do PNCSA:

[...] é possível focalizar diversas situações que os agentes sociais utilizam as identidades étnicas para categorizar-se a si mesmo e a outros com fins de interação, formando unidades políticas no sentido da organização. A etnicidade seria um modo de ação e de representação, um plano coletivo. Centramos o trabalho de campo e as análises dos limites étnicos que definem os grupos e não propriamente nos conteúdos culturais que expressam. Eles refletem uma nova realidade ou mais diretamente a tendência dos grupos se investirem, num sentido profundo, de uma identidade coletiva com propósito de reivindicar direitos essenciais à sua reprodução física e cultural. Esta nova realidade aparece associada à autodefinição dos agentes sociais e a sua condição de sujeitos (Almeida, 2013, p. 32).

Dentre os Griote, detentores da memória de formação do quilombo, os participantes ressaltaram seu Francisco Silva como detentor de memórias sobre o território. Todavia, em virtude de um problema de Saúde com sua esposa ele não pode participar das atividades da Oficina. Após deliberar sobre a questão com os agentes sociais e a equipe, em unanimidade, foi decidido que iríamos até a residência dele. Isto porque compete ao seu Francisco a detenção da memória acerca do quilombola, raptado da África com fuga do Maranhão para o Pará e, posteriormente, aportando no Amazonas. Porém, seu Francisco, reside em uma Cabeceira denominada “Cabeceira do Viadinho” próximo a unidade social Santa Maria do Lago Preto.

As 5h da manhã do dia 3 de fevereiro nos deslocamos para a Cabeceira do Viadinho. Dona Marley, filha de seu Francisco Silva, designou o jovem Madison Simas Lima, 21 anos, genro de dona Marley, como o nosso guia, responsável por pilotar a “voadeira” no trajeto até o sítio “Bom Lazer”³⁹, como é possível observar na figura a seguir.

³⁹ O sítio está situado na “Cabeceira do Viadinho”, este local possibilita acesso por terra ao Rio Andirá. Dada a

Iconografia 9: Nosso Guia e motorista da viagem, agente social Madson.



Fonte: Ar. E. R., fevereiro de 2024.

A manhã estava chuvosa, ainda assim decidimos seguir viagem. Como a lancha não tinha cobertura, estávamos preocupados com os equipamentos. Ao chegar no local, tivemos que adentrar lagos, furos, igarapés e igapós: como nos explica o agente social Ademir.

Vocês passaram pelo lago do Urucurituba, em seguida percorreram o Paraná do “Urucarazinho”, mais conhecido como “Paranazinho” que a gente chama, e vararam no Paraná do Ramos. Subiram, e em seguida entraram no Igarapé do Lago Preto, mais conhecido como Boca do Lago Preto. Aí vararam no lago do “Lago Preto”. Percorreram toda aquela extensão e entraram na “Cabeceira do “Viadinho”, e percorreram mais e chegaram lá no destino de vocês, o sítio “Bom Lazer”⁴⁰

No trajeto do Paraná do Ramos passamos em frente ao distrito de Pedras, Vila Pereira e Vila Batista, onde está situada a "Boca do Lago Preto" trata-se de um Igarapé", situada entre duas unidades sociais ribeirinhas, a saber: comunidade Nossa senhora de Nazaré e São José Vila Farias. A paisagem até a boca do Lago Preto marca a característica de vegetação de área de “várzea”. Ao adentrar no lago denominado Lago Preto é possível perceber a coloração da água, com mistura esverdeada e preta, terras altas que configuram uma área de “terra firme”.

Esse lugar devido à sazonalidade amazônica, torna-se o lugar de acolhida de agentes sociais que devido à subida das águas no período de cheia, deslocam-se para esse lugar. A “Cabeceira do Viadinho”, recebe no período de cheia, agentes sociais das unidades sociais

longa distância, é curioso registrar a chegada de um rapaz que veio a pé até a casa de seu Franciso, fazendo o percurso de uma fazenda situada no rio Andirá com intuito de trocar produtos alimentícios com Diesel.

⁴⁰ Ademir da Silva Andrade Filho - Entrevista realizada em 09.05.2024, em sua residência.

quilombolas, São João do Urucurituba, Igarapé do Mato⁴¹, Vila Carneiro e Monte Horebe.

Após horas de viagem adentramos a “Cabeceira do Viadinho”, tendo que reduzir a velocidade da voadeira e, por vezes, nos esquivar de galhos de árvore, pois a característica da vegetação é de igapó. Fomos de voadeira até onde foi possível transitar. Deixamos a voadeira e seguimos a pé, por estrada. No meio do trajeto, fomos abordados por uma vizinha de seu Francisco, que nos informa que ele havia acabado de descer⁴² para a Vila Santa Maria do Lago Preto, e que ainda era possível encontrá-lo no caminho. Retornamos ao igapó, e para nossa sorte, o meio de transporte que ele acessou não funcionou, embora o companheiro Douglas tenha tentado ajustar, inutilmente. Esse episódio é possível verificar através da (iconografia 10) a seguir.

Iconografia 10: Encontro com o agente social Quilombola Francisco Silva, na entrada da “cabeceira do Viadinho”. Companheiro Douglas Castro, auxiliando com sua rabeta, acesso por via Fluvial.



Fonte: A.E.R, fevereiro de 2024.

Após o encontro seguimos com o seu Francisco para a Vila Santa Maria do Lago Preto, que se empenhou em comprar alimentos e gasolina.

Retornamos à *Cabeceira do Viadinho*, caminhando por mais ou menos 30 minutos campo adentro até chegar a respectiva residência, o sítio “Bom Lazer”. No trajeto seu Francisco nos relata ter nos aguardado e que aquele vasto campo é o local no qual ele desenvolve atividades diariamente. E revela: *Eu estava esperando vocês, pois a Marley disse que viriam.*

⁴¹ Igarapé do Mato é uma Unidade Social Quilombola pertencente ao município de Urucurituba. Nessa unidade é possível identificar a relação de parentesco consanguíneo e de acolhimento com as demais unidades.

⁴² É comum os agentes sociais se referirem aos deslocamentos para as matas como *centro* e para os rios como *baira* ou mesmo como *subir e descer* dependendo da localização.

Com um vigor impressionante, seu Francisco aos 80 anos apresenta, diariamente, tal disposição. Ao chegar à residência, descansamos brevemente, ao tempo em que seu Francisco narra a história de seu avô, o escravo que fugiu do Maranhão. Na (iconografia) 11 a seguir apresento seu Francisco Silva.

Iconografia 11: Seu Francisco descendente do africano que chega ao Amazonas.



Fonte: E. R., fevereiro de 2024

À noite, os quilombolas organizaram no centro social São João Batista, uma noite cultural, apresentando danças locais. As crianças dançaram carimbó, o grupo de jovens-JUBAM⁴³, apresentaram danças coreografadas em estilo gospel⁴⁴. Um grupo misto apresentou a dança do Lundum, dançaram horas e foram convidando os visitantes um a um para dançar. Os homens chamavam as mulheres e as mulheres os homens. Posteriormente, liberaram o salão e começaram a dançar ao som do forró do beiradão.

No dia 5 de fevereiro, foi realizada a assembleia com todos os agentes sociais do território. Vieram agentes sociais das cabeceiras dos arredores da ilha⁴⁵, agentes sociais da unidade social Monte Horebe que decidiram permanecer vinculados à unidade São João do Urucurituba e articulados à Associação-ARQSJU. Assim, como estavam presentes agentes sociais quilombolas que residem atualmente em Barreirinha, chegando à noite do dia 3 de

⁴³ Jovens Unidos em Busca de Algo Melhor-JUBAM

⁴⁴ Na unidade social a religião católica, todavia identificou-se também a presença de benzedores, parteiras e puxadores.

⁴⁵ O quadro da unidade social é pequeno, não permitindo que todos os agentes sociais residam no local. O que ocasiona na ocupação nas áreas de terras próximo a comunidade. Portanto, nos dias de atividade eles deslocam-se até a unidade social.

fevereiro e outros pela manhã do dia 4 do mês em curso.

A assembleia teve início com a fala dos presidentes da Associação e da comunidade que deram boas-vindas a todos e passaram a palavra à equipe da CONAQ-AM. Em seguida, tratou-se da pauta sobre os direitos quilombolas, ressaltando os trâmites do processo de coleta de dados que estávamos realizando. Em sua fala inicial, Douglas Castro esclarece sobre o processo, ressaltando a necessidade do consentimento dos agentes sociais:

Estamos aqui para tratar sobre a questão de certificação quilombola, a gente vai tratar de certificação da comunidade de São João do Urucurituba. Aí, digamos assim, outros processos, vão vir, mas, o primeiro passo tem que ser dado, que é a certificação, o reconhecimento de vocês, como quilombola. Dependendo se a comunidade vai querer ou não, se é de interesse de vocês, ou não. Então, quer dizer, a gente está aqui para isso.⁴⁶

Douglas prossegue em suas explicações informando sobre o que estabelece o art. 4 do Decreto nº 4.887 de 20 de novembro de 2003, reiterando que compete à Fundação Cultural Palmares-FCP a emissão de Certidões às comunidades quilombolas e sua inscrição em um cadastro geral. Nesse sentido, compete encaminhar FCP os dados coletados para posteriormente serem emitidas as Certidões, conforme estabelecido através da Convenção 169/OIT. Para tal, faz-se necessário proceder ao *processo de escuta e assentimento da unidade social* e em face de os agentes sociais não concordarem com esse encaminhamento, tal propositura deverá, por decisões internas, ser respeitadas como legítimo direito de escolha.

Na (iconografia 12) abaixo, apresento o momento de esclarecimento junto a unidade social.

⁴⁶ Sebastião Douglas dos Santos Castro, articulador da CONAQ-AM. Entrevista realizada em 05/02/2024, no Centro Social São João Batista.

Iconografia 12: Deliberação acerca do processo de solicitação junto à Fundação Cultural Palmares para certificação quilombola.



Fonte: Ar. E.R., 05 de fevereiro de 2024.

Diante do diálogo com a unidade, foram elucidados alguns direitos quilombolas. Todavia, antes de iniciar, Douglas dialoga sobre *O que é ser quilombola?* Fato a respeito do qual ele dirige-se aos agentes sociais, indagando: “Primeiramente, pessoal, precisamos falar sobre o que é um quilombo segundo a visão de vocês. Então, pergunta-se: o que é um quilombo? vocês sabem mais ou menos o que que é um quilombo?”⁴⁷.

Julesmã Colares, ao referir-se ao termo quilombo, faz duas analogias: na primeira elenca como antigamente era conceituada tal terminologia:

É que quero falar assim, começandomais lá um pouco longe, ou seja, não agora desses momentos atuais. É de pessoas que o quilombo se formava; de pessoas que trabalhavam com o *senhor* que falavam na época. Eles eram os que hoje nós falamos de empregados, das coisas todas. Naquela épocaera os escravos que trabalhavam para as pessoas. O que é que eles pensavam? Muitos deles imaginavam que eles não deveriam ser escravizados. Naquela situação eles se afugentaram e formaram os seus agrupamentos, formando o que hoje nós chamamos de comunidade. Aí eles formavam assim, separadamente, já para sair daquela situação de trabalho pesado, do trabalho escravo.⁴⁸

Ao abordar o termo e a compreensão nos dias atuais, ele enfatiza:

E hoje, então, voltando já no tempo presente como é que a nossa comunidade está falado sobre o quilombo? Então, quilombo é a formação desse povo que se constituiu

⁴⁷ Sebastião Douglas dos Santos Castro, articulador da CONAQ-AM. Entrevista realizada em 05/02/2024, no Centro Social São João Batista.

⁴⁸ Julesmã Teixeira Colares- Entrevista realizada em 02.04.2023, em minha residência.

depois que os escravos vieram de lá da África. Atravessando e passando por outros navios, os dois conseguiram resistir e foi se formando, havendo hoje essa grande diversidade. Assim se formaram esses novos grandes povos e é o que está acontecendo hoje. Eu digo ao menos, hoje, aqui no São João do Urucurituba. Nós temos esse pequeno quilombo nessa ilha que dar-se o nome de Terra Preta. E aqui está centralizada a comunidade de São João do Urucurituba. Então, quilombo é assim, ele é a integração e a formação desse povo remanescentes de negros. Muitos pensam que têm remanescentes de negro? Outros pensam que é devida a pele; outros porque dizem que são os macumbeiros, coisa e tal. Não é isso não! Não se refere a nada dessas coisas... Por que? Porque o centro de tudo isso aí é de onde venho, é a origem nossa, dos nossos antepassados. É isso mais ou menos assim, que eu penso que seja, né?⁴⁹

Para Douglas Castro, ao refletir junto a unidade quilombola sobre terminologia e suas implicações, assim elucida:

O quilombo pessoal, é tipo assim, é onde os ancestrais de vocês escolheram para se esconder das opressões, né? Digamos assim, se eles escolheram São João, aqui, e, estrategicamente, escolheram essa parte aqui entre Barreirinha, Parintins e Urucurituba, como refúgio e, portanto, de difícil acesso. Então, quer dizer, a gente se refugiar mesmo para se esconder da opressão. Então, quer dizer, o Quilombo é isso, onde você vai basicamente, é um local não só para refúgio, mas também de vida e trabalho. Hoje essa opressão vai vir do conflito causado por fazendeiros ou empresários ou até mesmo dos senhores de escravos⁵⁰.

Ao analisar a categoria “quilombo”, com enfoque para a compreensão na contemporaneidade é possível perceber que o conceito passa por um processo de “definição, redefinição e ressemantização” como ressalta Almeida (2011, p. 47). Nessa perspectiva desvelar o novo significado de quilombo foi um dos processos de entendimento para o desenvolvimento do presente estudo, conforme elucida o autor:

É imprescindível compreender a passagem de quilombo enquanto categoria histórica e do discurso jurídico-formal, para um plano conceitual, construído a partir do sistema de representações dos agentes referidos às situações sociais assim classificadas hoje (Almeida 2011, p. 47).

Os quilombos no Amazonas assumem novas características, segundo disposto no conceito estabelecido na normativa do INCRA Nº16 de 2004, art. 3º, cujo significado diz respeito a grupos étnico-raciais, compreendidos “segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência e opressão”. Outros autores também trazem reflexões acerca do termo, como, por exemplo, Souza (2012, p. 63) se reporta às definições de quilombo como um triplo registro:

[...] a) O quilombo histórico, lugar de memória da resistência negra. [...] b) como ‘referência simbólica e conteúdo político’ sobretudo a partir das discussões de Abdias

⁴⁹ Julesmã Teixeira Colares- Entrevista realizada em 02.04.2023, em minha residência.

⁵⁰ Sebastião Douglas dos Santos Castro, articulador da CONAQ-AM. Entrevista realizada em 05/02/2024, no Centro Social São João Batista.

do Nascimento, para o movimento negro; c) quilombos de direito, conforme segundo o art. nº 68 do ADCT contido na constituição Federal de 1988 em documentos, e sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos atestam suas existências histórica e legitimidade jurídica e de pertença e cultura remanescentes.

Nesse processo de diálogo sobre quilombo é possível transitar por outros aspectos que configuram o quilombo contemporâneo, presente na fala do agente social. Vejamos:

Hoje, hoje em dia, pessoal, falar de Quilombo é se referir a um território de resistência, não necessariamente formado por pessoas negras. No Quilombo, gente, o que vai definir o quilombola, não é a cor da pele. Tem que ter isso na cabeça que o que define o Quilombo é a trajetória histórica dele. Não é cor da pele; a cor da pele é o que menos vai definir o quilombo. Agora, tipo assim, é ao contrário da pessoa negra. O que define a pessoa negra é a cor da pele; contrário a isso, o quilombo, não! O quilombo por definição ele é a tradição histórica, digamos assim, ele pode ter lá um ancestral negro, mas pode ser branco, aqui, por exemplo, pode ser assim: ser índio, ou seja, pode ser uma característica indígena. Isso não vai importar, o quilombo é isso, e, por definição o quilombola é isso!⁵¹

Ainda sobre essa reflexão, Douglas apresenta aspectos considerados relevantes ao processo de reconhecimento, cuja cor da pele transita na trajetória familiar dos quilombolas. Porém ressalta, ainda, sobre a importância da autoidentificação do agente social quilombola.

Digamos assim, eles não têm uma característica majoritariamente negra. Então, o que vai definir é a história deles. Aí, se você quiser saber se você é quilombola, puxa a história, essa trajetória aí você vai ver, pô, quer dizer que eu sou quilombola, porque minha trajetória é veio de fulano: ou de Raimundo Silva ou Raimundo Colares, aí você vai contando, até chegar em você. Pronto, eu, por exemplo, resultado de meus avós que eram quilombolas. Então quer dizer que eu sou quilombola? Mas para isso também a gente vai falar um pouco mais sobre a questão da autodefinição. Aí, dependendo da pessoa, ela que vai se autodefinir, se ela é ou não. Aliás, a lei é clara: mesmo eu sendo quilombola, eu tenho o direito de não querer me definir como Quilombola.⁵²

Após a exposição dos eixos temáticos *história de formação do território, direitos quilombolas, manifestação cultural, religiosidade, economia, agricultura, propriedade, autodefinição*, passamos então para as burocracias, esclarecimentos e elaboração de documentos. Douglas Castro perguntou aos agentes sociais se havia dúvidas acerca das questões ora apresentadas, visto que as mesmas estavam mais voltadas a interesses externos referentes à propriedade de terras. De acordo com certos relatos, há quem afirme se tratar do processo de reconhecimento cuja conquista despertou nos fazendeiros a cobiça quanto adquirir propriedades no território com o franco interesse financeiro.

Após todos os esclarecimentos, novamente Douglas Castro perguntou aos agentes sociais se eles se autodeclarariam como quilombolas. A Iconografia 13 expressa o sentimento

⁵¹ Sebastião Douglas dos Santos Castro, articulador da CONAQ-AM. Entrevista realizada em 05/02/2024, no Centro Social São João Batista.

⁵² Sebastião Douglas dos Santos Castro- fala transcrita e utilizada como entrevista. Entrevista realizada em: 05/02/2024, no Centro Social São João Batista.

de pertença ao território, visto a adesão por unanimidade ao processo de autoidentificação dos presentes na Assembleia Geral da comunidade e suas respectivas assinaturas constantes da Ata encaminhada à FCP.

Iconografia 13: Momento em que a unidade social se autodeclara coletivamente como quilombola.



Fonte: Ar. E.R., em 05 fevereiro de 2024.

A (Iconografia 14) retrata o momento de assinatura da ata de autodeclaração como quilombola, momento impar para a unidade social.

Iconografia 14: momento da assinatura da solicitação de certidão de autoreconhecimento.



Fonte: Ar. E.R., em 05 de fevereiro de 2024.

Nesse subtópico buscamos apresentar aspectos referentes a realização da oficina de reconhecimento como quilombola, bem como expusemos o processo realizado junto a unidade social São João do Urucurituba. Essa atividade volta-se para as burocracias e o campo da legalidade. Porém, um ponto crucial trata-se da relação de confiança estabelecida entre agentes sociais e pesquisador.

Existem outros aspectos e narrativas que foram apresentados no decorrer da Oficina, questões como a criação da associação, entraves para o processo de reconhecimento e incidências da unidade junto a instituições municipais. Utilizo essas narrativas no capítulo IV desta dissertação.

1.3 Terceiro encontro com o Campo: O processo de revitalização do Centro de Ciências e Saberes Quilombola Floriza Pereira de Jesus

Um outro contato com o campo ocorreu no período de 6 a 10 maio de 2024. No dia 5 de maio de 2024 às 14 horas, saímos de Barreirinha pelo “Furo do Pucu” em um barco denominado Paulista. Descemos o Paraná do Ramos e, já no anoitecer, entramos no rio Urucarazinho para acessar o Paranazinho, e, ao passar pelo furo do Luzio, adentramos no Lago Grande, e após 8 horas de viagem, chegamos ao Urucurituba, na unidade social São João do Urucurituba. Utilizo essa designação, pois, trata-se da maneira como os agentes sociais as

situam.

Passei esses dias acompanhando o cotidiano dos agentes sociais. Assim como pude participar do processo de revitalização do Centro de Ciências e Saberes, que tem por denominação “Floriza Pereira de Jesus” e providenciamos a divisão de tarefas sobre os trabalhos a serem desenvolvidos no quilombo. Nesse período, parte dos agentes estava para área de terra firme, em um lugar conhecido como Lago Preto. Acompanhei a divisão do trabalho designado às famílias que firmaram compromisso de realizam a limpeza de toda a área da unidade social, envolvendo Igreja e os igarapés que dão acesso à unidade social, ficando outras responsáveis pela ampliação do Centro de Ciências e Saberes. Acompanhei a produção de piracuí na casa de dona Eliane Moreira, assim como participei também de outras ações assumidas coletivamente pelos agentes sociais. A produção do piracuí é a fonte primária de economia na unidade social, além de ser uma forma de estocagem apropriada em tempos de calamidade provocada pela cheia dos rios.

Durante o dia realizei utilizei a técnica da observação direta e sistema acerca do cotidiano vivenciado no Quilombo de São João do Urucurituba. Durante a noite realizei entrevistas com alguns agentes sociais que trabalhavam e pescavam durante o dia em rios distante da unidade.

Nesse período fui recebida na casa do presidente da Associação, o senhor Denilson e sua esposa Isabel. Dona Isabel Colares⁵³ partilha sobre seus saberes, suas formas de manipular as ervas, bem como expressa explicações de como se dá o ato de puxar desmintidura⁵⁴ e enfatiza como se realiza o parto caseiro. Uma das situações que chama atenção é que dona Isabel saiu no fim da tarde para ir ver a malhadeira e retirar o peixe para o jantar. A propósito disso, todas as mulheres pescam e caçam em áreas adjacentes ao quilombo, ou seja, elas assumem a responsabilidade partilhada na manutenção da família!

Um certo dia fui convidada pela família de seu Edson⁵⁵ “Telem” para conhecer sua propriedade. Fui com maior carinho, saímos da unidade às 17 horas e atravessamos o Rio Urucurituba até a propriedade. À noite, saboreando um jantar à base de peixe assado na brasa, preparado pela filha Edeulina Simas e esposa. Com num ritual, o jantar é sempre acompanhado de uma boa conversa, fato que imprimiu nos depararmos com os vínculos familiares de sua

⁵³ Isabel dos Santos Colares, puxadeira e benzedeira, Entrevista realizada em 10.05. 2024, no Centro Social São João Batista

⁵⁴ Entende-se por desmintidura a ação sobre um osso que, contorcido, geralmente afetando as costas ou o pescoço da criança ou adulto, que é afastado do lugar durante esforço físico, um ombro ou mal jeito dado e que precisa ser consertado (Trindade, 2013, p.178).

⁵⁵ Edison Correa Simas, motorista e pescador- Entrevista realizada em 08.05.2024, em sua residência.

esposa com membros de minha família. Aqui sou tomada pelos saberes medicinais quilombolas⁵⁶, visto, naquele momento ter sido afetada por uma crise alérgica, tendo como providência medicinal o chá de ervas preparado por sua filha com o propósito de que eu me recuperasse. O chá foi preparado à base de alho, hortelãzinho e limão.

No decorrer do jantar seu Telem disse sorrindo: “Professora, eu vou pescar e trazer peixe para a senhora. Mas tem que pedir para [os encantados] deixarem trazer os peixes”. Na manhã seguinte, seu Telém havia saído na madrugada para garantir o almoço. Quando ele retorna pela manhã, chega com um pirarucu grande e lindo. Ele rindo, dizia: “Olhe seu presente, professora! Eu acho que o panema⁵⁷ foi embora. A senhora trouxe sorte”. Após o almoço retorno à unidade social. O pirarucu foi utilizado no dia 10 de maio no almoço coletivo para os agentes sociais que participaram das ações do Centro de Ciências e Saberes “Floriza Pereira de Jesus”.

Abaixo, apresento a (iconografia 15) que retrata o cotidiano no quilombo. Trata-se do agente social Telém, cuidando; limpando o pirarucu⁵⁸ em cima de uma ponte, as pontes nessa perspectiva são uma *tecnologia quilombola*, construídas sobre o rio e comumente utilizadas para essa e outras finalidades.

⁵⁶ O domínio daservas e apropriaçãoé vivenciado no quilombo, tantoqueem seus balcões suspensos, há a presença de várias ervas.

⁵⁷ O conceito de panema passou ao linguajar popular na Amazônia como significado de “má sorte”, “desgraça”, “infelicidade”. (Conf. Galvão, 1976, p. 81). No imaginário de agentes sociais autoidentificados como pescadores, caçadores, pajés e benzedores, o termo *panema*, apresenta-se carregado de conotações negativas ao assumir características peculiares às práticas de feitiçaria ou impurezas. (Conf. Ribeiro e Ranciaro, 2023, 198).

⁵⁸ O pirarucu (Arapaima gigas) é um dos maiores peixes de água doce do planeta. Nativo da Amazônia, ele promove benefícios para o ecossistema e comunidades que vivem da pesca. Seu nome vem de dois termos indígenas: pira, "peixe", e urucum, "vermelho", devido à cor de sua cauda.

Iconografia 15: Agente social, Telém cuidando o pirarucu em cima de uma ponte.



Fonte: Ar. E.R., maio de 2024.

No dia 9 de fevereiro de 2024, faço pernoite na casa de dona Marley Frazão onde realizei as entrevistas referentes à criação e fundação da associação ARQSJU.

No dia 10 de maio de 2024, foi realizado através do Projeto de Revitalização de Museus Vivos na Amazônia-PNCSA, um dia de atividades que tiveram como pauta a fundação e revitalização de alguns espaços necessariamente adaptados no interior do Centro Social São João Batista situado no Quilombo São João do Urucurituba.

Pela manhã ocorreu a mesa Redonda como o tema: *Quilombo São João do Urucurituba: Diálogos acerca da categoria Patrimônio Material e Imaterial*. A mesa foi mediada pelo professor quilombola Frannkley de Paula Guimarães, e teve como Palestrantes Jucinara Cabral, coordenadora da Educação Escolar Quilombola em Barreirinha e Edicleuza Costa Ribeiro, Mestranda-PPGICH/UEA.

À tarde foi realizada a Oficina denominada *O Processo de Curadoria do Centro de Ciências e Saberes “Floriza Pereira de Jesus” - Quilombo São João do Urucurituba*. Estiveram como oficinairos, a quilombola Joana Caroline Alves Belém, Edicleuza Ribeiro, Julesmã Teixeira Colares, Marley Frazão, Denilson Conceição. O evento foi organizado pela mestranda e parceria com a cartografia social, PPGICH, ARQSJU e contou com a participação ativa de agentes sociais quilombola da unidade, pesquisadores e da equipe do Setor Pedagógico de Educação Escolar Quilombola de Barreirinha. As atividades tinham como intuito realizar a escuta dos agentes sociais e mapear os elementos de sua cultura e cotidiano que irão compor a

Curadoria do referido Centro de Ciências e Saberes.

Os agentes mais velhos narraram histórias de seus antepassados desde a chegada ao território e da formação do quilombo e de sua linhagem de descendência. Assim, como os demais agentes partilham saberes e fazeres quilombolas, as tecnologias e suas manifestações relativas à prática de benzimento e apropriação de ervas medicinais para os processos de cura.

Dona Marley pontua ao referir-se as manifestações culturais e danças, especificamente sobre o lundum, enfatizando que: O lundum, ainda acontece sim, é a nossa tradição, o lundum. Ai a gente dança quando tem uma brincadeira, ou uma festa ou um evento. A gente forma os grupos e coloca pra dançar⁵⁹

Dona Marley elucida que a manifestação ainda perpetua e foi ensinada por seu avô, e enfatiza: “Olha o meu avô, Ele dançava tudo quanto era tipo de dança, de tudo ele entendia. Mas ele entendia a mais de Lundum. Ele gostava muito do London, dançava muito London”⁶⁰.

Segundo a história corrente e exposta pela nossa informante, sua avó falava:” ele contava pra gente, assim, quando a gente estava, ele sempre gostava de contar história para nós sobre o porquê que ele dançava o lundum!”⁶¹. Nesse sentido, Marley por ser uma pessoa curiosa continua a buscar motivos para dançar:

Aí a gente perguntou para ele: Por que que o lundum? E falou que o London, o pai dele falava que Ludum se tornava uma distração para eles quando eles estavam tristes por ali, pensando nas dificuldades que eles passavam. Aí, se reuniam em grupo, formando aqueles grupos de dança e dançavam. Porque eles falavam que era aquilo que distraía. Que eles sofriam muito, né! Aí eles iam e dançavam, o lundum. Era um tipo de brincadeira para eles⁶².

Um outro ponto apresentado na oficina trata-se de artefatos de cerâmicas; um achado arqueológico descoberto no solo da área que compõe o território, dentre os quais se tem as urnas milenares, certamente uma marca incontestável de povos originários, como é possível observar na imagem a abaixo. Segundo os agentes sociais, geralmente tais artefatos são encontrados após a descida das águas, na limpeza do quintal, ou mesmo no momento de lazer.

Nesse período identificamos 04 (quatro) urnas que estão expostas em locais, a saber: duas estão próximas ao Centro Social; e as outras duas estão mantidas no quintal de seu Denilson Conceição.

⁵⁹ Marley da Silva Frazão - Entrevista realizada em 03/02/2024, no Centro Social São João Batista.

⁶⁰ Marley da Silva Frazão - Entrevista realizada em 03/02/2024, no Centro Social São João Batista.

⁶¹ Marley da Silva Frazão - Entrevista realizada em 03/02/2024, no Centro Social São João Batista.

⁶² Marley da Silva Frazão - Entrevista realizada em 03/02/2024, no Centro Social São João Batista.

Iconografia 16: Agentes sociais com artefatos arqueológicos encontrados no quilombo.



Fonte: Edeulina Simas, em 10 de maio de 2024.

Ao lembrar da história do quilombo Vicência de Jesus Colares narra sobre a presença de cerâmicas na unidade social: “Eu vim apresentar aqui o que eu sei fazer com cerâmica. Minha avó fazia, ela sabia fazer. Até agora eu sei fazer essas coisas de barro”⁶³. E no decorrer de sua narrativa ela apresenta como foi ensinada e o processo para produção da cerâmica:

Naquele tempo não tinha nada dessas coisas que se aprende na escola, assim. Aí vovó me chamava para ir pro barreiro. O que é vó? Vamos tirar um barro bem ali! É tem um barreiro ali. Aí nós tiramos aquele barro e sempre provava levando-o à boca e dizia que aquelas barras de argila quando é barro doce, é bom para fazer utensílios⁶⁴.

Vicência diz que, num primeiro momento, é necessário escolher o barro-doce e apresentava essa forma para identificava a qualidade desse barro. Posteriormente, ela apresenta o outro processo para a produção da cerâmica segundo os ensinamentos de sua avó Floriza Pereira de Jesus. Trata-se da extração do caripé:

Ela pensou assim, agora ela tirou o barro, e depois tirou o Caretés⁶⁵. Então após o almoço, eu vou chamar ela e vamos tirar cauxí⁶⁶. Sabe o cauxi? Então nós vamos tirar

⁶³ Vicência de Jesus Colares- Entrevista realizada em 05/02/2025, na Igreja de São João Batista.

⁶⁴ Vicência de Jesus Colares, benzedeira, griote detentora da memória de fundação do quilombo, Entrevista realizada em 05/02/2025, na Igreja de São João Batista.

⁶⁵ A designação é atribuída a uma espécie de árvore cujas cinzas são utilizadas pelos oleiros do Amazonas para misturar com o barro, caraiapé, também denominada caripé-verdadeiro (*Licania floribunda*).

⁶⁶ Como é possível verificar a funcionalidade do Cauxí na fala da agente social- Cauxi é o nome popular de uma

uma panelada de cauixi. Eu ficava olhando, aí era fechado em um quarto lá, aí ela podia tacar fogo e depois que tacava fogo, quando esfriava era peneirado. Com o tempo, no barro, eu fui aprendendo fazer também, sabe? Eu comecei a fazer primeiro uma bilha, depois um pote. Levaram lá de casa, se não, nós íamos trazer para mostrar o pote para vocês. Eu levava bem a água nele, levando e depois transferia para outro. Aí eu disse assim, eu vou aprender a fazer panelas e pratos de barro. Finalmente, tudo é de barro. Graças a Deus não é cachimbo, porque ela fumava muito cachimbo, mas ela não comprava. Ela fazia o próprio o cachimbo de barro, eu também sei fazer⁶⁷

Nesse relato, Vicência conta como aprendeu a produzir as cerâmicas e outros instrumentos a partir dos ensinamentos da sua avó. Fato que mostra um dos aspectos presentes na unidade social, ou seja, a existência de fragmentos de cerâmicas, bem como há registros que comprovam os achados arqueológicos de urnas indígenas, cuja existência pode datar um período bem anterior à chegada dos dois ex-escravizados. Abaixo é possível verificar parte desses artefatos (vide iconografia 17).

Iconografia 17: Artefatos de cerâmicas encontrados no quilombo São João do Urucurituba.



Fonte: Marcelo Reis, dezembro de 2023.

Em 10 de maio retorno a Barreirinha, juntamente com a equipe do Setor Pedagógico de Educação Escolar Quilombola, convidada para participar do evento. Tais, contatos possibilitaram levantar dados e informações que serão apresentados nos capítulos específicos da dissertação. Assim, ao serem analisados, tais dados possibilitaram construir a etnografia e compreender os aspectos organizativos e culturais dos cotidianos do Quilombo de São João do

esponja de água doce que vive na região amazônica. É conhecida por causar irritações na pele, mas também pode ser usada para fabricar medicamentos, cerâmicas e materiais tecnológicos, por populações indígenas, ribeirinhos e quilombolas.

⁶⁷ Vicência de Jesus Colares- Entrevista realizada em 05/02/2025, na Igreja de São João Batista.

Urucurituba, bem como vislumbraram-se as formas de existência material dessa territorialidade específica.

Uma vez identificados e analisados os percursos para o processo de autodefinição dos agentes sociais, no capítulo seguinte apresento as narrativas sobre o fundador do quilombo e o processo de formação e territorialização da unidade social quilombola.

CAPÍTULO II

AGARRADO EM SÃO JOÃO BATISTA: NARRATIVAS E MEMÓRIAS DO QUILOMBO “SÃO JOÃO DO URUCURITUBA”

Este capítulo foi elaborado a partir de relatos e pesquisas referentes a uma unidade social designada como quilombo e as memórias de entrevistados quilombolas. Este tem como objetivo apresentar as narrativas e memórias que marcam, segundo os relatos do entrevistado, a fuga e chegada do ex-escravizado que trouxe consigo a imagem de São João Batista que, mais tarde, passou a ser o Santo Padroeiro da unidade social quilombola. E como problema de pesquisa, pretendeu-se compreender as seguintes questões: Como as memórias e/ou narrativas locais sustentam fatos acerca do processo de fuga e chegada do ex-escravizado com o santo padroeiro São João Batista à unidade social quilombola? Nesse sentido, vislumbraram-se dados acerca dos quais foi possível verificar que tais narrativas possibilitam manter vivas a cultura, as histórias de lutas e valores de um povo, tornando-se, por isso mesmo, algo imprescindível para a manutenção da memória em face dos processos de construção social da identidade daquele grupo étnico.

No processo de resignificação do cotidiano quilombola, a história e memória dos chamados remanescentes quilombolas no Amazonas, têm sido resgatadas a partir da tradição da oralidade presente nas narrativas que versam sobre a história, memória, luta e resistência de unidades sociais quilombolas, que foram silenciados nesse contexto, objetivando proteger-se dos colonizadores e escravistas que aqui invadiram e ocuparam irregularmente inúmeros espaços, a exemplo das chamadas vilas, mocambos, aldeias, entre outras formas peculiares de habitação.

Nesse percurso, escravizados, como Raimundo de Jesus Colares, vislumbraram sua liberdade por intermédio da fuga. Foi por via desse processo de fuga, realizado com sucesso, que possibilitou ao ex-escravizado, oriundo da Bahia, a adentrar o estado do Amazonas. Não obstante a isso, através de narrativas, é possível identificar aquelas memórias que delineiam a fuga de Raimundo de Jesus Colares, expressando, simbolicamente, que o mesmo “agarrado a São João Batista” assim se manteve até sua chegada às terras que configuram o Quilombo do São João do Urucurituba em Barreirinha-AM. A memória coletiva é, por isso mesmo, um fator indispensável, visto que ela própria funciona como um instrumento político capaz de romper com o silêncio ainda arraigado nos braços e calhas do Amazonas, onde a presença de agentes sociais quilombolas, nessa região, é notória. Fato que contribui para aquilo que Sampaio (2011)

denomina de o “Fim do silêncio”.

Sobre esses aspectos, o subitem a seguir pode ser um dado esclarecedor acerca da formação histórica de espaços culturalmente construídos sob a denominação de *comunidade remanescente de quilombo*.

2.1 Breve histórico da unidade social designada como “Quilombo São João do Urucurituba”

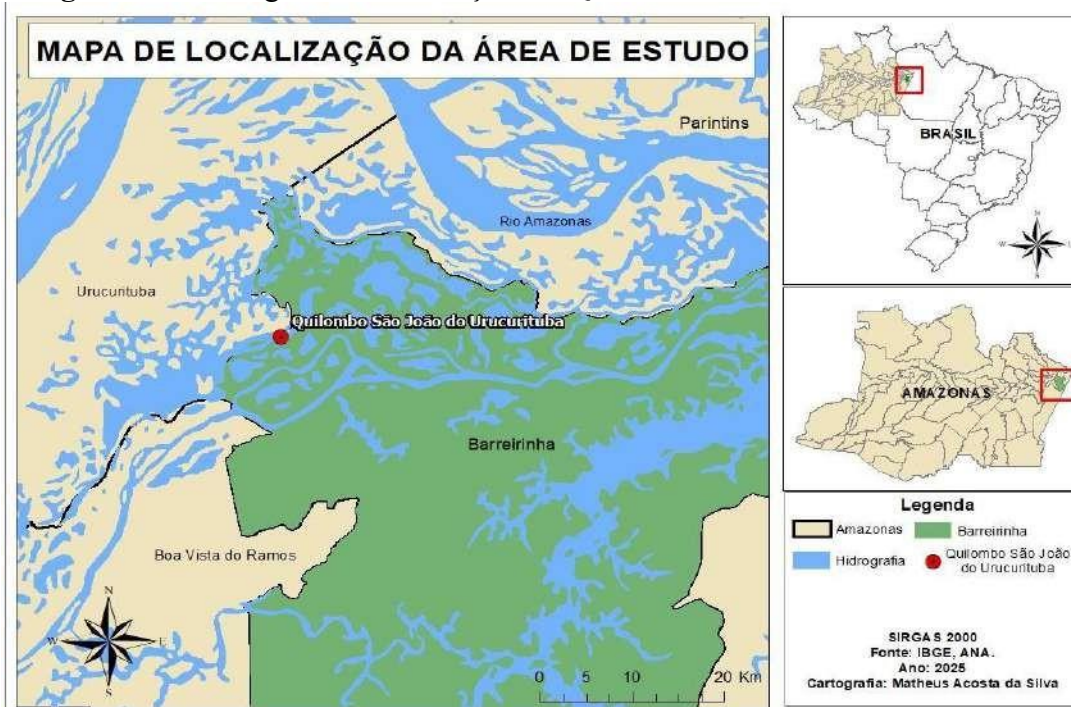
O quilombo São João do Urucurituba está localizado na zona rural de Barreirinha, município ao extremo Oeste do estado do Amazonas, mesorregião do Baixo Amazonas (IBEGE, 2010). O referido quilombo limita-se com o município de Urucurituba/AM, sendo, entre as demais unidades sociais, a última com acesso por via fluvial (Vide Iconografia 18).

Assim como muitas comunidades amazônicas, o quilombo São João do Urucurituba está posicionado geograficamente sobre uma ilha situada em um ambiente de várzea que tem como referência o Paraná de Urucurituba a Leste, e o rio Urucurituba a Oeste, estando o Paraná do Macaco ao Sul. Devido às características geográficas e sazonais, parte dos moradores dos quilombos migram temporariamente, ou seja, durante as cheias, para áreas de terra firme e retornam durante as vazantes, isto é, quando emergem as primeiras restingas. A economia local é baseada na pesca, tendo como fator primário a produção de Piracuí⁶⁸, extraído do bodó (acari), espécie de peixe cascudo ou pode também ser extraído do jacaré ao longo dos meses. Outra fonte de renda vem da agropecuária ou dos benefícios governamentais como: Bolsa Família, Seguro Defeso e alguns são funcionários públicos ligados a certos Órgãos Municipais.

Na (Iconografia 18), abaixo registrada, é possível visualizar as coordenadas e localização do quilombo São João do Urucurituba, assim como visualiza-se o volume d’água ao redor da ilha, indicando se tratar do período de cheia dos rios. Nessas circunstâncias, aliás, é mais prático o acesso ao quilombo por via fluvial. No inverno, por exemplo, mais precisamente durante o período de cheia dos rios e, em virtude do volume de água em torno da ilha, o que na estiagem eram ramais ou caminhos, transformam-se em enseadas, por eles entendidas como verdadeiros “atalhos” permitindo-lhes por via fluvial encurtar o longo período das viagens.

⁶⁸ O piracuí é produzido diretamente na unidade sócia. É conhecida como “farinha de peixe” que passa pela etapa do cozimento, limpeza e secagem do produto. Ver modo de produção no Capítulo IV.

Iconografia 18: Imagem da localização do Quilombo São João do Urucurituba.



Fonte: Mapa elaborado por Silva em 06 de fevereiro de 2024.

Estudos apontam que, por volta dos anos 1818-1990, nos séculos XIX-XX, o referido local era conhecido, pelos agentes sociais que lá residiam, como Irmandade. As irmandades ficaram conhecidas no Brasil como uma das táticas de resistência religiosa, utilizadas pelos negros e visavam auxiliar africanos e afro-brasileiros no Brasil, buscando respeito por parte de seus senhores. Enfim, objetivando serem reconhecidas como pertencentes à sociedade brasileira, Cruz (2007, p. 05), é enfático quando afirma: “As irmandades da população de origem africana representam na história cultural do Brasil, uma expressão do pacto colonial entre a população de origem africana e a elite senhorial”.

As irmandades eram construídas como espaço para os escravos vivenciarem sua fé. Nesse sentido, os escravos construíam igrejas para a elite brasileira e as Irmandades para negros, crioulo e outros. Por se tratar de uma organização que tinha por objetivo auxiliar os necessitados, foram criadas Irmandades em todo o país, como sustentado por Cruz (2007, p. 05): “Havia irmandades⁶⁹ apenas para negros em todo o país”, ou seja, trata-se de uma segregação através da qual estimulavam-se formas de conflitos entre os africanos, os que se consideravam negros e os que se autoidentificavam como crioulos.

⁶⁹ Segundo Cruz: “As irmandades, tem seu auge e maior força no Brasil durante o período colonial. Porém sua existência perpassa pelo império ainda com relativa força e, apesar de no período republicano diminuírem em número e em importância, algumas irmandades resistem até os dias atuais” (Cruz, 2007, p. 4).

As populações negras objetivando manter suas culturas foram adaptando-se a realidades locais. Peter Burke (2010), na obra “Hibridismo Cultural” faz referência à sobrevivência de culturas independentes e os conflitos enfrentados quando da manutenção de certos usos e costumes, ainda que por um breve momento. Enfatiza o autor que nenhuma cultura é uma ilha e, refletindo a partir do pensamento de Roger Bastide (*apud* Burke, 2010, p. 102) afirma ser “a construção simbólica do espaço africano, uma espécie de compensação psicológica para os afro-brasileiros pela perda de sua terra nativa”. A partir desse pensamento, esses espaços sociais são vistos como palco de resistência, continuidade e dissociação. Nessa perspectiva, Cruz (2007, p. 07) assevera:

A irmandade era uma espécie de família ritual, em que africanos desenraizados de suas terras viviam e morriam solidariamente. Idealizadas pelos brancos como um mecanismo de domesticar o espírito africano, através da africanização da religião dos senhores, elas vieram a constituir um instrumento de identidade e solidariedade coletivas (Cruz, 2007, p. 07).

Ainda nessa perspectiva, segundo esse autor, as irmandades tornam-se um lugar de “africanização e dizem respeito exatamente a recriação no seio das confrarias negras, de identidades étnicas trazidas da África” (Cruz, *ibid.*). A partir dos aspectos delineados sobre a criação de irmandades em todo o país e a partir do pensamento das possíveis conexões entre estas, convém acompanhar as narrativas de Julesmã Teixeira Colares⁷⁰, bisneto do primeiro ex-escravizado a chegar na Irmandade em período correspondente à criação e fundação do quilombo. Segundo o nosso interlocutor, eles chamavam de *Irmandade* aquele local [comunidade] porque: “Entre eles, todos eram iguais, em direitos e deveres”⁷¹.

No processo de luta por liberdade, os escravos deslocavam-se para os locais mais distantes possíveis, embrenhando-se nas matas fechadas com objetivo de proteger-se do colonizador e do modo de vida a eles impostos. Fato que foi vivenciado por longos anos pelos ex-escravos achegados àquela região, justificando-se o motivo pelo qual a localidade passou a ser por eles denominada de *Irmandade*. Todavia, essa realidade passa novamente por mudança a partir do ano de 1962, com a chegada dos padres, quando o Cristianismo por via da Igreja católica adentra aquele local.

Todorov (2010) em “A conquista da América” expõe discussões sobre como se deram as intervenções a partir da chegada de missionários católicos ou protestantes, cujas iniciativas ao provocarem mudanças locais alteraram drasticamente o modo de vida de povos nativos, pois,

⁷⁰ Julesmã Teixeira Colares é Bisneto de Raimundo Colares de Jesus, negro fugido do Estado da Bahia.

⁷¹ (Julesmã Texeira Colares – Entrevista realizada em 02.04.2023 no setor pedagógico quilombola.

amparando-se nas crenças religiosas, imprimiram as mais variadas formas de colonização em face das imposições instauradas a partir dos dogmas cristãos. Segundo o autor, torna-se comum ao contato com outros grupos étnicos, realizarem o ato de nomeação desconsiderando a realidade, vivências, causando, assim, o apagamento da cultura religiosa dos povos encontrados. Aportamos nesse diálogo para apresentar a mudança na nomeação de *Irmandade* para a apropriação do termo *Comunidade*, que passa a se chamar, em 1978, de Comunidade ‘Santa Ana’. A imagem da Santa chega ao local trazida por uma moradora que atendia pelo apelido de “Coló”⁷², e ali constituiu família. Julesmã Colares pontua em sua narrativa que após a chegada da família dos Virgílio, estes se apropriam de terras que pertenciam a sua Avó Floriza de Jesus.

Não era comunidade que era lá, a área era a propriedade da minha avó com o irmão dela, o agrado dele era Clarindo. Naquele local era um grande Laranjal, que tinha muitas plantações. Com a vinda de famílias de fora que vieram de fora, da Margem do Rio Amazonas do Remanso (município de Parintins) família Virgílio chegou por aqui. Aí eles se apossaram de uma área de Terra onde estava centralizada a maior parte do Laranjal. E aí, minha avó ficou com meus tios aí e ela. Ela conseguiu formar a família dela, que era onde ela tinha que ficar com eles⁷³.

Ao ser perguntado sobre o “por quê” da mudança dos termos e a denominação do local, Julesmã Colares apresenta a seguinte narrativa:

É porque na época da Irmandade⁷⁴ ela, ela não tinha acesso aos lucros, quando faziam as festas. Então tinha sempre um festeiro que não era do grupo deles da Irmandade. Aí que quando era no final, eles levavam toda a renda e eles ficavam sem nada, só com o trabalho de limpeza do local⁷⁵.

Galvão (1976) dialoga sobre as características das irmandades organização e funcionamento na Amazônia, enfatizando que: as Irmandades formam uma espécie de associação de leigos, com estatuto e funções definidos, que dirigiam as festas aos santos católicos e, ainda, tinham completa autonomia sobre os bens da salvação e influência social e política nas suas localidades. (Galvão 1976, p. 125)

Julesmã pontua ainda, que a Irmandade era comandada pelos seguintes agentes sociais: *Os fundadores foram Ivaldo da Silva, Raimundo Benedito, Nilo Bentes, Benedito Carneiro, Nezinho Faustino Reis, Nilo Pereira, Andrade Pereira, Pedro Pereira, Armínio Desiderio,*

⁷² Os agentes sociais não souberam informar seu nome, explicitam que a conheciam apenas pelo apelido *Coló*.

⁷³ Julesmã Texeira Colares – Entrevista realizada em 02.04.2023 no setor pedagógico quilombola.

⁷⁴ Acerca da presença de irmandades e proprietários de santos no Baixo Amazonas Correa (2019) apresenta aspectos elementos presentes no século XIX, que contribuem para manutenção dos festejos e organização das festas religiosas no interior. (Conf. Correa 2019).

⁷⁵ Julesmã Texeira Colares – Entrevista realizada em 02.04.2023 no setor pedagógico quilombola.

*Augusto Pereira e Raimundo Pereira Macedo*⁷⁶

Em decorrência de conflitos relacionados a propriedades e ao uso comum das terras da unidade social, em 1981 após diálogo dos moradores, decidiram mudar novamente o nome da comunidade. Segundo Julesmã:

É que o proprietário da área onde se permanecia o local que se fazia os festejos da Santa Ana⁷⁷. Aí ele não quis vender pra comunidade, ele não doava e nem vendia. E aí, o meu tio, pediu pra mim que deixasse o santo lá com seu Osvaldo, pois, a gente tinha a imagem de São João Batista, esse é o motivo que nós trocamos⁷⁸

A partir desse ocorrido a unidade social passou a se chamar São João Batista, em alusão ao referido Santo. Todavia, hoje a imagem de Santa Ana não se encontra mais na unidade social. Em virtude da família de dona Coló, ter mudado para uma outra unidade social e após anos vieram ao quilombo e levaram a imagem da santa pertencente à família.

2.2 “A saga da fuga” de Raimundo de Jesus Colares: o negro fugido portando São João Batista.

Este tópico aborda as vivências e memórias a partir de um agente social, ressaltando-se com isso o sofrimento de ex-escravizados em busca de liberdade e superação do sistema escravista. Nesse sentido, é preciso pensar que o sistema escravista no Brasil direciona vários pontos cruciais para a compreensão deste período que marca as vivências de vários grupos inseridos em locais distintos. De um lado, o desejo infindável de lucrar, de dominar outros povos pelos colonizadores, no que tange ao Brasil: portugueses, espanhóis e holandeses. Do outro, a saga de africanos que retirados de seu espaço social, foram obrigados a romper com seus laços, costumes e práticas religiosas, sobretudo a partir de suas capturas, rompendo os direitos de seus corpos, com a travessia do atlântico. Alguns pontos a serem abordados, caracterizam aspectos inseridos no que Silva e Reis (1989, p. 62) chamam de resistência do sistema escravista:

A unidade básica de resistência no sistema escravista, seu aspecto típico, foram as fugas. Para um produtor direto definindo como “cativo”, o abandono do trabalho é um desafio radical, um ataque frontal e deliberado ao direito de propriedade (Silva e Reis, 1989, p. 62).

Silva e Reis (1989) na obra: “Negociação e Conflitos: a resistência negra no Brasil

⁷⁶ Julesmã Texeira Colares – Entrevista realizada em 02.04.2023 no setor pedagógico quilombola.

⁷⁷ [...] Muitas festas amazônicas são organizadas por famílias devotas de um determinado santo, cuja imagem desta deidade pertence a essas famílias. Elas são consideradas “donas” das imagens dos santos e são as responsáveis pelos preparativos dos festejos em honra a eles. (Conf. Galvão 1976).

⁷⁸ Julesmã Texeira Colares – Entrevista realizada em 02.04.2023 no setor pedagógico quilombola.

escravista”, abordam aspectos inerentes à escravidão, elencando realidades que marcaram o período, ao tempo em que discutem os contrapontos vivenciados por escravos. Enfatizam, todavia, que nem todos os negros tendiam a escravos, ou seja, alguns chegavam a viver de forma submissa, dependendo da situação. Desta feita, endossam os autores que havia casos de ex-escravos que compravam outros negros e os utilizavam como seus escravos. Essa estratégia os permitia serem inseridos na sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que tal atitude servia ao propósito de proteger os escravos adquiridos. Mais do que isso, trata-se de táticas de resistência, pois, neste aspecto, havia vários tipos de resistências destinadas a fugas destes africanos recém-chegados, uma vez que os mesmos vinham em busca de melhores condições de trabalho. Assim, reivindicavam, por exemplo, a permanência de um filho num determinado lugar, coibindo-os de maus tratos, violências físicas e psicológicas.

Nesse sentido, configuram-se dois tipos de resistência, ou seja, o *resistir* e o *lutar*, assim identificados: de um lado se tinham as formas de resistência por condições favoráveis de vida e subsistência; por outro lado se davam as lutas com vistas a conquistar uma liberdade total, descritas por Silva e Reis, como fugas reivindicatórias. Sobre essas formas de lutas, Mattos (2012, p. 120-21) destaca que os escravizados se articulavam como podiam para estar em segurança e afiança o autor: “da mesma forma que produziam fugas e revoltas, aproveitavam a existência de pequenos espaços de negociação”.

Reis e Silva (1989, p. 63) caracterizam as fugas reivindicatórias como lugar de negociação sem o desejo de romper com os sistemas escravistas, almejando-se, com isso, apenas condições melhores de trabalhos e vida assim como dias de descanso. Assim entendido, afiançam os autores:

As fugas reivindicatórias não pretendem um rompimento radical com o sistema, mas são uma cartada – cujos riscos eram mais ou menos previsíveis – dentro do processo de negociação/resistência (...) correspondendo às greves nos dias atuais (Reis e Silva, 1989, p. 63).

Um segundo aspecto que configura o sistema escravista são as fugas de rompimentos, pelas quais almejava-se a libertação dos escravos. Sobre essa característica da luta, Reis e Silva (1989, p. 66), referem-se, em primeiro lugar, à fuga para a liberdade, que, segundo os autores: “nunca foi uma tarefa fácil”, visto que: “A escravidão não terminava nas porteiras de nenhuma fazenda em particular, mas fazia parte da lei geral da propriedade, e da ordem socialmente aceita” (Reis e Silva, *ibid.*).

A fuga caracterizava uma solução mais radical tomada pelos escravos. E parte dessa decisão configura o limite destes escravos diante das negações dos senhores para com os escravizados ou mesmo para defender-se de punições que marcavam suas vidas. Isto pode ser

tomado como exemplo se analisada a forma como aconteceu com o ex-escravizado Raimundo Jesus Colares, achegado no Amazonas. Sobre o episódio envolvendo a morte do cavalo que pertencia ao patrão de Raimundo, Julesmã Teixeira Colares relata:

É que o meu bisavô [Raimundo Jesus Colares] foi numa festa [Bahia] e aí ficou empolgado na festa e ele e mais o outro parceiro dele, que eram caseiros, aí, ele foi no cavalo que era de estimação do patrão. No final, morreu o cavalo! E logo no primeiro dia de festa o parceiro dele voltou e ele ficou, então morreu o cavalo⁷⁹.

Nesse período, os escravizados sofriam punições se desagradassem seus donos ou cometessem crimes. E o roubo do cavalo poderia levá-los para o pelourinho, açoites ou até a morte. Segundo Mattos (2012, p. 126) “o código criminal de 1830, previa pena de no máximo 50 açoites aos escravos que cometessem crimes”. Porém, essas regras não eram seguidas à risca o que levava ao excesso de agressão chegando inclusive a óbito vários negros escravizados. Tais ocorrências, certamente, encorajaram Raimundo a fugir, e, sobre as fugas entre os cativos, Mattos (2012) ressalta:

Os furtos, roubos e estelionatos eram o segundo tipo de transgressão mais recorrentes entre os cativos, as três infrações significavam a apropriação de algum bem, sendo que o roubo previa uma atitude violenta e o estelionato previa fraude ou má-fé. Os alvos dos roubos ou furtos, em geral, eram produção agrícola, objetos, dinheiro, joias e animais (Mattos 2012, p. 127).

Como estratégia de proteção, Raimundo Jesus de Colares fugiu dessa fazenda, localizada no Estado da Bahia, caracterizando o que Reis e Souza (1989) chamam de *fuga de rompimento*. Após o ocorrido com o cavalo, Raimundo colocou em prática o plano de fuga, passou na capela que existia na fazenda e roubou a imagem de São João Batista, que fora seu companheiro no trajeto do Estado da Bahia até a Amazônia. Segundo narra Julesmã: *Então, ele teve que fugir... Sim, Raimundo Colares, Potazia, Floriza e Clarido fugiram*⁸⁰. Essa era a família de Raimundo: *Esses que vieram nessa comitiva com ele até o Amazonas, por isso que eles se mudaram*⁸¹. É importante salientar que o processo para liberdade de negros escravizados se dá em todo o país, criando, assim, uma rede complexa de relações sociais. E uma das táticas utilizadas diz respeito à rede de conexão solidária entre marinheiros, regatões, comerciantes, taberneiros e negro inseridos nesse processo. Sobre isso, enfatiza Gomes (2012, p. 317-318):

Podemos ver bem mais que do que uma simples relação econômica em todas essas conexões entre quilombolas, escravos nas plantações, taberneiros e remadores que também podiam envolver caixeiros-viajantes, mascates, lavradores, agregados, escravos, arrendatários, fazendeiros e até autoridades locais (Gomes, 2012, p. 317-318).

⁷⁹ Julesmã Teixeira Colares – Entrevista realizada em 02.04.2023 no Setor Pedagógico Quilombola.

⁸⁰ Julesmã Teixeira Colares – Entrevista realizada em 02.04.2023 no Setor Pedagógico Quilombola.

⁸¹ Julesmã Teixeira Colares – Entrevista realizada em 02.04.2023 no Setor Pedagógico Quilombola.

Gomes (2012, p. 321) ainda delinea que “foi em torno de teias de relações sociais que as comunidades de escravos fugidos se constituíram no Brasil e na maior parte das Américas”. Martins (2010, p.1) nos estudos sobre “As Fronteiras da Liberdade: A Resistência Quilombola na Fronteira entre Brasil e Guianas (Século XIX)”, também apresenta aspectos sobre formas de liberdade e a busca por autonomia que perpassam as estratégias criadas a partir das teias que serpenteiam os rios da Amazônia. A metáfora *teia* utilizada, faz alusão as articulações estabelecidas pelos ex-escravizados na Amazônia.

Delineando aspectos sobre as vivências de escravos fugidos que chegaram ao Grão-Pará nos séculos XVIII, Martins (2010, p.1) esclarece:

[...] verifico que esses atores históricos construíram espaços de relativa autonomia e liberdade a partir da criação de redes de comércio, comunicação e cooperação, aliança e solidariedade, com taberneiros, regatões, acoitadores de escravos, tropas policiais, e outros segmentos da sociedade escravocrata (Martins, 2010, p. 1).

Apresentar esses aspectos são fundamentais para compreender a trajetória dos escravizados que fugiram de outras regiões do país, até chegarem ao local que considerassem seguro para suas existências na Amazônia.

O caso de Raimundo Colares de Jesus no processo de fuga que adentra regiões da Amazônia a partir das redes e conexões negras. Ele chegou ao município de Monte Alegre, situado a 84 km, Norte-Leste de Santarém, estado do Pará.

Acredita-se que através dos regatões que eram utilizados por mercadores para o sistema de trocas e vendas de produtos nos rios da Amazônia, Raimundo conseguiu chegar ao estado do Amazonas. Sua próxima conexão acontece com o deslocamento de Monte Alegre/PA, para uma comunidade chamada Vila Amazônia, situada na microrregião de Parintins no estado do Amazonas. Vindo com seus familiares, ao chegar à Vila Amazônia a convite de um casal daquele local, Raimundo sustentara a família basicamente do trabalho de pesca e do extrativismo.

Com o tempo deslocou-se de Vila Amazônia, município de Parintins, rumo ao município de Barreirinha, local que mais tarde seria conhecido como *Irmandade*. Ali decide ficar e viver com sua família, tornando-se um ponto de acolhida para outros negros que chegaram ao local.

O município de Barreirinha é marcado pela presença quilombola, como fora comprovado pela Fundação Cultural Palmares-FCP, conforme Certificações de Reconhecimento dos 05 (cinco) quilombos do Rio Andirá emitidas em 2013. Este assunto é discutido por Ranciaro (2021) na obra intitulada “Quilombos do Rio Andirá: das travas à

abertura dos cadeados⁸²”. Ao longo das discussões, a autora apresenta o diagrama no qual registra a genealogia da Família Rodrigues/Castro e, tendo por base a memória coletiva, Ranciaro (2021, p. 95) sustenta que, fins do século XIX e início do século XX, com a chegada do ex-escravizado, Benedito Rodrigues da Costa, em áreas do Rio Andirá: “... fica evidente que a descendência confere aos quilombolas o direito à terra”. Sobre a linhagem de descendência de Benedito, Ranciaro enfatiza:

É a existência dos grupos ao longo do perímetro territorial [27.816.13ha] que lhes dá o direito de pertencimento e permanência à terra tradicionalmente ocupada. Fato que atribui à linhagem de descendentes [do ex-escravizado] a afirmação da identidade coletiva, com o estatuto da denominação histórica de *quilombola* (Ranciaro, 2021, p. 95).

Trata-se de acontecimentos que podem também confirmar a possibilidade da chegada de descendentes de agentes sociais quilombolas no território do Paraná do Urucurituba, conforme se percebe nas discussões trazidas no item subsequente.

2.3 Território de parentesco

Vá em busca de seu povo. Ame-o. Aprenda com ele.
Comece com aquilo que ele sabe. Construa sobre aquilo que ele tem.

(Kwame N’Krumah, 2006, p. 52)

Escolhi essa epígrafe belíssima de Krumah (2006), para iniciar o desvelar das lembranças alicerçadas nas memórias emblemáticas de agentes sociais, portadores de memórias, cujas narrativas configuram *o não dito* acerca da história, por exemplo, de Raimundo de Jesus e todo o processo de sua construção genealógica. Burke (1992) ao discutir o tema *memória*, explica que, dada a vasta multiplicidade de identidades e a coexistências de memórias sociais, incluindo memórias familiares, seria pertinente:

[...] e, certamente mais produtivo, pensar em termos pluralísticos sobre os usos que a recordação pode ter para diferentes grupos sociais que podem ter diferentes pontos de vista quanto ao que é significativo ou *digno de memória* (Burke, 1992, p. 25).

A relação de parentesco configura a formação social de unidades sociais quilombolas no Amazonas. Para delinear esta configuração da formação do quilombo São João do Urucurituba, lanço mão das narrativas do bisneto de Raimundo de Jesus, o quilombola Julesmã Teixeira Colares. Aliás, com iconografia 19 do agente social é bastante ilustrativa, visto que no mapa delinea-se a constituição da família “Colares de Jesus”. Julesmã, reside no quilombo e

⁸² Trata-se da tese de doutorado em Antropologia Social-PPGAS/UFAM, defendida em 2016 sob o título: “*Os cadeados não se abrem de primeira: processos de construção identitária e a configuração do território de comunidades quilombolas do Rio Andirá (Município de Barreirinha-Amazonas)*”.

atua como coordenador da Escola Municipal Santa Ana⁸³ iniciando sua atuação como professor no ano de 1981, tendo sido eleito como presidente da comunidade no ano de 1980. Para além disso, é ministro da Eucaristia, ali assumindo o papel de liderança da Igreja Católica. Foi fundador da Associação dos Remanescentes Quilombolas do São João do Urucurituba-ARQSJU⁸⁴ de 2016 e assumiu a direção de presidente até o mês de fevereiro de 2022.

Cabe ressaltar que estas informações correspondem a duas famílias que marcam a formação inicial deste local. Farias Júnior (2019, p. 392) afiança que “não é possível falar em quilombolas como agentes sociais homogêneos”. Ao pensar o contexto amazônico cabe considerar, nesse processo de formação de novas etnias, em terras tradicionalmente ocupadas, que existiram diferentes trajetórias familiares que configuram esse processo. Para Farias Junior, (2019, *ibid.*), “existiram diferentes trajetórias familiares e de territorialização, isso em uma perspectiva quanto à organização territorial”. Nessa perspectiva, tais relações não estariam estritamente relacionadas à consanguinidade, ou seja, abrange outros aspectos, naturais e ambientais, dentre outros.

Ranciaro (2016), ao analisar o processo de formação do quilombo do rio Andirá, assegura que a memória coletiva se constitui como instrumento analítico da identidade desse grupo étnico, conquistado a partir de seu fundador, o ex-escravizado, Benedito Rodrigues da Costa. Santos (2020, p. 203), por outro lado, referindo-se ao quilombo ao Jamari enquanto unidade familiar organizada politicamente, afirma que este processo está associado a um acontecimento místico. Tendo por base essas discussões, ao longo dos próximos capítulos apresentaremos as demais famílias de ex-escravizados que participaram desse processo de formação identitária no município de Barreirinha/Am.

Todavia, neste o foco está alicerçado, como já mencionado, na relação de parentesco estabelecida por Raimundo Colares e seus descendentes.

⁸³ A Escola é denominada Escola Municipal Santa Ana em Alusão a padroeira “Santa Ana” que fora festejada durante anos na comunidade. Com o intuito de salvaguardar a história e memória religiosa, os comunitários deliberaram e mantiveram o nome.

⁸⁴ A associação ARQSJU, foi criada em 27 de março de 2016, conforme aponta a ata da reunião: “Reuniram-se na sede provisória da Comunidade de São João do Urucurituba, sob a presidência do professor Julesmã Teixeira Colares, os comunitários de São João de Urucurituba e da localidade de Igarapé do Mato da mesma região, remanescentes de quilombolas para formalizar e oficializar nos termos da lei a Associação. (ATA da ARQSJU, 2016, p.1).

Iconografia 19: Julesmã Teixeira Colares



Fonte: Ar. E. R, 2021.

No dia 27 de dezembro de 2023, o agente social Julesmã correspondente a iconografia acima (iconografia 19), propiciou um diálogo em que apresenta uma breve narrativa sobre sua família. Em sua primeira fala, pontua a estada por um período em uma Comunidade do município de Parintins Amazonas, assim como aborda a forma pela qual se deu a constituição da família a partir de seus avós:

Sou Julesmã Teixeira Colares, Filho de José Pereira Colares com Raimunda Teixeira Colares e vou falar um pouco sobre meu, Bisavô, que? Ele tem, uma história, uma longa história, vou resumir um pouco porque ele veio da Bahia. E passou um tempo aí pela Vila Amazônia, veio para Parintins. E aí, ele. Foram construindo famílias. E, certo, é que a minha avó, ela teve uns filhos, 3 por certo, 3 filhos que foi! E Abraão Pereira Colares. Leônidas Pereira Colares. José Pereira Colares que é meu tio, ou meu pai. [...] Então a minha avó ela tinha umas filhas que ela adotou, que foi a “Pequenina”. Eu não me lembro do nome dela, mesmo biológico que quando eu me entender a sorte de chamavam para ela de “Pequenina”. E a Vicência, mais conhecida como Tapuía.⁸⁵

Em seguida, o nosso interlocutor explica sobre o encontro de seu pai e sua mãe, bem como discorre sobre a constituição de sua família:

O certo é que o Meu pai também arranhou minha mãe, que o meu tio ele casou com a Dona Raimunda. Ela é de Parintins. Aí ele foi pra lá com o irmão. E a minha mãe era de lá do Aninga. Aí, sempre ela vinha aí para a cidade que morava ali no São Benedito. É, passou agora na ideia. E lá eles moravam...lá o meu pai conheceu minha mãe. Aí tiveram vários filhos. Antes de meu pai ficar com minha mãe, ela já tinha um casal: a Cândida Lúcia e Ananias! Ananias Teixeira Lopes! Da Cândida, não sei do sobrenome dela. Então, esse casal aí são meus irmãos, só do lado de mãe. Agora já, com o meu pai aí tiveram Osmar Teixeira Colares. E Logo

⁸⁵ Julesmã Teixeira Colares- Entrevista realizada em 02.04.2023, em minha residência.

em seguida veio o Etelvino. Os sobrenomes, todos são os mesmos. Veio o Etelvino, depois José Joaquim. [...] José Joaquim, Osvaldete, Edmeia, Julesmãque sou eu, Edioneia, José Pedro e a Raimunda, já falecida, Adenásio. Esses são todos os meus irmãos. E cada um deles tiveram suas famílias, o único que ainda não tem, assim, família mesmo foi o Etelvino, mas ele tem filhos. A Cândida Lúcia, ela já é falecida. Eu creio que eu esqueci do nome aí que é o Ananias⁸⁶.

Prossegue Julesmã, delineando a formação da sua família, como se verifica na narrativa abaixo:

Pois bem, à minha família que eu constituí: a minha esposa é Bernadete Pereira dos Santos, nascida numa comunidade vizinha, Vila Pereira. Filha de Laoureano com Jerônima. Dona Jerônima, seu meu filho mais velho, ele é falecido, e o que foi pra Manaus é o Jackson dos Santos Colares. Aí depois dele veio a Clarice que também está em Manaus. Ela trabalhou em Manaus. No colégio João Lúcio. E tenho a Francinaldo, o Juleson, Julesmar, Berlanio, Francimara, Jennifer e Francimar⁸⁷.

A partir dessas narrativas, foi possível montar um quadro parcial da sua família de Julesmã Colares. Cabe ressaltar que essas informações foram concluídas em outro momento com o auxílio de outros agentes sociais, por exemplo, o irmão Osmar e sua esposa Bernadete. Através da Figura 3, percebe-se a construção genealógica da Família Colares de Jesus, contendo o registro de nomes dos antepassados seguidos dos descendentes até a quinta geração.

Outro aspecto que é possível identificar e abre caminho para a reflexão acerca do processo de formação de territorialidades específicas está pautado na constituição do território de parentesco, imbricado na narrativa de Julesmã Colares. Segundo Almeida (2006) o território de parentesco constitui-se a partir de *unidades afetivas* que se transformam em *unidades de mobilização*. E enfatiza o autor:

O processo de territorialização das comunidades remanescentes quilombolas [...] não pode ser pensado consoante um desenvolvimento linear e cumulativo. Pois, há descontinuidades historicamente determinadas e de sentido aparentemente paradoxal que converge para a formação de um território étnico. As territorialidades específicas, que o constituem, foram construídas de modo diferenciado, como foi possível observar com as chamadas terras de santo, terras de preto e terras de caboclos. Da mesma maneira as terras de santo abrangem situações sociais referidas a ordem religiosas e irmandades distintas, que foram afetadas desigualmente pelo estado dinástico em diferentes momentos históricos - como, por exemplo, os Jesuítas, em 1758, e os carmelitas e mercenários, em 1821 -, tem-se que povoados que se agrupam nas chamadas terras de preto e as terras de caboclos também compreendem uma diversidade de situações. (Almeida, 2006 p. 46)

Quanto a essa diversidade no que tange às formas de acesso à terras, sobretudo aquelas que se dispersaram, Almeida faz referência às diferenças que daí resultam, inserindo-se àquelas situações de: “doações de terras, aquisições, ocupações por abandono ou através de conflitos

⁸⁶ Julesmã Teixeira Colares- Entrevista realizada em 02.04.2023, em minha residência.

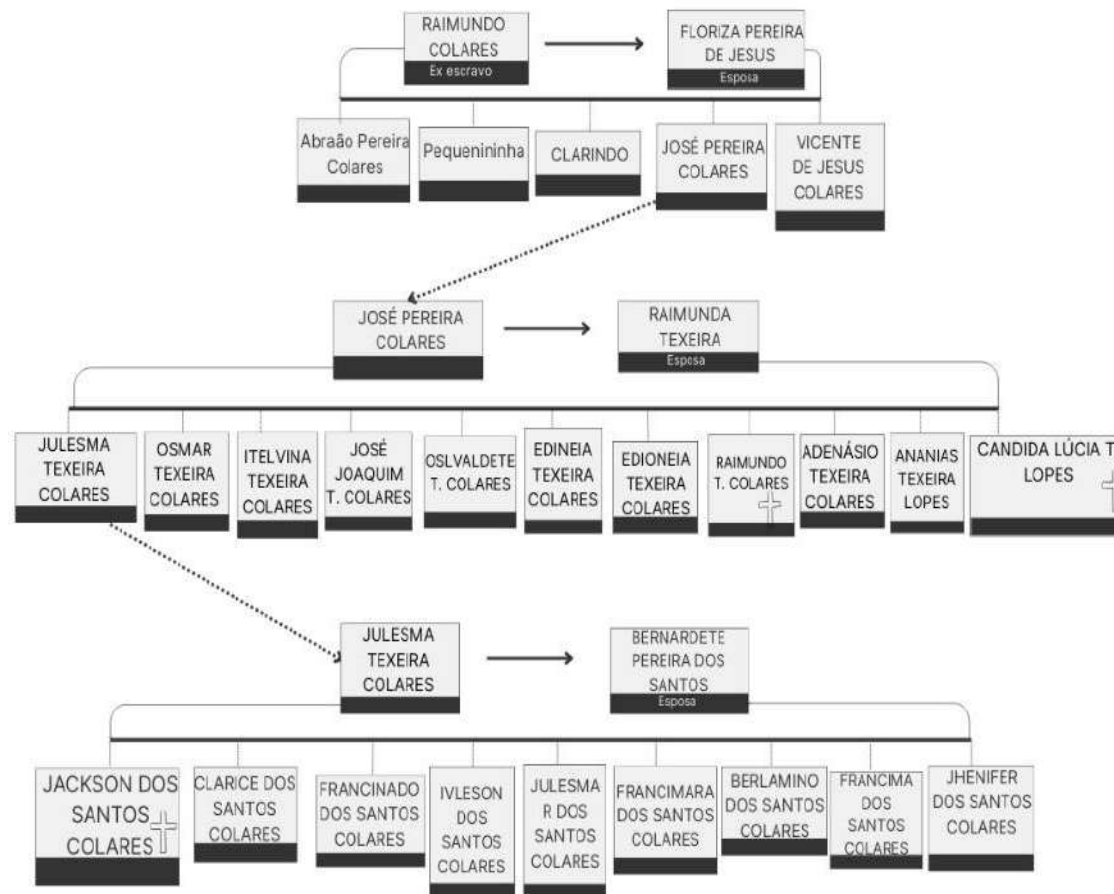
⁸⁷ Julesmã Teixeira Colares- Entrevista realizada em 02.04.2023, em minha residência.

[que] explicitam as referidas dinâmicas de autonomia e as modalidades segundo as quais se formaram os grupos sociais a elas referidas (Almeida, idem: 2006, p. 46).

Assim, as relações matrimoniais configuraram uma forma de expansão do Território étnico, pois constituíram vínculos que ocasionaram na apropriação de terras, posteriormente, a partir dos casamentos. As narrativas apontam para a união de casais desde a chegada dos antepassados que se espraiam para as várias unidades sociais do território. Assim entendido, tais unidades, resultantes desse processo, mantêm vínculos afetivos e de parentescos, convertidos em unidades de mobilização política.

As narrativas também apontam os conflitos referentes à ocupação das terras, cuja doação resultaram dos conflitos entre agentes sociais. Todavia, esses conflitos não causam o abandono das terras, os descendentes de ambas as famílias residem na unidade social quilombola, assim como casaram dando continuidade às relações de parentesco através da consanguinidade e/ou da relação construída por acolhimento. Adiante, apresento o Quadro 1 no qual apresento a genealogia da família de *Jesus Colares os Bahias*, assim conhecidos no território.

Quadro 1.
GENEALOGIA DA FAMÍLIA COLARES



Olga Maciel Ferreira
08/02/2025

Fonte: Quadro elaborado por Ferreira, em 08. 02. 2025.

Em seguida, no Quadro 2, se tem a configuração dos territórios de parentesco, expressando a dimensão político-organizativa dos respectivos territórios e, portanto, se tem a dimensão da formação dos quilombos, a partir dos contatos de agentes sociais de unidades específicas.

Quadro 2: Territórios de parentesco

Nome de Famílias	Colares de Jesus/ Bahia	Teixeira	Silva	Moreira	Correa	Carneiro
Territorialidades específicas	Terras de preto	Terras de preto e caboclos	Terras pretos Caboclos	Terras de preto e caboclo	Terras de preto	Terras de preto e Caboclos
Forma de acesso à terra	Ocupação E doação	Ocupação	Ocupação Aquisição	Doação	Ocupação	Ocupação e herança
Povoados	São João Batista Barreirinha Lago Preto	Vila Pereira Aninga	São João do Urucurituba Miará Cabeceira do Vadinho Santa M ^a Lago Preto Vila Amazônia Vila Carneiro	São João Batista Barreirinha	São João Batista Monte Horebe Sumaúma Igarapé do Mato Barreirinha Parintins	Vila Carneiro
Autodesignação	Pretos e caboclos	Pretos e Caboclos	Pretos e Caboclos	Caboclos e pretos	Pretos	Pretos E Caboclos
Memória e História	Fazenda Irmadade	-	Fazenda e engenho	-	Comercialização de produtos Regatão	

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

2.4 A apropriação da denominação “São João do Urucurituba”

No processo de colonização e dominação das Américas, os colonizadores desconsideraram a cultura e identificação específica das unidades sociais por onde aportaram. Todorov (2010) em ‘A conquista da América: uma questão do outro’, pontua que Cristovam Colombo na descoberta (encontro) da América nomeava os locais segundo seu olhar para a natureza, assim como a conexão que o mesmo tinha com a doutrina cristã.

Por que pontuar esses aspectos? Partindo do princípio que as sociedades e tribos que não dominavam a grafia eram consideradas sem culturas, ou a possibilidade de não adequação aos padrões da sociedade eurocêntrica deveriam passar por adequação. Strauss (1989) em o pensamento Selvagem, pontua como os povos indígenas e africanos realizavam o ato de nomear as coisas e lugares. Assim, permitindo compreender que o pensamento do colonizador não era comum aos grupos étnicos inseridos na América. Referente aos termos e denominações, Almeida (2004, p. 22.) Elenca que “os termos e denominações de uso local politizam-se, (...) o uso cotidiano e difuso destes termos acompanha a politização das realidades locais”.

Nesse sentido, a chegada dos ex-escravo naquela ilha situada em Barreirinha-Amazonas, trouxe algumas denominações atreladas àquele grupo étnico que ali passou a residir. Quanto a isso, Almeida (2004, p. 22) afirma: “Os agentes sociais se erigem em sujeitos da ação ao adotarem como designação coletiva as denominações pelas quais se autodefinem e são representados na vida cotidiana”. Abordar a história e memórias de comunidades tradicionais exige sensibilidade e cuidado ao apontar os caminhos para onde as memórias individuais e coletivas direcionam.

Halbwachs (1968, p. 55) ao refletir sobre a categoria memória coletiva interpretando-a, elucida que:

A memória coletiva, [...] envolve memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais, penetram algumas vezes nela, mudam de figura, assim que seja recolocada num conjunto que não é mais uma consciência pessoal.

Nesse sentido apresentamos a narrativa da agente social quilombola Vicência Colares de Jesus, uma das primeiras agentes sociais da unidade social São João do Urucurituba. Nasceu na unidade social, vivenciou sua infância e aprendizado junto a seus pares até constituir família. Vicência é detentora da história e memória de formação do quilombo, atua como parteira e benzedeira⁸⁸. Traz em seu legado saberes medicinais quilombolas, e domina a prática de

⁸⁸ Benzedeiros é um termo comumente usados e que tem por significado o que diz, (Oliveira 1985, p. 27). Ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia dos conhecimentos da medicina popular

benzimento.

Vicência não teve a oportunidade de estudar, dedicando-se ao longo de sua vida para sua família e a vida ao sagrado. Abaixo a iconografia de Vicência Colares

Iconografia 20: Sra. Vicência Colares de Jesus



Fonte: Ar. E. R., 04. 12. 2024

Em sua narrativa ela pontua sobre o equívoco e o confronto de informações e interpretações referente ao nome da unidade social onde chegara, Raimundo Colares de Jesus, pois, as primeiras memórias apresentadas nos dois tópicos pontuam as vivências de outros agentes que ocuparam também aquele lugar.

Priorizo esta narrativa nesse tópico para pensar a história silenciada da Unidade Social e a urgência em ser lembrada pelos mais jovens. Em sua narrativa Vivência pontua:

La não tinha nome, nenhum nome. Aí eles colocaram o nome Terra Preta do Urucurituba. Isso eu me lembro benzinho. Papai Clarindo falava! Diziam que era “Terra Preta dos Macacos”. Não era não, era Terra Preta do Urucurituba. E pertencia ao município de Barreirinha”⁸⁹

A partir do relato de vivência é possível perceber a identificação dos agentes sociais com a denominação escolhida pelos primeiros agentes sociais que naquelas terras chegaram. Assim, como é possível perceber o preconceito que lhes foram direcionados, devido ao local ter sido ocupado por descendentes de ex-escravizado e sua cor, inserindo o termo pejorativo “Terra Preta dos Macacos”. Para populações negras, e quilombolas as denominações estão alinhadas a identidades perpetuadas por esses. Segundo a portaria Nº 06 de 01 março de 2004 da Fundação

⁸⁹ No capítulo IV apresento o contexto da viagem e as deliberações sobre o evento.

Cultural Palmares que institui o cadastro Geral de Remanescentes das comunidades de quilombo, nomeando-as sob as seguintes denominações: “Terras de Preto”, “mocambos”, “comunidades negras”, “quilombos” (Almeida apud 2004, p. 20).

Para Barth (2011), superar as fronteiras auxiliam no processo de continuidade de grupos étnicos. O autor afirma que: “Quando se define o grupo étnico como atributivo exclusivo, a natureza da continuidade dos traços é clara: Ela depende da manutenção de uma Fronteira” (Barth, 2011, p.192)

Ao ouvir o agente social quilombola, Francisco Silva, ele elucida que a unidade social, atualmente designada como quilombo São João Batista era com conhecida como “Terra Preta”, em alusão a Família Colares de Jesus os “Bahia”: “Em Terra Preta moravam os Bahias, os “bahiazadas”. Estes, aí. Seu Zé Bahia, que eu conhecia muito eles, o irmão deles. Zé Bahia pai do professor, seu Julesmã da família Colares” (Entrevista Francisco Silva, 03 fevereiro de 2024).

O primeiro tópico desse capítulo apresenta lembranças e memórias que configuram parte da história do Quilombo. Todavia por anos os agentes sociais quilombolas viveram como se fossem ribeirinhos, silenciando a trajetória dos antepassados daquele local. A partir de 1981, decidem assumir a denominação comunidade São João do Urucurituba, e trazem à tona o resgate da história religiosa e chegada do negro Raimundo de Jesus a este local “agarrado” a imagem de São João Batista.

Após anos de silenciamento, nos anos de 2009 com inserção das políticas públicas no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, que visavam, resgatar e valorizar a história e memória de negros escravizados, ocorreu o contato com os moradores do São João do Urucurituba, nesse sentido a comunidade passa por um outro processo. O professor Julesmã Teixeira Colares, viaja para Brasília⁹¹ e é colocado em contato com as políticas afirmativas destinadas a remanescentes. Ao retornar, a então unidade social São João Batista do Urucurituba, passa novamente pela alteração da denominação, assumindo a Identidade como “Quilombola”.

Os agentes sociais quilombolas alteraram o termo comunidade para Quilombo, no ano de 2010 após o contato do professor Julesmã com uma equipe de Brasília, em virtude de ter sido questionado sobre a identidade da unidade, ocorre que os agentes sociais se veem pertencentes a identidade e cultura quilombola, se identificando como remanescente de Quilombo, o que leva estes mudarem a denominação de comunidade São João do Urucurituba para Quilombo São João Batista do Urucurituba. Ressalta-se que mesmo estes se auto identificando como remanescente de quilombo, ainda não passaram pelo processo de reconhecimento por órgãos como a Fundação Cultural Palmares e INCRA.

A (iconografia 21) a seguir, apresenta-se a imagem de São João Batista, patrimônio da cultura religiosa quilombola local. A iconografia quatro retrata a imagem do andor ornamentada

para o festejo que acontece no mês de novembro de 2022, seguido de novenas que são celebradas todas as noites até o dia da festa. No Dia de São João Batista precisamente durante a festividade os agentes sociais e os devotos do santo seguem em procissão até a igreja de São João Batista.

Iconografia 21: Imagem de São João Batista



Fonte: Ar. E. R., ano 2023.

Na (iconografia 22) subsequente apresento a imagem de São João Batista menino, a iconografia apresenta a imagem do santo trazido por Raimundo de Jesus da Bahia. Ao realizar estudos sobre os nomes e a representação da imagem é possível perceber que esta é diferente do padrão das imagens apresentadas na doutrina católica. Esta é representada por São João Batista menino, o mesmo está sentado em cima de um globo terrestre ao lado de um carneiro, em sua mão direita João Batista carrega uma cruz e na esquerda uma bacia. É possível ainda, perceber as fitas coloridas aos seus pés.

Iconografia 22: Imagem de São João Batista Menino.



Fonte: Ar. E. R., 2023

A partir dos aspectos delineados é possível refletir a chegada de Raimundo Colares de Jesus no Amazonas, vindo da Bahia até a ilha que hoje está situada o quilombo, e compreender como as memórias e narrativas locais perpetuam a fuga e chegada do negro fugido com a imagem de São João Batista no quilombo que trouxe o orixá Xangô⁹⁰ no olhar das religiões de Matriz africana e São João Batista menino no sincretismo religioso com o catolicismo. Com o intuito de perpetuar as memórias do santo que era visto como protetor dos remanescentes que viviam na comunidade São João do Urucurituba através da apropriação da denominação adotada. Prandi (2001) elenca em mitologia dos Orixás que Xangô é reconhecido como orixá da justiça.

Através da leitura, foi possível compreender as conexões e parte das memórias que versam sobre a chegada da Família Colares “os Bahias”, além de acompanhar a genealogia parcial da família de Jesus Colares.

No entanto, o trabalho apresenta algumas lacunas ou fios soltos⁹¹ que será possível compreender em pesquisas posteriores.

O próximo capítulo versa sobre tais questões desveladas nesse tópico, ao tempo em que

⁹⁰ Referente ao Orixá Xangô Prandi (2001), apresenta a mitologia e atribuições em Mitologia dos Orixás: (Conf. Prandi, Reginaldo, mitologia dos orixás, 2001, p.242 a 274).

⁹¹ A partir dessa dissertação há a possibilidade de aprofundar e desvelar sobre a cultura religiosa do quilombo, memórias de outros negros que chegaram ao local, economia, arqueologia a partir dos artefatos localizados na unidade social, dentre outros aspectos.

discute sobre a chegada e presença negra no Baixo Amazonas. Neste sentido, torna evidente as relações de acolhimento dos ex-escravizados no território de Urucurituba.

CAPÍTULO III

ENTRE AS TRAVESSIAS E O ATLÂNTICO: O PERCURSO DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DE UM QUILOMBOLA

A história da escravidão perpassa por vários contextos, motivo pelo qual esse dou ênfase a esse tópico trazendo um breve olhar a respeito do que foi a escravidão na África e, para tanto, debruço-me nos estudos de historiadores como Del Priore e Venâncio. Esses estudiosos afirmam que: “Na antiga África Atlântica a escravidão era doméstica, de linhagem ou parentesco” (Del Priore e Venâncio, 2004, p. 36). Ou seja, essa organização familiar estava mais relacionada a acordos entre famílias e tribos. Todavia, com a chegada do europeu modifica-se essa perspectiva ao se apropriarem da tradição de um povo, para a destinarem como um fim *comercial*, realizando o tráfico internacional de escravos. Fato que acarretou no sequestro de africano, ocasionando a escravidão em vários continentes e países. Nesse sentido, nos deteremos na rota destinada ao Brasil. Segundo Priore e Venâncio:

O tráfico internacional de escravos se apropriará dessa tradição e transformará a África Atlântica em fornecedora de braços para lavouras e minas localizadas do outro lado do oceano. O restante do continente teve pouquíssima importância nas engrenagens do comércio de almas para o novo mundo. Moçambique e Madagascar, responsáveis por 10% do total de escravos traficados, teve 2/3 deles destinado ao mercado do urso humano (Priore e Venancio, 2004, p. 37).

Portanto, é através desta estratégia de comércio e mercantilização de Africanos na África Atlântica pré-colonial que africanos como seu José Raimundo da Silva vivenciam a travessia do Atlântico, passando pelo sentimento de mercadoria humana. Nessa perspectiva pretende-se apresentar nesse estudo as narrativas sobre a história de seu José Raimundo Silva, africano sequestrado que atravessa o Atlântico em um navio negreiro, cujo percurso desagua no Brasil.

3.1. A travessia *versus* o banzo

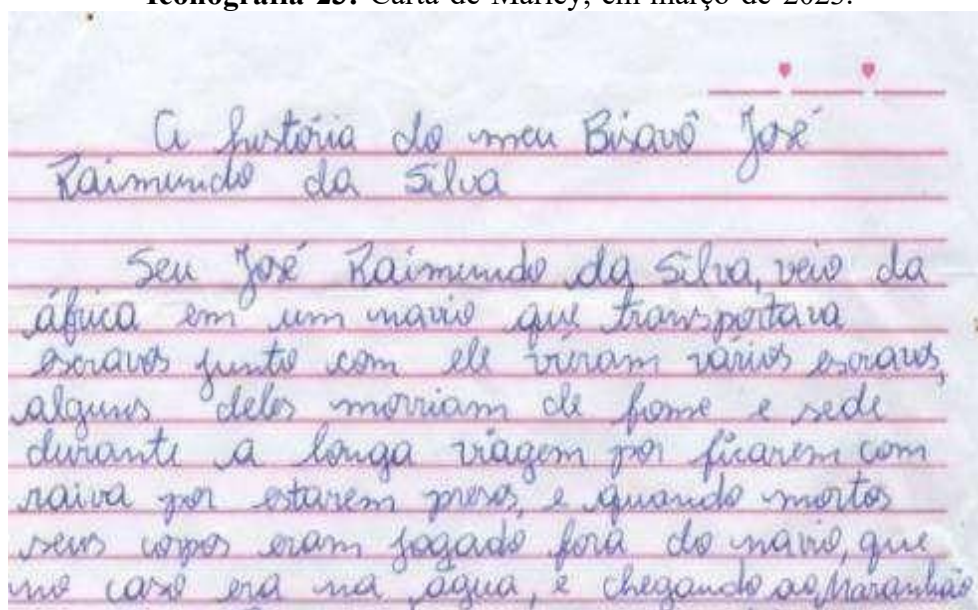
Presa nos elos de
uma só cadeia. A
multidão faminta
cambaleia, E chora
e dança ali,
Um de raiva delira,
outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri

(Castro Alves, 1869)

No berço de uma sociedade colonizadora, o trecho de “O navio Negreiro” de Castro Alves, assume a responsabilidade de trazer a reflexividade, para um dos pontos que mais se discute hoje ao falar de escravidão e do que foi a travessia do Atlântico, para descendentes de africanos escravizados. Não se trata de perpetuar a história de violência, desumanidade e escravidão, ou muito menos incentivar o esquecimento de um processo que ainda no século XXI, não conseguiu reparar toda a história de perdas e danos causados aos descendentes de africanos. Trata-se, portanto, de elucidar as memórias de luta e resistência de um povo que sobreviveu a toda essa violência e lutou para ter o domínio e liberdade de seus corpos, como vivenciaram em seu continente: a “Mãe África”.

Utilizo-me de trechos do poema para dialogar com o parágrafo de uma carta elaborada em 2023, por Marley da Silva Frazão, bisneta de um ex-escravo, que narra sobre a as memórias de seu bisavô na travessia do Atlântico, após ser capturado, raptado e trazido forçadamente da África para o Brasil, onde foi escravizado. Abaixo apresento um dos parágrafos da carta endereçada a mim. No primeiro parágrafo descreve a bisneta:

Iconografia 23: Carta de Marley, em março de 2023.



Fonte: Carta, M. F. fevereiro de 2022.

Seu José Raimundo da Silva, veio da África em um navio que transportava escravos. Junto com ele vieram vários escravos, alguns deles morriam de fome e sede durante a longa viagem por ficarem com raiva por estarem presos, e quando mortos seus corpos eram jogados fora do navio, que no caso era na água” (Carta de Marley, encaminhada no mês em março de 2023).

Neste primeiro parágrafo, Marley apresenta a memória sobre as memórias de seu bisavô, vivenciadas no navio negreiro. Seu José Raimundo sobreviveu às condições

insalubres, assim como o Banzo⁹². Kananojá (2018) em sua análise sobre a doença do *banzo*, explica que ocorreram várias mudanças na definição. Ao referir-se ao tráfico de escravos no Atlântico e sobre a escravidão ocorrida no Novo Mundo, o termo *Banzo* estaria relacionado a “melancolia ou nostalgia” vivida por negros no tráfico de escravos. O Banzo estaria relacionado a resistência dos escravos, mas principalmente a saudade de seus familiares. Kananojá, ressalta que:

O significado da melancolia mudou dramaticamente no Atlântico moderno português durante aproximadamente dois séculos, entre 1600 e 1800. Enquanto os médicos portugueses do século XVII estavam completamente ligados a autoridades antigas e suas visões sobre a melancolia, no século XVIII o banzo foi gradualmente vinculado a emergentes noções de raça, tornando-se uma doença dos negros. No mundo atlântico do sul, de Angola e do Brasil, essa transformação foi completada pela adoção do termo banzo, de origem Kimbundu, para significar melancolia. (Kananojá, 2018, p. 71,72).

As narrativas advindas das memórias de dona Marley acerca do ex-escravizado, o africano José Raimundo, apresentam essas características, assim como as cenas de violência relatadas sobre o cotidiano vivenciado no interior daquele navio Negreiro:

Meu bisavô veio da África dentro de um navio. Ele contava para nós que quando ele chegou dentro do navio, havia várias pessoas, eu não sei quantos escravos, mas ele disse que eram vários. Aí ele chegou lá, tinha várias pessoas amarradas, vários escravos amarrados, e sim viajaram. Ele falou que quando os escravos estavam amarrados, eles espumavam que nem um porco amarrado, com raiva. Tentavam dar água para eles, mas eles não tomavam, pois estavam com raiva. Aí dentro desse navio eles morriam, morriam amarrados, porque eles não tomavam água, eles não comiam. Não podiam fazer nada, eles morriam. Aí eles pegavam, jogavam eles para água, sim, os escravos e, assim vieram⁹³

Apresentado o primeiro momento da história da vida do africano José Raimundo Silva, no tópico a seguir serão registradas as narrativas que identificam a chegada desse escravizado no Brasil, mais precisamente no estado do Maranhão, bem como serão identificados os processos de fuga e resistência desse africano.

Dois eixos caracterizaram o empreendimento acionado quanto ao envio de africanos para os Estados do Maranhão e Pará. Por um lado, as iniciativas partiram fundamentalmente da Corte. Diversamente de outras partes, a Coroa teve um papel crucial para definir, estabelecer e organizar as rotas do tráfico. Por outro lado, o tráfico negreiro para a região amazônica efetivou-se a partir de uma rota muito específica. Em

⁹² Ver Kelly Kananojá: As raízes africanas de uma doença brasileira: O Banzo em Angola nos Séculos VII E XVIII. in Revista, ponto de Laço, São Cristóvão, V.12, N.23, jul. - dez.2018.

⁹³ Marlei da Silva Frazão, Marley Frazão-Entrevista realizada em 13.12.2023 em Hotel Taj Mahal.

vez de Atlântico Sul, deveríamos, antes, falar do Atlântico equatorial. Ao analisar o que foi a escravidão ou negação no estado do Maranhão, Chambouleyron (2006), apresenta aspectos que configuram a presença escrava africana no período seiscentista. Ou seja, tais fatos ao serem negados pela historiografia isto reitera aquelas afirmativas com tendência a sustentar que na Amazônia prevaleceu apenas a escravidão indígena. Segundo o autor:

Em inúmeros textos seiscentistas escritos sobre o Estado do Maranhão, a imagem de que o Estado do Brasil só havia prosperado graças ao uso de africanos torna-se um argumento fundamental para defender o urgente envio de escravos da África para a região, situação que também se projetou ao longo de todo o século XVIII, (Chambouleyron 2006, p. 80).

O desenvolvimento econômico do estado se dá a partir da mão de obras de africanos que vivenciavam trabalho escravo nas fazendas, engenhos e atuavam na urbanização da Capital São Luís do Maranhão. Posterior à proibição da mão de obra escrava indígena, argumentos atestavam que os escravos pretos é que estariam aptos a labuta e trabalho forçado. Por meio de uma letra de um ponto de “Preto Velho⁹⁴” elucidado vivências cotidianas de africanos escravizados no período da escravidão, no contexto do Estado do Maranhão, estado ao qual seu José Raimundo Silva chegou e vivenciar à violência e a resistência mediante a realidade escravista. A epígrafe do ponto de umbanda dos autores Rica e Vagas descreve a vida sofrida, cansaço, e o medo da violência que atravessava os corpos e a mente dos escravizados no período colonial.

No tempo do cativo quando o senhor me batia.
Eu rezava pra nossa senhora. Meu pai como a pancada
doía. Trabalhava na lavoura, no açúcar, no cinzal.
Nego era chicoteado, no velho tronco de um pau.
Trabalha negô, negô trabalha, trabalha negô pra não
apanhar. (Boca Rica/ mestre Tony Vargas.)

São esses fatores que direcionaram os africanos escravizados para a fuga. Mediante a tais circunstâncias é possível perceber através das narrativas de dona Marley e seu Francisco aquelas memórias de luta e resistências de seus antepassados que enfrentaram a realidade em busca de liberdade. A quilombola, Marley Silva, expõe fatos sobre a chegada de seu avô, José Raimundo:

⁹⁴ Os Preto-Velhos, figura emblemática da Umbanda, transcendem o tempo, sendo guardiões da ancestralidade afro-brasileira. São entidades veneradas por sua generosidade, amor e sabedoria, personificando os idosos africanos que enfrentaram as agruras da escravidão e agora orientam os vivos com sua paciência e conhecimento milenar. (conf. <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/o-misterio-e-a-sabedoria-dos-preto-velhos-na-umbanda>)

Quando [José Raimundo] chega no Maranhão, ele foi vendido para um fazendeiro. Ele falou que naquela época os escravos eram que nem hoje: um boi, um cavalo que a gente compra e ferra. O fazendeiro o ferrou com o ferro. Ficou nessa fazenda, ele com os outros parceiros dele. Quando foi um dia, mandaram eles carregarem um saco, que naquele tempo tinha o café, tinha várias coisas que eles carregavam em sacos de café ou era outras coisas que eram transportadas em sacos. Aí eram separados os mais velhos dos mais novos, pois os fazendeiros queriam as pessoas mais novas, mais fortes. Eles diziam que tinha mais força, tá? Aí eles foram carregar as sacas de um local pro outro e um deles caiu... Aí veio um dos empregados [capangas] do fazendeiro e meteu a chicotada no parceiro do vovô, bateu até matar. O que ele pensou? Ele falou assim: “Poxa, eu vou fugir porque não sei o que vão fazer de mim quando eu ficar mais velho, sim, vão fazer pra mim o mesmo que fizeram com meu parceiro”. E foi assim que um dia ele fugiu.⁹⁷

Para contribuir com tais memórias, Francisco relata fatos ocorridos com seu bisavô, José Raimundo Silva, o escravo africano:

Meu nome é Francisco Monteiro da Silva, é que meu pai contava para a gente sobre o avô dele quando ele veio da África. Vieram, eu não estou muito bem certo, se eram uns 40 ou 60, é um número assim dessas pessoas que eram *quilombolas*, que vieram da África. Ele contava pra gente que na viagem uns ficavam emburrado, e morriam emburrado, eles espumavam, parecia um porco. Quando ficavam emburrado, não comiam, não bebiam e iam morrendo. Bem, aí o que sobrou, aí eu não tenho uma ideia de quanto sobrou que chegou aqui no Brasil. Vieram diretamente para o Maranhão. Assim chegaram, vieram acho que como encomenda desse pessoal, de umas pessoas que tinham dinheiro. Chegou aí eles foram entregando, uns pra um, outros para outros. Aonde ele ficou, esse meu bisavô, ele ficou com mais esse outro que era parente dele, não sei se era tio ou era sobrinho. Mas acho que era tio dele, porque ele era de idade, meu avô ainda estava novo, sim, o companheiro era de idade. Assim, eles e mais uns outros começaram a trabalhar, trabalhar lá! Agora o trabalho deles é que eu acho que era de cavar terra, cavar, porque na hora que surgiu o problema lá... É que esse meu bisavô matou esse camarada [o capataz], esse tio dele estava já fraco, velha cansado: aí o cara o mandou trabalhar: “Rapaz, trabalha!” Mas, ele estava com muita moleza, não garantia mais trabalhar. Aí, acho que o capataz meteu a tranca nele, no velho. [tio de do meu bisavô] O velho caiu, quando ele pá caiu, é que esse meu bisavô [José Raimundo Silva] se doeu por ele, meteu um picareto nele [no capataz], ele caiu morto, os outros escravos que estavam lá, parceiros dele disseram: “Olha cara, tu foges, foge que o dono vai mandar te matar”⁹⁵

A narrativa é marcada pela chegada do africano, seguida do processo de venda e aquisição de escravos nesses territórios. É possível perceber o cotidiano e os trabalhos que giravam em torno da mão de obra escrava e compulsória, todavia, percebe-se a indignação diante do ato de violência e morte de um de seus parentes. Fato que ocasionaria revolta por parte de seu José, pois, tal crime redundaria em severa punição. Foi, porém, a partir desse episódio que ocorre a fuga que levaria o africano até o estado do Pará. Nesse período, o estado do Pará torna-se o receptor de muitos

⁹⁵ Francisco Silva-Entrevista realizada em 03.02.2024 em sua residência.

escravos, assim como a busca por liberdade tornou-se um fator que levaria à criação de muitos quilombos nos rios, lagos e matas dessa região.

3.2. Belém do Pará e a constituição familiar

Ainda que a escravidão no Amazonas tenha sido uma temática negligenciada, há trabalhos que dialogam diretamente com os relatos de descendentes cujas famílias foram vítimas dessa escravidão. Acevedo e Castro (1998) ao analisarem aspectos sobre os escravos no Baixo Amazonas descreve os atos de internação ocorrida nos rios, lago e igarapés, visando a conquista da liberdade. Sobre isso, assevera a autora:

A memória dos descendentes escravos retém com clareza a situação dos seus antepassados que corridos da escravidão, vindos de Alenquer, de Óbidos e de Santarém, rompem com o regime de trabalho escravo. O recurso à fuga e a procura de uma assistência livre com a estratégia dos escravos, em que encontraram no Rio Trombetas condições naturais favoráveis à realização dessa existência, o que implica a originalidade do mundo social construído (Acevedo, 1998, p. 41).

A autora destaca que esses locais serviram como “alternativa original para a fuga, servindo como um lugar de aprendizagem no que tangia ao conhecimento da floresta tropical de várzea e de terra firme” (Acevedo, *ibid.*) Isso possibilitou o isolamento de negros dos interesses escravistas, pois, segundo a autora, em torno de 1823 havia a presença de 1. 270 escravos em Santarém. Neste sentido, menciono a abordagem de Acevedo para então elucidar as narrativas de seu Francisco ao apresentar a memória da chegada se de seu avô, José Raimundo Silva, em áreas do Baixo Amazonas, especificamente, segundo a narrativa, em Santarém do Pará, após fugir do estado do Maranhão, conforme se verifica na narrativa:

Meu Bisavô, ele saiu nas matas, aí veio, andou e aí ele veio varar aqui no Pará, em Santarém, no Pará. Por ali, acolheram ele, começou a trabalhar, até que arrumou uma família. Com sua companheira tiveram quatro filhos: dois homens e duas mulheres, a tia Amélia, tia Maria, Antônio e Pedro Silva que é o papai⁹⁶

Ao refletir sobre o processo de fugas, Acevedo (1998) destaca a existência de quilombolas e suas organizações nessa região desde o século XVIII. Sobre isso, a autora enfatiza:

A formação de quilombos e as ações de repressão são importantes para entender o grau de instabilidade e de negação da ordem escravista. [...] que, portanto, a formação desses agrupamentos no Baixo Amazonas e a introdução de escravos africanos, coincide com os primeiros anos de expansão da cultura do cacau. (Acevedo 1998, p. 59).

⁹⁶ Francisco Silva-Entrevista realizada em 03.02.2024 em sua residência.

Nessa perspectiva de conhecimento da realidade amazônica após a construção dos laços de solidariedade, acredita-se que os descendentes de seu Raimundo se deslocam para o estado do Amazonas, doravante é possível verificar tais fatos no tópico a seguir.

3.3 Nos braços do Amazonas, a trajetória de Raimundo rumo a São João do Urucurituba.

Bem, daí eles vieram pra cá, pra cá, pro Amazonas. [...] Olha, ele também parou, morou uns tempos na Vila Amazônia.

(Francisco Silva)⁹⁷

A frase de Francisco versa sobre a chegada de seu avô no Amazonas. Nesse processo de territorialização de grupos étnicos, o estado do Amazonas tem sido um espaço social de acolhimento de descendentes de ex-escravizados. Nesse sentido, dona Marley Silva apresenta a narrativa que aponta a chegada de seus antepassados na Comunidade Vila Amazônia, município de Parintins/Am:

Aí, ele [José Raimundo da Silva] viajou uns dias, viajou, viajou... Chegando na Vila Amazônia. Ele ainda era rapazão, estava novo, né? Chegou lá, ele ficou com a minha avó, com a minha bisavó, porque eu não sei o nome dela, eu só sei mesmo o nome dele, né? Que era Raimundo, era José Raimundo da Silva. Aí, lá ele construiu a família, construiu, fez o meu avô. Daí ele veio passa um tempo lá, quando veio o tempo da cabanagem⁹⁸

A agente social apresenta em sua narrativa dois fatos que marcam as vivências de seus antepassados e que motivam a mudança de local de seu bisavô. Quais fatos configuram momentos que afetaram unidades sociais de diferentes territorialidades específicas. Um deles foi a cabanagem que ocasionou nas lutas de diversos agentes sociais que contribuíram para a formação dos estados Amazonas e Pará. Todavia, assim como muitos se aliaram à *revolta da cabanagem*, muitos agentes sociais buscaram os lugares mais distantes visando se proteger da violência. A esse respeito, Santos (1952) assevera:

De 1836 a 1840 o Alto Amazonas foi atingido pelas ondas de rebeliões da cabanagem⁹⁹ que se iniciara na comarca do Grão-Pará em 1835, originando

⁹⁷ Francisco Silva-Entrevista realizada em 03.02.2024 em sua residência.

⁹⁸ Marlei da Silva Frazão, Marley Frazão-Entrevista realizada em 13.12.2023 em Hotel Taj Mahal.

⁹⁹ Verificar Magda Ricci Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. (Conf. <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000100002>)

no seio da elite paraense. Esse movimento social congregou não apenas membros abastados, mas também e principalmente setores expressivos da massa popular amazônica, representada pelos índios, destribalizados os tapuios, brancos, pobres, mestiços, marginalizados e negros, escravos e livres. Contou ainda com interessante participação de grupos autônomos como os Mudurucus, os Mawés e os Mura (Santos, 1952, p. 154).

Referente à cabanagem, Vicente Salles (1971) apresenta as interpretações da época a partir da visão de outros autores. Todavia, foco na inserção de escravos e negros:

O negro – escravo ou liberto – identificou a ideia de liberdade e da igualdade entre as raças através da integração nessa luta. As fileiras de cabanas não diminuía nunca; ao contrário, engrossavam cada vez mais com os desertores do exército legal. A adesão dos indígenas e dos escravos- “que aproveitavam a oportunidade para alcançar a liberdade” (Salles, 1971 p. 261)

Seu Julesmã, em entrevista de campo, mencionou que nesse período da Cabanagem sua avó Floriza Pereira de Jesus *mudou-se para o Rio Andirá para se proteger e levar a imagem de São João Batista e retorna apenas após a guerra*¹⁰⁰. Segundo ele, ela mencionava que vivenciou a revolta nas “Terras Grandes” e que um dia ela o levaria para conhecer.

Uma questão da época se refere ao *paludismo* e, segundo o Ministério da Saúde, a patologia “paludismo” hoje pode ser identificada como “Malária”. Em sua narrativa Marley Silva, refere-se ao Paludismo¹⁰¹ como o motivo da morte de seus antepassados. Além de ter contribuído para o deslocamento para outro local devida à perda da família. Nesse sentido, diz nosso interlocutor:

Da cabanagem, aí veio o paludismo. Aí, ele vivia na casa com a mulher e mais o outro parceiro dele. Vamos lá, aquele que ele conheceu, que era vizinho dele. Aí ele pegou a doença e foram morrendo de paludismo as pessoas... Foram morrendo, foram morrendo, aí chegou lá, chegou na casa dele. Aí morreu, morreu o pai dele e a mãe dele, aí só ficou ele com esse parceiro¹⁰²

Seu Francisco relata que seu pai se casa com uma mulher do Amazonas, que era indígena de origem Muduruku. “É que mamãe é do Waicurapá, é aqui no Arauá”¹⁰³. Após constituir família migra para o município de Barreirinha, situando-se no Paraná do Urucurituba, como podemos verificar no tópico a seguir.

¹⁰⁰ Julesmã Teixeira Colares- Entrevista realizada em 02.04.2023, em minha residência

¹⁰¹ No Brasil, a maioria dos casos de malária se concentram na região amazônica, composta pelos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins.

¹⁰² Marley da Silva Frazão, Marley Frazão-Entrevista realizada em 13.12.2023 em Hotel Taj Mahal.

¹⁰³ Francisco Silva-Entrevista realizada em 03 de fevereiro de 2024, em sua residência.

3.4 Refúgio no Paraná do Urucurituba

Este tópico faz alusão às vivências e suas relações de sociabilidades entre as famílias habitantes em áreas do território do Paraná do Urucurituba. Seu Francisco apresenta as memórias de seu pai, Pedro Silva, explanando sobre sua chegada à Vila Amazônia e a constituição familiar com destaque nas relações de vida e trabalho de familiares até o falecimento de sua mãe, Maria Monteiro. Seu Francisco apresenta essas memórias tendo em vista que por via das narrativas isto possibilitou traçar o trajeto e a localização de descendentes quilombolas no Amazonas. Numa perspectiva de situar o espaço como refúgio, Francisco afirma:

Olha, meu pai, Pedro Silva, morou uns tempos na Vila Amazônia, quando chegou de lá, da Vila Amazônia que fica perto do Arauá, né! Conseguiu essa mulher que é mamãe, Maria Monteiro da Silva. Ela é do Arauá. Depois vieram passar uns tempos por lá, ela é do Arauá, no Uaicurapá. Em seguida vieram aqui para o Paraná do Urucurituba. Aí ele se localizou, e ficou de idade, quando já estava com quase 100 anos, ele foi comprar um terreno lá na Cidade Nova (Urucurituba), passou por uns dois ou três anos, aí ele morreu. Ele morreu em uma cidade nova, né. Mas ainda com 99 anos e, em seguida, faleceu¹⁰⁴

Posteriormente ele narra que após o casamento seus pais deslocam-se e fixam moradia no território de Urucurituba. E, ao apresentar seus irmãos explica que teve um irmão fruto de um outro relacionamento que se chama *Benedito Silva*, irmão mais velho, mas que foi criado pelo pai, em seguida situa onde vivem os demais atualmente:

Aí que eles tiveram a gente, daí que papai a trouxe para cá, para o Paraná. Foi quando nos tiveram. O primeiro filho é o Raimundo Silva, João Silva, Pedro Silva, aí vem Francisco Silva, depois o Álvaro e o Valdemar, né! Valdemar são os dois filhos. Aí vem as duas filhas [...]. É, ao todo são oito filhos, né! É a Iolina e a Izolina. Aí é esses que estão ainda vivos, né! Os dois já faleceram, os filhos vivos são: o Waldemar que mora lá em Roraima. Aí vem o Raimundo Silva, mora aqui no Urucurituba Novo. E o João Silva mora aqui na Costa do Amazonas. Aí o Álvaro mora em Itacoatiara. Os dois tá falecido¹⁰⁵.

A chegada da família de seu Francisco no Paraná do Urucurituba, contribuiu para com o processo de construção cultural daquelas territorialidades específicas. Assim, à medida em que a família foi crescendo, outras unidades sociais são também constituídas. Segundo as narrativas de Francisco, o surgimento de outras unidades sociais quilombolas está relacionado a conflitos familiares. Essas narrativas foram importantes para se proceder ao mapeamento das famílias que compõem as unidades então situadas no território, a exemplo da criação da Unidade Social no Sumaúma

¹⁰⁴ Francisco Silva-Entrevista realizada em 03 de fevereiro de 2024, em sua residência.

¹⁰⁵ Francisco Silva-Entrevista realizada em 03 de fevereiro de 2024, em sua residência.

denominada Mairá. A narrativa aponta, também, a formação da Unidade Social Quilombola Igarapé do Mato, onde há a presença de agentes sociais quilombolas, seus parentes sanguíneos e de acolhimento. “Sumaúma é só parentada” no dizer de Francisco que enfatiza:

Agora, no *Sumaúma*, a gente foi criado. Eu sei que lá no “*Mairá*”, que já tem uns parentes, filhos do Didi da Silva, Lili Silva. Lá que temos parentes legítimos parentes é que a gente tem muito, viu! Lá é que a gente frequentava há muito tempo. Quando os curumizadas, estavam pequeninhos. Quando casei com a Etelvina, em 1963, não é? Em 1973, que nós casamos? Sim! É que nós casamos? (Etelvina responde) Em 1966. Em 1966. Aí nós viemos para aí, estavam lá, eles eram todos novos. Pessoas novas e acolheram muito. Eles eram gente da gente, desde criança, me dava com eles e mesmo quando casamos. Eles tinham alguma coisa naquele tempo, eles compravam grandes de “Parintins”, e a gente não tinha quase nada também, casamos e viemos do zero mesmo. Eles ajudavam a gente, né? Esse pessoal foi muito legal com a gente. Ficou bacana, então, fundemos essa comunidade lá. Eu não sei qual foi a data, mas até que foi eu que ajudei a fazer tudo lá. Fazer campo, fazer Igreja, fazer tudo no Sumaúma, no Mairá. Mas é de lá, que foi espalhado, porque dentro desse Mairá é que tinha aquelas desconfianças, as vezes de irmãocom irmão. Por isso se mudava, porque queriam fazer uma nova comunidade com um menino daqui, que é de lá. Eles passaram para lá, uns deles, para o “*Igarapé do Mato*” Outros já se passaram lá pro “*Rico*”, e fizeram uma comunidadezinha ali, pra lá. A comunidade acabou! Até agora, essa aqui que ainda existe, mas no começo foi lá, no Mairá¹⁰⁶.

Os casamentos aparecem na narrativa como uma possibilidade de continuidade da família, centrada no casamento entre parentes. Na narrativa de seu Francisco ele elenca o período de casamento, e dessa união constituiu sua família com dona Itelvina Bentes da Silva, que, embora oriunda do Madeira, fixou moradia no Município de Urucurituba. E seus filhos atualmente residem em unidades sociais distintas. Dessa união tiveram 10 filhos e todos constituíram famílias. Ao mencionar de onde vem dona Itelvina, Francisco ressalta:

Eu venho lá do Urucurituba tivemos dez Filhos. A primeira Marley Pinto da Silva, Marlene Pinto da Silva, a terceira Marcilei Pinto da Silva, o que lá é o Francimar Pinto da Silva, e de lá é o Francilúcio Pinto da Silva, e de lá é a Miriam Pinto da Silva, daí vem o Davi Pinto da Silva, o que não fala quase. A Mercedes é a mais criança. Tem ainda a Francely, o Elias e a Itelvina Pinto¹⁰⁷.

Seu Francisco informa onde seus filhos residem atualmente, alguns em São João do Urucurituba, na unidade social Santa Maria do Lago Preto e em Manaus:

Três moram lá no São João e um aqui. A gorda, a Marley a Marcilenee o Davi moram lá, né? O Franci, que mora aqui, né? Esse que fomos lá, na casa dele. Eles estão tudo em Manaus. Depois, que vem o Francilúcio, e o Elias. Todos os homens, né? Aí vem a Mercedes, a Fran, e a Mirian, Marcilei¹⁰⁸.

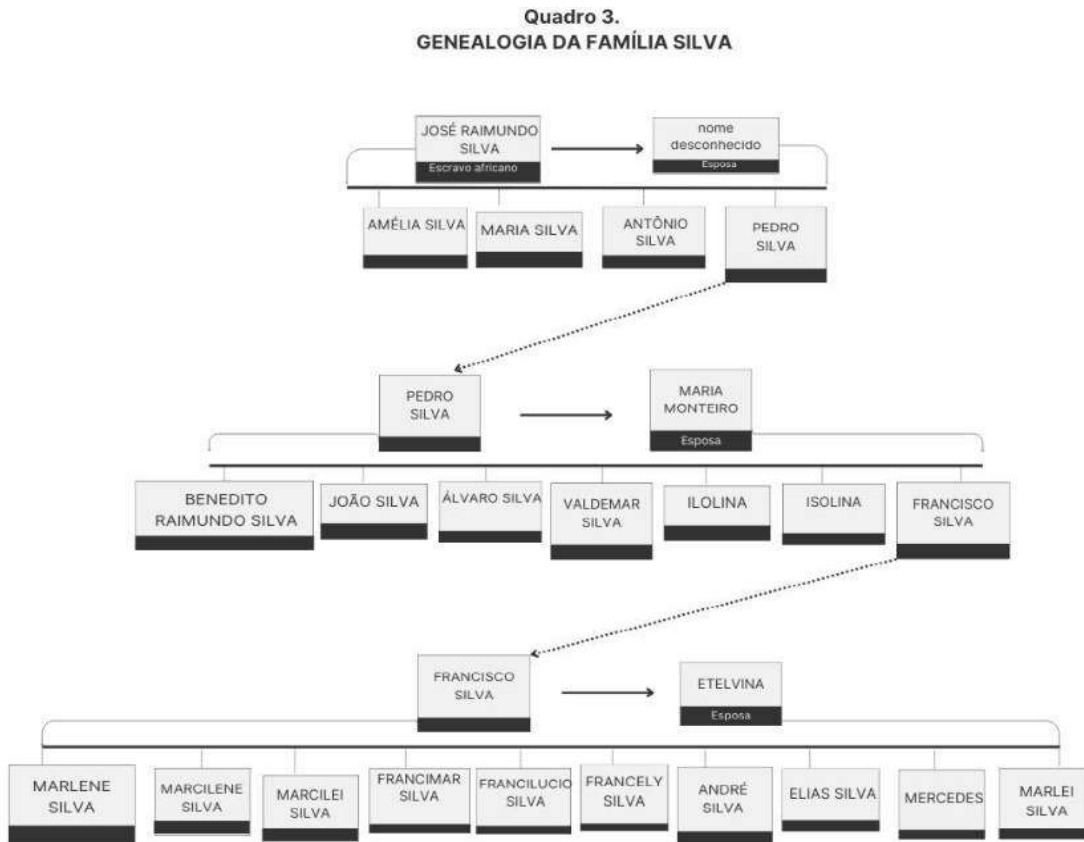
¹⁰⁶ Francisco Silva-Entrevista realizada em 03 de fevereiro de 2024, em sua residência.

¹⁰⁷ Francisco Silva-Entrevista realizada em 03 de fevereiro de 2024, em sua residência.

¹⁰⁸ Francisco Silva-Entrevista realizada em 03 de fevereiro de 2024, em sua residência.

Para melhor identificar a forma como está organizada a Família Silva, a seguir apresento a o diagrama com genealogia da Família (quadro 3), tendo como o fundador do território e de sua linhagem de descendência o ex-escravizado, José Raimundo, que constituiu família desde a sua passagem por Santarém no Pará.

Quadro 3: Quadro Genealógico da família Silva



Olga Maciel Ferreira
08/02/2025

Fonte: Quadro elaborado por Ferreira, em 08.02.2025.

Nas narrativas de seu Francisco, ele apresenta em quais locais estão situados os seus parentes sanguíneos e seus descendentes. A partir dessa informação foi possível traçar um quadro com as informações ali identificadas, conforme o diagrama abaixo registrado e através do qual se tem a composição do território de parentesco da família Silva (Vide o Quadro 4).

Quadro 4: Território de Parentesco

Nome de Famílias	Silva
Territorialidades específicas	Terra de preto
Forma de acesso à terra	Ocupação e aquisição
Povoados	São João Batista, Mairá, Sumaúma, Igarapé do Mato, Santa Maria do Lago Preto, Cabeceira do Viadinho, Roraima, Manaus, Urucurituba Novo, Itacoatiara, Costa do Remanso.
Autodesignação	Quilombolas
Memória e História	Fazenda

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

O quadro 4 apresenta ainda as territorialidades específicas ao qual estão inseridos, evidenciando-a como “*Terra de Preto*”. Apresenta ainda que obtiveram acesso à terra no Sumauma Unidade Social Mairá, através de ocupação, todavia a fazenda denominada “Bom Lazer” a aquisição se dá através da compra da propriedade. Por conseguinte, seu Francisco apresentou os povoados e cidades onde seus irmãos atualmente residem. É possível perceber a que se autodesignam como quilombolas. Pôr fim o quadro apresenta que as memórias e histórias da constituição familiar e do território, são resultantes da fuga de José Raimundo Silva de uma Fazenda do Maranhão até fixar moradia e constituir territorialidade específica no território.

Seu Francisco atualmente tem 80 anos, fixa moradia com sua esposa em seu sítio “Bom lazer” situado em um local denominado “Cabeceira do Viadinho”. Este local tem sido o *lugar* de acolhida de outros agentes sociais quilombolas que se deslocam das unidades sociais, São João Batista, Igarapé do Mato, Monte Horebe no período de cheia. O local está situado em área fechada e conta com um campo de futebol, um centro social onde os agentes realizam os festejos de São Lázaro e ali se pratica também os campeonatos de futebol, assim como festas dançantes. Seu Francisco mencionou que adquiriu o sítio do senhor Eduardo Carneiro e desde então moram no local.

Ao apresentar os dados através das narrativas de dona Marley Silva e seu Francisco Silva, foi possível identificar as memórias que constituíram para a compreensão dos processos de formação histórica de suas famílias e das políticas de territorialização nessas unidades sociais por onde se fixaram aqueles ex-escravizados. Seu Francisco ao iniciar suas narrativas num breve momento pede desculpas por não

se lembrar mais de muitos detalhes. Ele pontua que um certo dia foi agredido por um fazendeiro vizinho e acabou sendo preso por estar defendendo sua propriedade e sua integridade. E por envolver situações que redundaram na ida à Delegacia, ainda na 42ª Delegacia Interativa de Polícia (DIP) de Barreirinha, sua saúde em decorrência disso foi afetada. Quanto a isso, mencionou enfaticamente que teve tanta raiva, chegando a tremer e a espumar de raiva, enfim, o choque foi tão grande que acabou afetando suas lembranças. E, mediante isso, sugeriu que realizasse as entrevistas com sua filha mais velha, a senhora Marley Silva que contribui com as memórias elucidando a história de seu avô e bisavô. Abaixo apresento Marley da Silva Frazão, detentora da memória, membro da CONAQ-AM e articuladora das lutas políticas em detrimento dos direitos quilombolas (Vide iconografia 24).

Iconografia 24: Sra. Marley da Silva Frazão



Fonte: ar. E.R. 10 de fevereiro de 2024.

A trajetória de seu José Raimundo Silva, configura a história da escravidão vivenciada no Maranhão. Ao realizar um breve estudo sobre negro no Maranhão. Mafra, Costa e Guterres (2002), apontam que: “O Maranhão é sempre citado como um dos maiores focos da escravatura brasileira, com irradiação para o Pará. Pelos sertões, muitos negros vieram da Bahia para o Maranhão no fim do século VXIII” (Mafra *et. al*, 2002 p. 104).

A saga de um quilombola elenca a trajetória de um africano escravizado que se revolta e luta por sua liberdade, possibilitando a construção de territorialidades

específicas, tendo, esta, se convertido em objeto de luta por reparação histórica de seus descendentes. Exemplo disso, é o caso de dona Marley Silva, que levanta a bandeira dos direitos quilombolas junto a CONAQ- AM. Portanto, estas discussões se converteram em histórias da escravidão, pois, aqui se teve por propósito apresentar as memórias que constituem a história de descendentes de ex- escravizados que vivenciam suas vidas quilombolas na região amazônica em um município que ainda mantém silenciada a luta por direitos étnicos e territoriais de comunidades remanescentes de quilombos.

CAPÍTULO IV

O QUILOMBO NO CONTEXTO FOTOGRÁFICO: POR ENTRE IMAGENS E EXPRESSÕES DO MOVIMENTO POLÍTICO-ORGANIZATIVO

Aquilombar-se remete à luta contínua não pelo direito a sobreviver, mas pelo de existir em toda a sua plenitude. Trata-se da luta pela existência física, cultural, histórica e social das comunidades quilombolas.

(Souza, 2021).

Início o percurso desse tópico com essa epígrafe, sob o olhar atento de Souza (2022) que, ao refletir, no bojo dos diálogos acerca das lutas quilombolas, expõe fatos sobre o engajamento de lideranças e defensores dos direitos quilombolas. Nessa perspectiva pretende-se, por via das narrativas e iconografias, desvelar o processo de aquilombamento dos agentes sociais do quilombo de São João do Urucurituba. Ainda que já estivessem aquilombados há muitos séculos, recentemente, lutaram para serem reconhecidos como sujeitos de direito.

4.1 Entraves e avanços da mobilização político-organizativa do quilombo São João do Urucurituba

A presença de unidades sociais quilombolas no município de Barreirinha, passou por um processo de tomada de consciência por parte dos agentes sociais. A escrita desse tópico transita pela ideia que busca compreender tais processos através de um repertório interpretativo acerca do cotidiano vivenciado no quilombo de São João do Urucurituba.

Perspectivas como a elencada, foram apontadas no trabalho de Ranciaro (2021), pesquisadora da temática *quilombola* cujos estudos são realizados no território étnico localizado no Rio Andirá, município de Barreirinha/Am. Entre outras discussões, a análise perpassa reflexões acerca do emprego da categoria *ribeirinho*¹⁰⁹, fator através do qual se mantinha encapsulada a categorização histórica dos remanescentes quilombolas do Rio Andirá. A autora afirma que o termo *ribeirinho* tanto funciona como autodefinição quanto funciona como classificação genérica. E

¹⁰⁹ Ranciaro (2021) buscou compreender por que os agentes sociais, antes identificados segundo a categoria de ribeirinhos, agora reivindicavam sua identidade quilombola. A autora enfatiza[...] que a categoria ribeirinho é uma expressão genérica, enquanto que a quilombolareflete uma forma políticoorganizativa (Conf. Ranciaro 2021, .29).

essa designação articula-se com a afirmação étnica atrelada ao conceito atribuído aos agentes sociais estudados como quilombolas (Ranciaro, 2021, p. 29). Essa perspectiva é vivenciada no quilombo São João do Urucurituba em um processo inverso *a priori*, em que agentes externos tentam compreender a realidade que era silenciada por estratégia da não identificação dos próprios agentes sociais daquela unidade social. A ação ocorre visando reservar-se de situações de discriminação e preconceito racial, que como apresentado no capítulo II ocorre com identificação do outro ao identificarem pejorativamente como “Terra Preta dos Macacos”.

Nesse processo de formação populacional da Amazônia, esta região tornou-se palco e esconderijo de ex-escravizados, a exemplo de Benedito Rodrigues da Costa que é o fundador do território do rio Andirá¹¹⁰ e de sua linhagem de descendentes. Todavia, a autora ressalta a importância quanto à necessidade de se vasculhar a memória. Nesse sentido, a autora enfatiza:

A memória resgata imagens do passado para reconstruir-se coletivamente no presente com perspectivas de projeções futuras. Amparados na reconstrução da memória, a partir de 2009 com a fundação da FOQMB, os laços se fortaleceram, imprimindo aos agentes sociais novos caminhos a serem politicamente traçados (Ranciaro, 2021, p. 57).

Em uma perspectiva do papel da memória no processo de construção de movimento político organizativo, ao dialogar sobre como o quilombo do Rio Andirá e transitar pelas memórias do Movimento Social Quilombola do Andirá, Rocha (2019, p. 239,) utilizando-se da metáfora *árvores, troncos e galhos* elucida que: “... foi por meio da memória em contatos ampliados com agentes externos, que promoveu a ligação dos *galhos* a Santa Tereza do Matupiri”.

Nos primeiros capítulos apresentamos a retomada das memórias correntes da unidade social sobre a formação do território e a chegada dos fundadores Raimundo Colares de Jesus e Raimundo Silva à unidade social. Nessa perspectiva apresentaremos as memórias da unidade social quilombola São João do Urucurituba acerca da tomada de consciência para as lutas diante de dispositivos legais e constituição de direitos quilombolas.

Em um dos diálogos com o agente social, o senhor Julesmã Colares, ao perguntá-lo sobre como eles se dão conta da identidade quilombola, Julesmã relata: *eu*

¹¹⁰ As terras que abrigam cinco comunidades ficam ao longo do rio Andirá, em Barreirinha (a 331 quilômetros de Manaus), na região do baixo rio Amazonas. (conf. Ranciaro 2021 e [Amazônia Real Comunidadesquilombolas do Rio Andirá aguardam título de terra no Amazonas - Amazônia Real](#) Publicado em: 12/10/2017 às 18:30).

*sempre tive consciência que era quilombola*¹¹¹ Porém, este afirma que apenas no ano de 2005, passa a ter um olhar para a constituição de direitos a partir da categoria *quilombo*. Ele narra que no governo municipal do senhor Gilvan de Aquino Seixas, foi questionado e chamado a reflexão pelo prefeito por conta de sua estatura física e mesmo pela sua cor. Diante da inquietação, certo dia o prefeito levou até a unidade social um jornalista, com o intuito de apresentar a presença quilombola no Município:

O certo é que teve uma reportagem, que ocorreu através do prefeito Gilvan Seixas. Eu estava aqui em casa e quando foi um certo dia, ele apareceu aqui. Eu tinha acabado de sair da escola, eu sentei e estava até consertando uma malhadeira. Ele chegou com o Marco Santos¹¹², para fazer uma entrevista e ele queria saber sobre nossa identidade, é que ele sempre desconfiava da minha fisionomia. Do jeito diferente das pessoas¹¹³ que ele conhecia, da nossa região daqui da cidade de Barreirinha, principalmente, devido a estatura. Para conversar nesse dia, nós fomos até a Igreja, fizemos umas fotos, que inclusive apareceram no Jornal. Para mim, foi um momento de muita gratidão porque através do Gilvan, nessa luta de reconhecimento, talvez, com o desejo de querer me ajudar, Gilvan trouxe esse jornalista aqui na comunidade¹¹⁴.

Por sua vez Almeida, apresenta uma discussão nesse contexto que traz a seguinte reflexão:

A identidade étnica contribui, assim, para fazer e desfazer grupos, redefinindo o plano social e coletivo das chamadas terras de preto, que não corresponde necessariamente a um imóvel rural, a um finito de estabelecimentos, a um povoado ou mesmo a um distrito ou município (Almeida, 2011 p. 57).

Julesmã apresenta em sua narrativa como se dá o início das reflexões sobre a questão quilombola, para além da unidade social. Ele disponibiliza uma digitalização da reportagem que versa sobre a unidade social quilombola e seus agentes sociais. Infelizmente a imagem encontra-se embaçada, o título da reportagem é intitulado: *Ilha abriga “gigantes”*. O texto da reportagem menciona que *descendente de escravos, os moradores da comunidade São João Batista, a quatro horas de Barreirinha (AM), nas*

¹¹¹ Julesmã Texeira Colares, entrevista realizada em 01.02.2024 no Centro Social São João Batista

¹¹² Marcos Santos, Jornalista do Portal Marcos Santos, responsável pela reportagem no ano de 2005.

¹¹³ Para Almeida: A Fronteira étnica não corresponde necessariamente ao raio de abrangência de categorias necessárias oficiais, nem tão pouco se conforma à rigidez das divisões político-administrativas e das circunstâncias legais. De outra parte, para descrevê-las não há prevalência das classificações raciais, que, desde o recenseamento de 1872, tem funcionado como critério diferenciador, apoiando exclusivamente no caráter morfológico, ou seja, a cor da pele. Tampouco se privilegia critérios genealógicos, como se os dados básicos desses grupos sociais fossem as chamadas comunidades de sangue. Do mesmo modo, não se privilegia diferenças linguísticas, embora léxicos particulares e vocábulos singulares possam ser detectados em algumas das situações sociais designadas como quilombo. (Almeida, p 57, 2011)

¹¹⁴ Julesma Texeira Colares, entrevista realizada em 06.05.2024 em sua residência.

cheias, se destacam entre os caboclos pela altura. O texto faz alusão a fisionomia dos descendentes de ex-escravizados e como lidam com a realidade das cheias. Assim como a relação estabelecida com outras unidades sociais que abrigam caboclos, o termo *caboclo* foi uma designação atribuída pelo jornalista à reportagem. Infelizmente não conseguimos encontrar o jornal que publicou a reportagem. Abaixo apresento a foto parcial da reportagem (Vide iconografia 25).

Iconografia 25: Reportagem sobre a unidade social quilombola Social



Fonte: Marcos Santos, ano 2005.

Julesmã, afirma que meses depois, a unidade social recebeu a visita de uma representante da Secretaria Nacional de Saúde. Acompanhada do vice-prefeito José Augusto Nenga¹¹⁵, ali estabeleceram-se diálogos sobre a realidade da unidade social. A esse respeito, Julesmã afirma: *com o passar do tempo, mas certo é no mês de maio. Isso tem mais de dez anos. Estava aqui em casa, quando aquela hora chegou uma voadeira. Foi o vice-prefeito Nenga, ele trouxe uma técnica da Saúde, isso no governo lula, da época*¹¹⁶.

Por conseguinte, os diálogos possibilitaram a viagem para São Paulo, em uma conferência quilombola. Julesmã Colares relata que posteriormente recebeu o convite para participar de um evento em Campinas Grande, São Paulo, entre outros estados. Esse evento foi o primeiro encontro nacional quilombola, e tinha o intuito de discutir os direitos quilombolas e políticas públicas, conforme relata nosso interlocutor:

Durante a visita ela me entrevistou. Passou mais ou menos uns 15 dias

¹¹⁵ José Augusto Nenga foi vice-prefeito no ano de 2005 a 2008 no município de Barreirinha, Amazonas.

¹¹⁶ Julesmã Texeira Colares, entrevista realizada em 06.05.2024 em sua residência.

recebo um telefonema da Senhora Gerlane Baccari, Técnica da pasta de Saúde do Governo Lula. Gerlane, perguntou se eu gostaria de participar de um congresso, no interior de São Paulo, em Campinas. Eu não perdi tempo, aceitei. Então fui participar desse congresso, que foi o primeiro congresso que houve aqui no Brasil em relação a quilombos e foi em Campinas. Aqui do Amazonas, infelizmente, foi só eu a representar. No entanto, eu não tinha conhecimento ainda do que ia se tratar, porque quando foram me passar as informações, já estava praticamente na hora da viagem¹¹⁷.

Na narrativa Julesmã pontua que foi o único representante do estado do Amazonas a participar. O agente social expressa a importância do momento: *E foi um momento pra mim de alegria, porque tive novos conhecimentos, e chegando em Campinas parecia que eu cheguei. Parecia que eu tinha chegado a um lugar que as pessoas já me conheciam. Pessoas alegres comunicativas*¹¹⁸. Segundo (Rocha, 2019 p. 241), para superar os entraves dos dispositivos legais, a Federação das Organizações Quilombola do Rio Andirá-FOQMB, ganha força a partir de diálogos com agentes externos, ou seja, foram várias formações para que os agentes sociais pudessem agir como determinam os dispositivos constitucionais. Nesse contexto, adentra-se a outra questão despertada a partir das orientações no evento e dos conhecimentos adquiridos pelo agente social.

Julesmã afirma que a conferência foi crucial para iniciarem o processo de mobilização da unidade social. Recordar-se que, no evento, destacou as histórias e memórias apresentadas por seu pai, sobre a chegada da família Bahia na região:

Foi nesse Congresso que voltaram as lembranças e a ideia do que meu pai me contava, que os pais deles tinham vindo da Bahia, que somos remanescentes de quilombos. Quando retorno do encontro, naquela época eu estava estudando em Barreirinha, participava de um curso do Pro-Rural. Decidimos realizar uma reunião e criar a Associação, momento que nós elegemos uma diretoria e que o presidente da nossa Associação eleito, foi o seu Francisco Monteiro, pai de Dona Marley¹¹⁹.

O agente social apresenta em sua narrativa a criação da primeira diretoria da Associação dos remanescentes quilombolas do São João do Urucurituba-ARQSJU. Tais narrativas levaram a perceber um outro aspecto: a passagem de unidade afetiva para unidade de mobilização, referente a unidade afetiva. Sobre esse *salto* histórico, Almeida afirma que:

Por seus desígnios peculiares o acesso aos recursos naturais para o exercício de atividade produtiva, se dá não apenas através das tradicionais estruturas intermediárias do grupo étnico, dos grupos de parentes, da família, do povoado ou da aldeia, mas também por um certo grau de coesão e

¹¹⁷ Julesmã Texeira Colares, entrevista realizada em 06.05.2024 em sua residência.

¹¹⁸ Julesmã Texeira Colares, entrevista realizada em 06.05.2024 em sua residência.

¹¹⁹ Julesmã Texeira Colares, entrevista realizada em 06.05.2024 em sua residência.

solidariedade obtida face a antagonistas e em situações de extrema adversidade e de conflito, que reforçam politicamente as redes de solidariedade. Neste sentido a noção de “tradicional” não se reduz a história nem tão pouco laços primordiais que amparam unidades afetivas, e incorpora as identidades coletivas redefinidas situacionalmente numa mobilização continuada, assinalando que as unidades sociais em jogo podem ser interpretadas como unidades de mobilização. O critério político-organizativo sobressai combinado com uma “política de identidade” da qual lançam mão os agentes sociais objetivados em movimento para fazer frente aos seus antagonistas e aos aparatos do estado (Almeida, 2008, p. 30).

O autor elucidava, ainda, que o fator identitário e todos os subjacentes levam as pessoas a se agruparem sob uma mesma expressão coletiva. No âmbito da passagem de uma unidade afetiva para uma unidade de mobilização, a unidade social quilombola São João do Urucurituba, passou por um longo processo, marcado por diversos entraves. A propósito, Almeida (2008 p. 32), enfatiza que o conceito acerca de unidade de mobilização refere-se: “à aglutinação de interesses específicos de grupos sociais não necessariamente homogêneos, que são aproximados circunstancialmente pelo poder nivelador da intervenção do Estado”.

No entanto, Julesmã, relata os entraves iniciais vivenciados pela organização-ARQSJU. Ocorreu *a priori* devido à demora na devolutiva de documentos por conta do contador da Associação. Fato que causou o atraso na criação dessa representação organizativa. Um dos requisitos para o reconhecimento junto a Fundação Cultural Palmares-FCP até o ano de 2022, como explica Julesmã:

No decorrer desse tempo, as coisas ficaram tudo paradas, não teve avanços em nada. Decidimos começar de novo, fizemos outra eleição, onde me escolheram, como o presidente da Associação. Mas para isso, foi preciso reunirmos três comunidades, que estiveram presentes na assembleia, o pessoal ali da Santa Maria do Igarapé do Mato, Monte Horebe, que nos deram o apoio também, inclusive, com recursos financeiros, para a gente pagar o custeio do estatuto. Esse Estatuto, teve um preço muito alto na época, com o valor de R\$ 2.500,00 de (dois mil e quinhentos). Pagamos o valor, porém, esse estatuto, ele ficou estagnado, demorou muito tempo sob o domínio do nosso contador, do João Paulo, ele demorou muito a nos entregar. Então as coisas ficaram paradas, e eu sei que pode até ter sido por falta de interesse nosso. No entanto, o certo é, que todas as vezes que eu ia em Barreirinha, passava com seu João Paulo, para cobrar e ele ia sempre adiando a entrega do Estatuto¹²⁰.

Marley Frazão e Julesmã Colares, apresentam em suas falas os primeiros entraves referentes ao processo de reconhecimento da unidade social quilombola, objetificando a ideia do "visível real", na expectativa da transição para o “visível formal”. A abordagem é apresentada por Shiraishi Neto (2013, p. 123) e diz respeito à “participação política direta e efetiva desses agentes sociais moldaram novos espaços

¹²⁰ Julesmã Texeira Colares, entrevista realizada em 06.05.2024 em sua residência.

de participação política, instituindo outros padrões de relação com o estado”. Tais reflexões surgem nas perspectivas de constituição de direitos quilombolas, assim como se prevê a superação do invisível diante de políticas públicas voltadas à unidade social, São João do Urucurituba. Um outro momento apresentado por Marley está voltado ao contato do senhor João Paulo Beltrão, que foi contratado pelos agentes sociais para organizar os documentos concernentes à organização da ARQSJU. Marley Frazão assevera que o processo percorreu um longo período:

Em 2015, o seu o João Paulo, veio com uma proposta pra nós, que se a gente aceitasse, ele cobrava dois mil e quinhentos para dar entrada na Associação, ele cobrava R\$ 2.500 do trabalho que fosse fazer. Dentre esse trabalho incluía fazer o estatuto, o histórico, os documentos todinhos da Associação. Aí a gente fez, arranjamos o dinheiro e pagamos para ele. Foi quando nós elegemos o meu pai, Francisco Monteiro da Silva, como presidente, ele assumiu o cargo, só que ele não podia fazer nada, pois, os documentos estavam nas mãos do João Paulo. Ele fez a mesma coisa que a dona Cremilda fez, nos enganava. Passou quatro anos de novo. Aí tornamos a fazer a outra eleição, que já tinha esgotado a gestão do papai. Fizemos a outra eleição, em que o compadre Julesmã, foi eleito o presidente e eu a vice-presidente. Olha, isso daí aconteceu em 2015, foi nesse intervalo de 2009 para a frente¹²¹.

As narrativas mostram os entraves iniciais no processo de criação da Associação, inclusive apresentando a iniciativa e mobilização das mulheres da unidade social em busca dos seus direitos, que até aquele momento estava sendo privado de avançar. Essa situação se arrasta por anos como Marley enfatiza:

Quando foi um dia, nós nos juntamos, nós as mulheres e fomos lá. Chegando lá, falamos para ele, que a gente estava querendo o documento. Porque já estava pago e queríamos o documento de um jeito ou de outro. Foi então, que ele assinou um termo de compromisso, que ele ia ver o documento, porque tinham derramado tinta na ATA e tinha borrado tudo e ele tinha que fazer outra Ata. Passou os anos e nada! Eu não sei se era alguém que chegava lá e falava: não, não faz isso porque se não tu se vais se dar mal. A gente até cismava besteira, que ele estava sendo pago por outro para não dar o documento pra nós¹²².

Nesse processo de mobilização político-organizativa, o quilombo do Rio Andirá também havia iniciado o processo de reconhecimento étnico, como afirma Ranciaro (2021), ao analisar o processo de construção do movimento político-organizativo dos quilombos do Rio Andirá, destacando-se as formas de perspectivas, entraves e desafios. Segundo a agente social quilombola, Marley Frazão: “Em 2005, a quilombola Cremilda representante do quilombo do Rio Andirá, convida representantes da unidade social para participar de um evento cultural na unidade social

¹²¹ Marley da Silva Frazão-Entrevista realizada em 06/05/2024 em sua residência.

¹²² Marley da Silva Frazão-Entrevista realizada em 06/05/2024 em sua residência.

quilombola Matupiri-quilombo Rio Andirá”. O que direcionou a mobilização da unidade até o Rio Andirá tendo como participação as apresentações culturais e, posteriormente, realizaram-se os acordos, que a princípio não foram adiante. Circunstância, estas, tidas como um dos entraves no processo de organização políticas do movimento organizativo. Um dos acordos tratava-se de realizar o levantamento do quantitativos de quilombolas no São João e direcionar a Fundação Cultural Palmares. Quanto a isso, diz a agente social:

Em 2006, estávamos aqui, aí a dona Cremilda chegou aqui, falando pra gente: Se dava pra gente fazer uma representação lá em Matupiri, da dança do Lundun. Pois, ela achava que a gente tinha um pouco de reminiscência de quilombo. Então, ela fez uma reunião e a gente foi, fizemos a representação. Depois, ela tirou todos os nomes das pessoas e mandou seu Julesmã, que era o presidente, recolher os nomes das pessoas das famílias, tudinho. Todas as certidões e em seguida que mandasse pra ela. Ele fez, recolheu os dados da certidão das pessoas, das crianças, quantas famílias tinha, tudinho, e mandou pra ela, que ela ia fazer pela gente lá. Isso ocorreu no ano de 2006, não estou bem lembrado, foi em 2006, e ela acho que chegou pra ela engavetou tudo, não deu mais notícias¹²³.

Outros pontos presentes nas narrativas dos agentes sociais, apontam para as primeiras ações realizadas para criação da Associação e do movimento político-organizativo da unidade social:

Nós tivemos uma assembleia para a criação do estatuto da Associação, junto com o Sr. João Paulo, aí nós demos os nossos pareceres, explicamos a ele como gostaríamos que fosse e como tinha que ser, tudo nas formas da Lei. - Tivemos uma assembleia para criação daqui. Todavia, ele continuou lá no escritório dele, depois que ele o aprontou retornou à comunidade. Então, pedimos novamente a assembleia para a aprovação do Estatuto, circunstância na qual o aprovamos após sua leitura. Bem, o que aconteceu foi isso, a aprovação da comunidade. Porém, nessa época, faltou o pessoal ali do Igarapé do Mato. Nessa assembleia, mais de 90% da população (quilombolas) participaram, aprovando por unanimidade o estatuto. Nós vamos trabalhar seguindo o estatuto, para desenvolver as nossas atividades, sendo na forma da lei para que a gente não venha constranger ninguém. Então é isso!¹²⁴

O protagonismo de mulheres quilombolas marcam o processo de luta dos movimentos sociais, como retrata a narrativa da agente social. Fato que pode ser acompanhado no trabalho da pesquisadora quilombola, Jucinara Silva (2023), nascida no quilombo do São Paulo do Açú, que em sua dissertação de mestrado, faz um recorte sobre os protagonismos de mulheres quilombolas no Rio Andirá. Quanto a isso, afirma a pesquisadora: “As mulheres no Quilombo Rio Andirá carregam um papel muito importante no Movimento Social Quilombola, na FOQMB, nas comunidades em si, no

¹²³ Marley da Silva Frazão-Entrevista realizada em 06/05/2024 em sua residência.

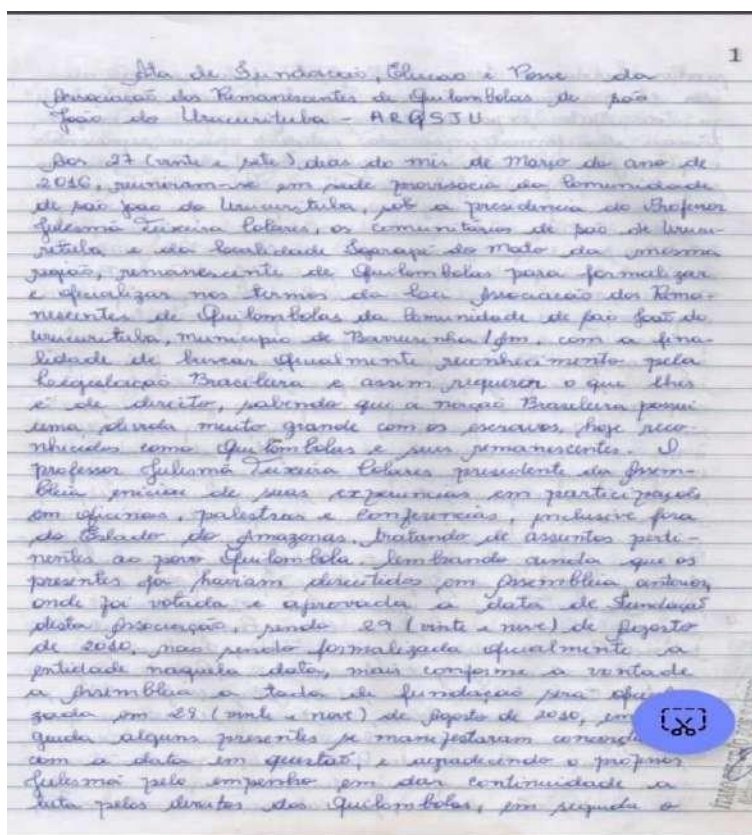
¹²⁴ Julesmã Texeira Colares- Entrevista realizada em 06.05.2024 em sua residência.

cunho social, cultural, econômico, político e religioso” (Idem 2023, p. 62). Afirma, em síntese, serem essas mulheres que detém os conhecimentos e os transmitem para as novas gerações. Rocha (2019), elucida a presenças de mulheres quilombolas e indígenas, como Gerônima, Maria Cremilda, Maria Amélia. O autor apresenta a partir dos dados “apresentados nas narrativas do Movimento Social Quilombola do Andirá-MSQA”.

Diante das narrativas apresentadas sobre a Fundação da Associação dos Remanescentes e os primeiros caminhos percorridos, apresentaremos a imagem da ATA da reunião realizada no ano de 2016.

A primeira parte do texto discorre sobre os acordos realizados na assembleia. A ação é vista como mais uma tentativa da unidade social de regularizar uma etapa para o processo de reconhecimento desse grupo étnico. O texto apresenta as seguintes deliberações, o encontro foi realizado para formalizar a Associação e em seu texto, elucida que *a nação brasileira é formada por ex-escravos*. Nessa perspectiva aborda sobre *a política de reparação ao qual o estado deve direcionar aos descendentes de quilombolas*. Diante dos entraves referentes a criação da Associação, fica *acordado que a data de fundação e criação da Associação de Remanescentes ocorreu em 29 de agosto de 2010*, conforme texto extraído da ata, apresentada na imagem a seguir (Iconografia 26).

Iconografia 26: Ata de fundação, eleição e posse da ARQSU

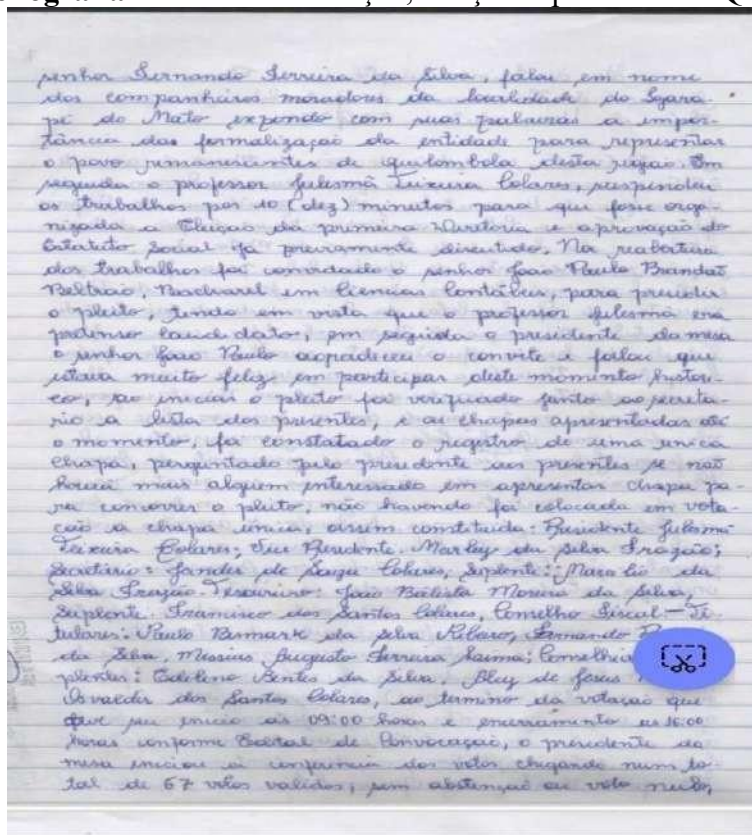


Fonte: Ar. ARQSU, maio de 2024.

Um outro ponto perceptível na narrativa, foi a mobilização e participação de unidades sociais quilombolas vizinhas e pertencentes ao território do Paraná do Urucurituba, que se autodeclararam como quilombolas no processo de criação da Associação. No texto o agente Social quilombola Francisco Ferreira da Silva¹²⁵, pertencente a unidade social quilombola do Igarapé do Mato, versa sobre *a importância da formalização da associação, o que contribuirá para a representatividade do povo quilombola*. Fato a respeito do qual é possível verificar na imagem a seguir (Iconografia 27).

¹²⁵ A unidade social, pertence ao município de Urucurituba. Todavia, devido à falta de assistência do município. Aliaram-se a associação visando alcançar políticas públicas destinado a quilombolas.

Iconografia 27: Ata de fundação, eleição e posse da ARQSJU.



Fonte: Ar. ARQSJU, em maio de 2024.

Um outro aspecto característico das lutas de movimentos quilombolas trata-se da coesão social, que se dá pela aglutinação de determinado fator, na luta pelo reconhecimento identitário. Almeida (2011) ao apresentar o processo de luta do *Quilombo Jamary dos Pretos*¹²⁶, traz a discussão acerca da fronteira étnica, afirmando que:

A Fronteira étnica nesse sentido pode não coincidir necessariamente com as classificações raciais, significando a mobilização de todos que se auto designam de maneira igual naquela referida situação social e não apenas de alguns que, consoante critérios externos poderiam receber outras denominações (Almeida, 2011 p. 53).

A união de outras unidades sociais aparece nos relatos e documentos da Associação dos Remanescentes Quilombola de São João do Urucurituba, como um fator de aglutinação e união das unidades diante dos aparatos constitucionais e burocráticos o subtópico a seguir apresenta as incidências em âmbito na cidade de Barreirinha-Am com elucidação dos fatos pelos agentes sociais.

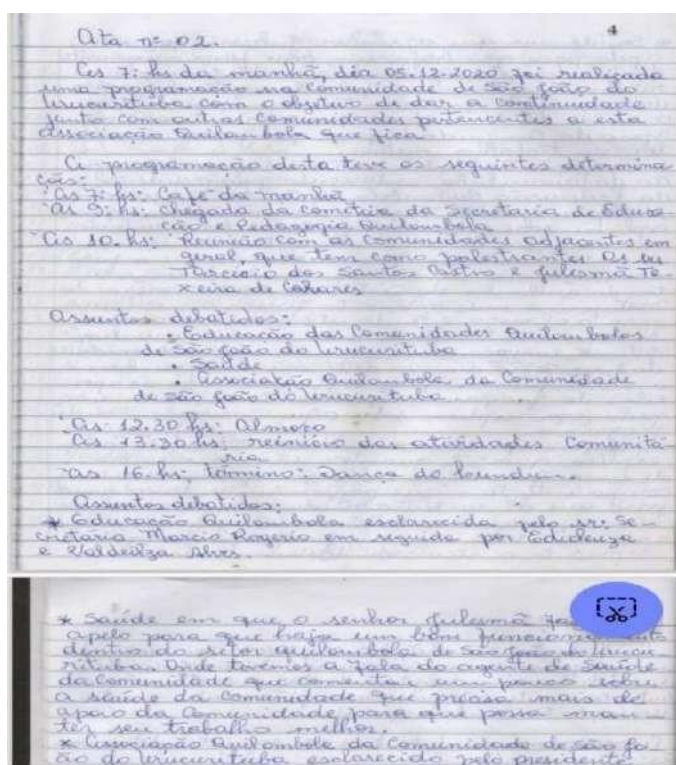
4.2 Assembleias deliberativas acerca do processo de reconhecimento e incidências da unidade social no âmbito municipal.

¹²⁶ O quilombo do Jamari, situa-se à margem esquerda do rio Trombetas, Município de Oriximiná, Estado do Pará.

Ainda que a unidade social ainda não tenha regularizado o seu Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas-CNPJ da Associação, os agentes sociais a partir de parcerias estabelecida entre a Federação Quilombola do Rio Andirá, iniciaram as incidências frente aos direitos quilombolas da unidade social de São João do Urucurituba.

A despeito disso, diante das necessidades da unidade social, no dia 05 de dezembro de 2022 as duas Associações realizaram uma assembleia, apresentando as principais demandas. Naquele momento, solicitaram aos representantes governamentais municipais presentes na assembleia, o pedido de inserção no âmbito de direitos quilombolas à oferta de educação escolar quilombola e outra demanda fixou na reivindicação sobre a saúde quilombola. Além de apresentarem, as dificuldades e a precariedade das lanchas que oferecem o serviço tais serviços de saúde. A seguir apresento a imagem da ATA da assembleia (Vide Iconografia 28).

Iconografia 28: Ata incidência de mobilização realizada em 2022.



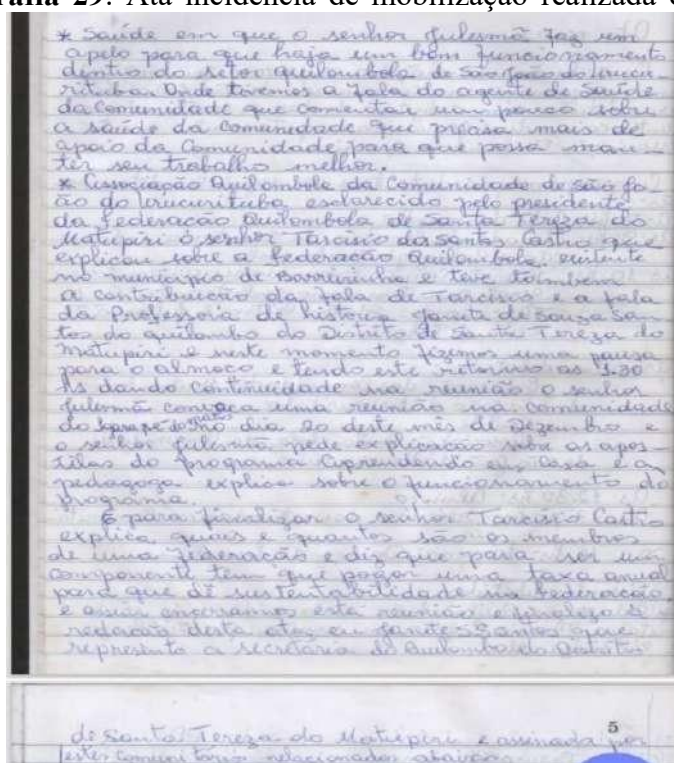
Fonte: Ar. ARQSJU, maio de 2024

Acerca dessa questão, Almeida (2011, p. 49), afirma que: “a ação coletiva não dissocia lutas econômicas de afirmações identitárias, nem tão pouco território de identidade¹²⁷”.

¹²⁷ Sobre a dinâmica desses processos organizativos e os entraves decorrentes das burocracias

A imagem 28 da ATA da Associação, apresenta parte dos diálogos, referentes aos percursos trilhados para o reconhecimento como quilombolas. Nesse diálogo, foram tratados assuntos sobre Políticas Públicas. Na ocasião o secretário Márcio Rogério afirma que no campo legal, a unidade precisava do reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares, para a inserção da escola no Censo Escolar Municipal. Segundo estabelece a Portaria nº 1, de março de 2004 da Fundação Cultural Palmares, que institui o Cadastro Geral de Remanescentes das Comunidades de Quilombo. No texto da ATA é possível perceber outras solicitações e esclarecimentos (Vide Iconografia 29).

Iconografia 29: Ata incidência de mobilização realizada em 2022.



Fonte: Ar. ASRQSU, maio de 2024.

institucionais, Almeida é enfático quando afirma: “Num outro plano de abstração, tem-se inúmeros esforços de pesquisa que objetivam não apenas uma crítica dos instrumentos operacionais disponíveis e acionados com frequência pela administração burocrática, mas também uma revisão das categorias e princípios de classificação que informam os dispositivos legais. Estes princípios foram acatados na vida intelectual a partir da forma, força de imposição dos estamentos burocráticos, produzindo noções preconcebidas para definir a estrutura agrária em situações sociais como estas hoje cobertas pela designação de Quilombo. A necessidade da escolha dos métodos, em certa medida, se coaduna, pois, com a premência das reivindicações dos agentes sociais organizados através das tentativas de construir um coletivo mais ou menos formalizado e institucionalizado, que se manifesta politicamente como um movimento quilombola. (...) A interlocução no âmbito desses esforços de reflexão implica em uma revisão crítica dos critérios de classificação que estão sendo implementados em termos operacionais. Ela requer rupturas com aquelas classificações preconcebidas responsáveis pelas disparidades nas estimativas da quantidade de quilombos e pelo menosprezo dos aparatos de estado quanto a sua prioridade. Bem ilustra isso a amorosidade da ação governamental mediante a urgência das reivindicações do movimento quilombola (Almeida, 2011 p. 49).

As reivindicações dos agentes sociais estão alicerçadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola-DCNEEQ, consoante Parecer 16 de 2012, que assegura a inserção de escolas quilombolas no território quilombola. Efetivar educação quilombola/educação escolar quilombola exige compreender algumas definições. Nessa perspectiva, a Educação Quilombola é aquela compreendida dentro de um processo mais amplo e cotidiano, que faz parte de todos os grupos sociais, incluindo relação com a família, entre pessoas, as gerações, as relações de trabalho e com o meio ambiente. É a educação própria de determinados povos e/ou comunidades tradicionais.

Segundo estabelecido nas DCNEEQ, parecer 16/2012, *a educação escolar quilombola é uma modalidade de ensino*. Ou seja, a Educação Escolar Quilombola é um recorte do processo educativo mais amplo. Ela implica na necessidade de organização de uma ação educacional de construção de processo de escolarização específico e diferenciado, voltados fundamentalmente para o fortalecimento e valorização das Comunidades Remanescentes de Quilombos.

Nesse sentido, a Escola Quilombola é aquela localizada nas Comunidades Remanescentes de Quilombos, ou que recebe alunos de territórios quilombolas, assim como as escolas situadas em quilombos urbanos, como é o caso do quilombo do Barranco em Manaus. As DCNEEQ afirmam ainda que:

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. (DCNEEQ, 2012, p. 1).

Compreendidas tais definições, passemos para informações atuais, e, amparada nos dados do IBGE 2022, registra-se a presença quilombola distribuída num dado populacional de 1.855 quilombolas, registrado no município de Barreirinha, a 331 quilômetros de Manaus, cujo município lidera o ranking no estado do Amazonas. Itacoatiara aparece na segunda posição, com 352 quilombolas, seguido por Manaus (214), Novo Airão (124), Barcelos (84), Alvarães (72).

Todavia, segundo dados situacionais da CONAQ-AM, no Amazonas sustentam que atualmente temos 15 unidades sociais quilombolas reconhecidos pela Fundação Cultural Palmares-FCP. São elas: São Paulo do Açú, Nossa Senhora da Conceição-Vila Carneiro, Monte Horebe, São João do Urucurituba, Matupiri, Ituquara, Boa Fé, São Pedro, Trindade, Sagrado Coração de Jesus - Itacoatiara; São Benedito do Barranco - Manaus; Tambor - Novo Airão, Santa Maria do Igarapé do Mato-

Urucurituba, São Lázaro do Jaú-Novo Airão - Cachoeira do Jaú-Novo Airão. Em 14 de novembro de 2024 foi emitida a certificação de novas unidades sociais, tendo suas publicações no Diário Oficial da União-DOU no dia 22 de novembro de 2022.

Desses municípios, há apenas dois municípios no Amazonas, que têm uma conversa bem avançada quanto o processo de educação escolar quilombola: Barreirinha e Alvarães. Todavia, são avançados os processos apenas no âmbito municipal, na esfera estadual ainda é preciso diálogo e compromisso com o processo de implementação.

Cabe ressaltar que no município de Barreirinha-Amazonas, apenas as escolas das unidades sociais quilombolas do Rio Andirá, estavam inseridas no censo escolar e identificadas como escolas quilombolas até o ano de 2024. Portanto, as reivindicações transitavam no objetivo de inserção das escolas pertencentes ao Paraná do Urucurituba, precisamente no braço do Paraná do Urucurituba estarem inseridos no censo escolar com a identidade quilombola.

Nesse processo de incidências e reivindicações de direitos quilombolas, frente aos dispositivos legais, perguntei ao seu Julesmã se eles já haviam reivindicado seus direitos em outros momentos. Julesmã afirma que há décadas, ou seja, quando na então gestão do prefeito Gilvam Seixas¹²⁸: *Eu já fiz muitos requerimentos direto com o prefeito, com os secretários, desde a época da gestão doutor Gilvan.*¹³² Enfatiza ainda sobre os motivos para a não construção e a insistência do agente social, pois acreditava que era possível a construção da unidade escolar. Diz Julesmã: *Então, quando eu fiz o requerimento para construir uma escola de alvenaria, ele negou e eu insisti com ele.* Segundo Julesmã a resposta do prefeito Gilvan foi a seguinte: *Julesmã, não, não dá porque é várzea*¹²⁹, *não dá para ter uma escola de Alvenaria.* Todavia o agente social afirma ao prefeito:

Prefeito... Por que tem escola de alvenaria aqui na cidade de Barreirinha? E quando alaga aqui, na cidade de Barreirinha, alaga também lá? É a mesma coisa! Se é que tem condições aqui na cidade de Barreirinha, lá no São João do Urucurituba, também tem! Aí foi que ele mandou construir essa escola de Alvenaria¹³⁰.

O agente social apresenta em sua narrativa a construção da primeira escola, a Escola Municipal Santa Ana, que recebe alunos da unidade social e comunidades

¹²⁸ Gilvam de Aquino Seixas, foi prefeito de Barreirinha nos anos de 1993 a 1996, de 2000 a 2004 e foi reeleito nas eleições de 2005 a 2008. (conf. PAM PARINTINS AMAZONAS: Assembleia Legislativa homenageia ex- prefeito de Barreirinha Gilvan Seixas).

¹²⁹ Área de várzeas, são porções de terras que no período de cheia no Amazonas, tornam-se alagadiças e ficam submersas.

¹³⁰ Julesma Texeira Colares, entrevista realizada em 06.05.2024 em sua residência.

vizinhas. Em virtude da demanda de alunos na unidade escola, ele explica que houve a necessidade de solicitar ampliação da escola:

Como a demanda de alunos cresceu nos últimos anos, eu pedi que fizesse a reforma e ampliação da escola. depois pedi uma escola nova, mas que não demolisse essa outra. Graças a Deus foi aceito, eles me ouviram. Portanto, agora nós estamos vendo e começamos a fazer algum trabalho nessa escola velha, tiramos dessa parte de trás as telhas para colocar de alumínio, e a intenção é de e fazer essa mudança todinha, para que a Escola velha, venha atender alguma necessidade da comunidade. Mesmo para, como ela é grande, fazer uma sala para a gente comunitária atender as pessoas. E até mesmo a sala para os jovens se reunirem, para fazer a reunião deles. Ao invés de estar se reunindo lá pelo meio do campo, tem um lugar propício para eles se reunirem e discutir os assuntos no interesse da coletividade¹³¹.

Seu Julesmã fala que conseguiu a construção de uma escola nova para a unidade, e que a antiga servirá de suporte para outras ações da unidade social, como: atendimento do agente de saúde e ações dos jovens do grupo JUBAM, que são ativos nas ações da unidade social. A seguir (iconografia 30) apresentada a Antiga Escola Municipal Santa Ana.

Iconografia 30: Primeira Escola da unidade social.



Fonte: Ar. E.R. 06/05/2023.

Após reivindicações, a unidade social, conquista a construção de uma nova estrutura da Escola Municipal Santa Ana. Outra conquista será a adequação da nomenclatura da escola que receberá o termo quilombola. A (iconografia 31) apresenta a estrutura da nova escola.

¹³¹ Julesma Texeira Colares, entrevista realizada em 06.05.2024 em sua residência.

Iconografia 31: Escola municipal Santa Ana em construção.



Fonte: Denilson Conceição, fevereiro de 2025.

No subtópico a seguir versa sobre a inserção de agentes sociais quilombolas do Urucurituba na Coordenação das organizações nacional da CONAQ-AM. Fato que contribuiu para os avanços no processo de reconhecimento.

4.3 A inserção de agentes sociais de São João na CONAQ-AM nas memórias de Marley Frazão.

Nos tópicos anteriores apresentamos os primeiros movimentos e lutas da unidade social quilombola do São João do Urucurituba. Nessa perspectiva é possível perceber as mudanças ocorridas a partir do movimento político-organizativo. Fato bem diferente daqueles momentos em que as lideranças se isolavam ou não conseguiam parcerias adequadas pois, as mudanças se colocavam de forma inacessível, tendo em vista o isolamento em relação a outros movimentos e entidades, responsáveis por orientar os passos a serem trilhados. Visando superar a história de dominação vivida pela unidade, ocorre a necessidade de constituir novas alianças no âmbito dos movimentos representativos. Dado esses pontos balizadores Touraine, 2006, endossa:

É necessário distinguir claramente, em cada tipo de sociedade, os movimentos sociais propriamente ditos que foram evocados os conflitos estruturais dessa sociedade que opõem os detentores do poder econômico e social e aqueles a eles submetidos, movimentos de outra natureza que na falta de melhor expressão designa um movimento histórico e que podem ser claramente definidos pelos conflitos surgidos em torno da gestão da mudança histórica. (Touraine, 2006, p 26).

A unidade vivencia etapas com vistas a superar as fronteiras étnicas que

marcam os movimentos sociais e ultrapassar os muros marcados no âmbito municipal. As lideranças perceberam que precisavam avançar no processo de reconhecimento e, nesse sentido não caberia permanecer naquele *isolamento* social ao longo dos anos enfrentado. Segundo Barth, (2011), a definição de grupo étnico na antropologia implica alguns pontos, visto que o termo grupo étnico é geralmente entendido para designar uma população que: 1) Perpetua-se biologicamente de modo amplo, compartilha valores culturais fundamentais (Barth, 2011, p.189-190). Nessa perspectiva, o autor pondera: 2) Aqueles acontecimentos realizados em patente por unidade nas formas culturais; e 3) Tais espaços constituem um campo de comunicação e de interação.

No último item, a abordagem versa sobre: 4) Que é quando a comunidade conta com um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo (Barth, *ibid.*) Todavia, diante da especificidade de cada unidade social, tal entendimento não seria o suficiente para atender as complexidades em torno das fronteiras e superação do isolamento étnico, vivenciado por unidades sociais, causando assim o fortalecimento desses grupos étnicos. Nesse aspecto, Barth assevera:

A manutenção das Fronteiras não é problemática e decorre do isolamento implicado pelas características itemizadas: diferença racial, diferença cultural, separação social e barreiras linguísticas, hostilidade espontânea e organizada. Somos levados a imaginar cada grupo desenvolvendo sua forma cultural e social e isolamento relativo, reagindo a fatores ecológicos locais, ao longo de história de adaptação por invenção de empréstimos seletivos. Essa história é produzir um mundo de povos separados. (Barth, 2011 p. 190).

O autor ao dialogar sobre grupos étnicos e suas fronteiras, afirma que é preciso enveredar por uma abordagem teórica e empírica combinadas¹³². Ao referir-se aos contatos que possibilitam superar as fronteiras da unidade social, a agente social Marley explica que:

Em 2019, eu conheci a dona Edicleuza, um dia a dona Amélia disse, vai lá com dona Edicleuza. Nessa visita, ela falou que ela, também, era da Vila

¹³² Segundo Barth é preciso uma abordagem teórica e empírica combinadas: Precisamos estudar de perto os fatos em uma variedade de casos e ajustar nossos conceitos a esses fatos empíricos de forma que eles os elucidem de modo mais simples e adequado possível e permitam nos explorar suas implicações. (...) O principal ponto de partida teórico consiste em várias partes interligadas. **Primeiramente** dá-se uma importância primordial ao fato de que os grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores e, assim, tem a característica de organizar a interação entre as pessoas. (...) **Em segundo lugar** todos os ensaios aplicam um ponto de vista generativo as análises: Mas que nos servimos de uma tipologia de formas dos grupos étnicos e suas relações, tentamos explorar os diferentes processos que aparecem estar envolvidos na geração e na manutenção de grupos étnicos. **Em terceiro lugar**, para observar tais processos, deslocamos o foco de investigação da história e da Constituição interna de grupos distintos para as Fronteiras étnicas e a manutenção dessas Fronteiras (Barth, 2011, p. 189).

Carneiro e que ia lutar, pois, sabia que ela era remanescente de quilombo. Assim, a gente se uniu com ela e começamos a ter esperança, isso foi em 2019. Quando foi em 2020, comecei a frequentar, o Setor Pedagógico de Educação Escolar Quilombola, o setor onde ela trabalhava. Aí ela começou a dar as dicas e nos ajudar¹³³.

A partir de diálogos com a Federação das Organizações Quilombolas do Município de Barreirinha-FOQMB, através do Presidente, João Xisto e da Vice-Presidente, Maria Amélia (Lourdes) e dos contatos com os articuladores da Coordenação Nacional de Articulação de Comunidades Negras Rurais Quilombolas-CONAQ¹³⁴, o senhor Douglas Castro explicou que a unidade social foi convidada a participar do movimento quilombola na esfera Estadual. O evento foi realizado em 2022.

Segundo o *site* “Tapajós de Fato” (2022):

Comunidades quilombolas do estado do Amazonas reuniram-se nos dias 16,17 e 18 de setembro nas florestas do município de Itacoatiara- na terra da Pedra Pintada- banhada pelo Rio Amazonas.

Prevendo a participação de lideranças representativas dos quilombos, de entidades da sociedade civil organizada e de representantes governamentais de instituições afins (local e nacional), o evento teve como objetivo discutir e deliberar sobre estratégias operacionais voltadas para as políticas públicas territoriais, oficialmente asseguradas como direito quilombola.

O Tapajós de Fato conversou com Maria Amélia, vice-presidente da federação quilombola do município de Barreirinha, que participou do encontro estadual dos quilombolas no Amazonas. Ela ressalta de onde nasceu o encontro e a importância para as populações quilombolas.

“Nasceu aqui no nosso estado, o 1º encontro da nossa população, cerca de 10 comunidades quilombolas, uma de contexto urbano e nove rural, então agradecemos

a CONAQ que nos abriu esse caminho, a coordenação nacional da instituição da comunidades negras rurais, para nós foi um sonho que se realizou pelo motivo de nós termos a oportunidade de ter sido competente ao lado e ouvindo nossa voz”. Maria Amália disse ainda que, “o Amazonas também é preto, onde existem quilombolas, então as nossas comunidades que foram ao encontro estadual dos povos quilombolas, para nós é uma felicidade imensa ter acontecido esse belo encontro aqui no nosso território, e deste encontro foi construída uma carta com os nossos anseios das nossas comunidades e territórios”(Juliana Radler/ISA, 2021)¹³⁵.

A (iconografia 32) a seguir apresenta o encerramento do encontro que possibilitou a entrada de agentes sociais do território do Urucurituba na Coordenação estadual.

¹³³ Marley da Silva Frazão - Entrevista realizada em 03/02/2024, no Centro Social São João Batista.

¹³⁴ CONAQ tem como missão: Lutar pela garantia de uso coletivo do território, pela implantação de projetos de desenvolvimento sustentável, pela implementação de políticas públicas levando em consideração a organização das comunidades de quilombo; por educação de qualidade e coerente com o modo de viver nos quilombos; o protagonismo e autonomia das mulheres quilombolas; pela permanência do (a) jovem no quilombo e acima de tudo pelo uso comum do Território, dos recursos naturais e pela em harmonia com o meio ambiente.

¹³⁵ (Conf.1º encontro estadual das comunidades quilombolas acontece no estado do Amazonas: www.tapajosdefato.com.br/noticia/940/1o-encontro-estadual-das-comunidades-quilombolas-acontece-no-estado-do-amazonas).

Iconografia 32: Lideranças quilombolas- CONAQ-AM.



Fotos: Juliana Radler/ISA

Marely Frazão explica sobre esse momento: *Mas a nossa a gente subiu a escada mesmo foi quando eu fui para SERPA, município de Itacoatiara, no encontro da CONAQ:*

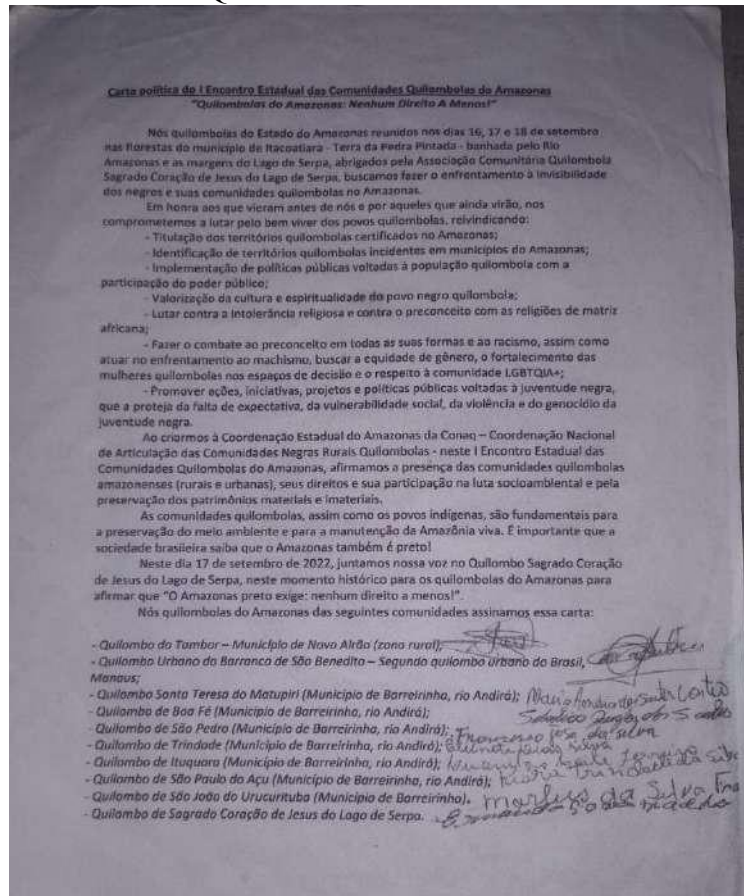
Lá a gente debateu muito, sobre as comunidades Quilombolas e São João do Urucurituba. A dona Edicleuza foi comigo, ela foi uma pessoa que apoiou muito nós e está apoiando. Graças a Deus, que Deus a colocou no nosso caminho, porque se não fosse ela, acho que até hoje, nós não tínhamos esperança de nada. O encontro de Serpa foi em 2022, esse ponto fez a gente andar mesmo e, assim, como eu posso dizer, a gente superou todas as dificuldades porque a gente não tinha aquela vontade de sair e procurar¹³⁶

Como resultado dos diálogos no encontro, foi criada uma Carta Política do I Encontro de comunidades quilombolas do Amazonas. No texto está expresso a solicitação da unidade social de São João do Urucurituba e demais unidades sociais, no caso específico, referente *a identificação de territórios quilombolas em incidência nos municípios do estado do Amazonas.*

A carta abaixo apresenta as reivindicações e ações que foram realizadas a partir das deliberações das lideranças quilombolas. vejamos:

¹³⁶ Marley da Silva Frazão, entrevista realizada em 06.05.2024 em sua residência.

Iconografia 33: Carta Política do I Encontro Estadual das Comunidades Quilombolas do Amazonas.



Fonte: Coordenação estadual CONAQ-AM, maio de 2024.

Os movimentos sociais, vem apropriando-se do que Touraine 2006, enfatiza como *sociedades da informação e da comunicação*, pois, tais mudanças nessas sociedades ocasionam a adequação das ações dos movimentos sociais na atualidade. O que leva a refletir a fala de Marley ao elucidar o conhecimento adquirido no encontro do movimento articulado nos anos de 2022 e 2023, e através do qual são apontados os caminhos percorridos para o processo de reconhecimento oficial de grupos étnicos. Segundo Marley:

A partir do momento que a gente entrou na CONAQ, nós participamos também do encontro da Fio Cruz, nesse encontro foi debatido sobre a saúde. Em dezembro de 2022, nós fomos participar do encontro no Matupiri. Eu, o Edileno e a Ana Sabrina. Fomos de barco aqui rodando pelo Urucurituba, doze horas de viagem. Chegando em Barreirinha, esperamos a turma do Igarapé do Mato, que foi o Pinduca (agente social), com a Iranildes e a falecida Lissandra. Chegamos lá e pegamos um barco aqui entrada do Pucú, no Andirá. Naquele tempo, inclusive estava seco¹³⁷.

Outra incidência ocorreu em abril de 2023, como afirma Marley: *Fomos participar do terceiro encontro dos coordenadores da CONAQ do Estado do*

¹³⁷ Marley da Silva Frazão, entrevista realizada em 06.05.2024 em sua residência.

Amazonas¹³⁸. A liderança enfatiza: *na ocasião, vieram todos os coordenadores da CONAQ, de Novo Airão, de Serpa e os outros coordenadores do Matupiri, do Andirá, das comunidades que estão situadas no Andirá*¹³⁹ Sobre o encontro:

No encontro em Manaus, em dezembro de 2023, lá a gente aprendeu muita coisa trouxemos inclusive a soluções para alguns problemas da nossa comunidade. Uma solução tratou-se da cesta básica que a gente está recebendo. (...) Lá foi discutido vários problemas, cada comunidade tem seu problema e nós discutimos *sobre o reconhecimento do nosso território*, que a gente já tinha lutado tanto e não conseguia. Os coordenadores da CONAQ-AM, resolveram apoiar a nossa comunidade quilombola¹⁴⁰

Segundo a agente social, no encontro *foi decidido que a coordenação estadual apoiava o nosso reconhecimento como quilombola. E eles já marcaram a oficina para fevereiro de 2024, que eles iam fazer o reconhecimento do nosso território*¹⁴¹. Fato que foi apresentado no primeiro capítulo dessa dissertação. Em virtude das tratativas e do avanço no processo apresentamos os seguintes pontos: Oficina de Reconhecimento realizado no período de 1 de fevereiro a 5 de fevereiro, momento em que, no capítulo I desta dissertação, apresentamos como se dá a realização da referida oficina.

Essa ação de mobilização, foi marcada pelo diagnóstico e levantamentos de aspectos culturais, sociais e econômicos da unidade social. Tal ação culminou com a solicitação junto a Fundação Cultural Palmares-FCP. Assim descreve Marley Frazão:

Como fruto do nosso trabalho, juntamente com a dona Edicleuza, frente a CONAQ foi *a oficina de reconhecimento* que foi realizada no período de 1º a 4º de fevereiro de 2024. Tivemos aqui quatro dias de muito movimento, foi discutido sobre a gente se autodeclarar como quilombola. Tivemos a participação da Amélia, do Douglas, do André, Áquila e da nossa querida Edicleuza¹⁴².

Em sua fala a liderança explica que *no dia da assembleia organizamos a ATA do encontro e as pessoas assinaram lá no barracão, mas depois de todas essas assinaturas e os requerimentos foram enviados para a Fundação Cultural Palmares* (Ver iconografia 34).

¹³⁸ Marley da Silva Frazão, entrevista realizada em 06.05.2024 em sua residência

¹³⁹ Marley da Silva Frazão, entrevista realizada em 06.05.2024 em sua residência

¹⁴⁰ Marley da Silva Frazão, entrevista realizada em 06.05.2024 em sua residência

¹⁴¹ Marley da Silva Frazão, entrevista realizada em 06.05.2024 em sua residência

¹⁴² Marley da Silva Frazão, entrevista realizada em 06.05.2024 em sua residência

Iconografia 34: Assinatura da ata de autodefinição como quilombolas



Fonte: Ar, E.R, fevereiro de 2024.

Como a indicação de resguardar a memória do momento após a assinatura dos agentes sociais, e encerradas as burocracias dessa etapa. O evento foi encerrado com a confraternização destes, como elucidada Marley Frazão: *E para comemorar nós tivemos o almoço que fizemos, as merendeiras fizeram o almoço, para oferecer para os presentes*¹⁴³.

E como desfecho da ação a (iconografia 35) a seguir marca mais um momento significativo para a unidade social. Nela estão reunidos os agentes sociais que compareceram na assembleia geral para a assinatura do requerimento de autoidentificação e emissão da certidão da autocertificação como quilombolas pela Fundação Cultural Palmares-FCP.

¹⁴³ Marley da Silva Frazão, entrevista realizada em 06.05.2024 em sua residência.

Iconografia 35: Agentes sociais quilombolas do São João do Urucurituba após assembleia de reconhecimento como quilombola.



Fonte: Ar. Denilson. Correa, 05 de fevereiro de 2024.

Ainda sobre a circunstância da oficina de reconhecimento Marlei Frazão afirma com certa emoção que:

O que eu quero dizer é que apesar das lutas, das dificuldades que nós tivemos, das enganações que o João Paulo fez para nós. Se não fosse a dona Edicleuza ir até lá, quase brigar com ele para ele entregar o documento para nós. Eu acredito que isso até hoje não tinha sido resolvido, no caso do CNPJ. Mas graças a Deus, hoje em dia, eu estou feliz! Mesmo com as dificuldades, que só nós mesmos que moramos aqui, nós sabemos as dificuldades para chegar lá na sede. Com tudo isso, fizemos, pela nossa comunidade, pelonosso território, e eu estou muito orgulhosa hoje de ter lutado, de ter conseguido aquilo que a gente desejava ter¹⁴⁴.

4.4 O advento da autocertificação: o reconhecimento oficial da unidade Social pela Fundação Cultural Palmares.

Ainda no ano de 2024, seguindo os acordos entre unidades sociais e Coordenação Nacional de Comunidades Rurais Negras. No mês de agosto de 2024, foi realizada uma incidência junto à instituição Fundação Cultural Palmares, reivindicando o reconhecimento das unidades sociais quilombolas do estado do Amazonas. Esse processo é vivenciado por outras unidades sociais no estado do Amazona. Todavia, elucidado principalmente o município de Barreirinha, que segundo os autores, Amélia, Ranciaro e Almeida, (2016, p.63), afirmam sobre o processo de lutas, autodefinição e certificação do quilombo do rio Andirá.

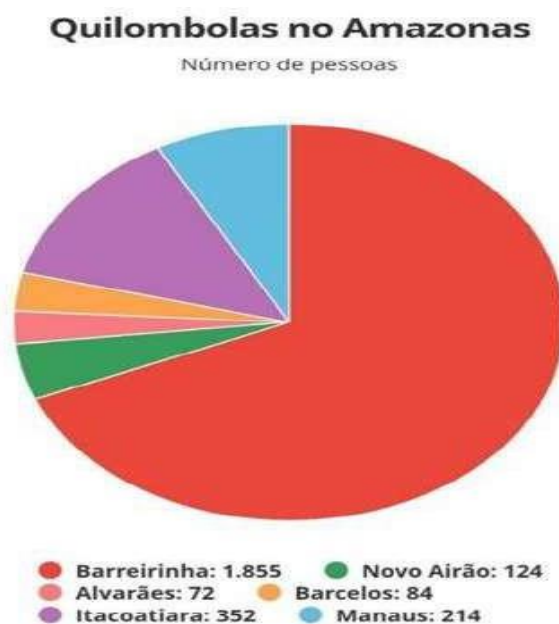
Nessa circunstância estavam os pedidos da unidade social quilombola São João

¹⁴⁴ Marley da Silva Frazão, entrevista realizada em 06.05.2024 em sua residência

do Urucurituba, Nossa Senhora da Conceição- Vila Carneiro, Monte Horebe calha do Paraná do Ramos situado no Rio Paraná do Urucurituba e São Paulo do Açú pertencente ao Rio Andirá, todas as unidades sociais pertencentes ao município de Barreirinha Amazonas. Atualmente o município apresenta registrado na Fundação Cultural Palmares 9 unidades sociais quilombolas. Mantendo-se no topo de quilombos, como representam os dados do censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE.

De acordo com o site g1¹⁴⁵ AM. 27/07/2023 10h 18. Das 62 cidades do Amazonas, apenas 6 registraram presença de quilombolas. Os dados são do Censo 2022 e foram divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nesta quinta-feira (27). (veja o gráfico).

Iconografia 36: Gráfico com dados do IBGE



Fonte: IBGE/Censo 2022

Para encerrar as narrativas acerca do processo político organizativo de São João de Urucurituba apresento o resultado das incidências da unidade social em parceria com a CONAQ-AM-CONAQ-NACIONAL, a contribuição de todas as lideranças quilombolas e parceiros no processo. Após 20 anos de investidas e lutas pelo reconhecimento, em novembro de 2024, foi publicado no Diário Oficial da União,

¹⁴⁵ Estes dados são inéditos, já que é a primeira vez que o Censo incluiu em seus questionários perguntas para identificar pessoas que se autodenominam quilombolas. Com 1.855 quilombolas, o município de Barreirinha, a 331 quilômetros de Manaus, lidera o ranking no Amazonas. Itacoatiara aparece na segunda posição, com 352 quilombolas, seguido por Manaus (214), Novo Airão (124), Barcelos (84), Alvarães (72). O Censo 2022 não registrou nenhum quilombo nos demais municípios do estado. (Conf. <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2023/07/27/ibge-apanas-6-cidades-do-amazonas-registram-presenca-de-quilombolas.ghhtml>)

portaria FCP Nº 356, de 14 de novembro de 2024, foi conferida segundo o art. 19.

Segundo o texto art. 1: esta Portaria certifica que a comunidade se autodefiniu como remanescente de quilombo (Vide Iconografia 37).

Iconografia 37: Portaria FCP, nº 356, de 11 de 2024



Fonte: Diário oficial da União.

O resultado marcou mais uma etapa imprescindível junto a constituição de direitos perante ao estado, visando ter acessos a políticas públicas ofertadas através das políticas afirmativas voltadas ao povo quilombola. Todavia, é apenas o início, a unidade passa a reivindicar outro processo no que diz respeito à luta pelo reconhecimento do território providenciado no âmbito do RTID, etapa, esta, sob a responsabilidade institucional do INCRA.

4.5 Etnografia iconográfica do cotidiano em São João do Urucurituba

Bourdieu (2008), faz uma reflexão sobre a relação de confiança entre o pesquisador e os agentes sociais de uma pesquisa. Nessa perspectiva da etnografia iconográfica que venho apresentar, descrevo em imagens a relação construída antes de chegar à universidade. No decorrer dessa pesquisa tive o privilégio de acompanhar vivências cotidianas da unidade quilombola de São João do Urucurituba. Neste caderno apresento através das iconografias as etapas da pesquisa de campo, assim como reflito sobre o cotidiano quilombola com seus modo de fazer e sua organização político-organizativa.

Bourdieu (2008), faz uma reflexão sobre a relação de confiança entre o pesquisador e os agentes sociais de uma pesquisa. A perspectiva da etnografia iconográfica possibilitou visualizar imagens e expressões dos agentes sociais em suas práticas cotidianas que se articulam modos de fazer, organização político administrativas, vivências cotidianas de territorialidades específicas. No decorrer dessa pesquisa tive o privilégio de acompanhar vivências cotidianas da unidade social quilombola de São João do Urucurituba. Como é possível verificar através dos subitens.

4.5.1 Cotidiano e vivências através da observação na unidade social

Nesse tópico serão apresentadas fotos do cotidiano quilombola na unidade social São João Batista. A primeira captura que descrevo a (iconografia 38) que aponta duas crianças, colocando a malhadeira no rio Paraná do Urucurituba. Nessa perspectiva na infância está contida a aprendizagem das formas de fazer na unidade social.

Iconografia 38: Retrata a pesca no cotidiano, vivenciada desde a infância.



Fonte: Ar. E.R maio de 2024.

A partir do cotidiano na unidade social, foi possível observar que além das crianças praticarem a pesca, as mulheres também realizam tal atividade com maestria, inclusive, se reúnem para realizar a pesca para a produção do piracuí. Dona Isabel afirma: *gosto de pôr malhadeira, mais o que eu mais gosto mesmo é no período do*

*pacu. De puxar no anzol*¹⁴⁶. Edeulina Simas¹⁴⁷, a agente social da imagem abaixo, relata que está acostumada com a prática da pesca que é uma das atividades que realiza cotidianamente com seu esposo (Ver iconografia 39).

Iconografia 39: Retrata a pesca no cotidiano, vivenciada por mulheres.



Fonte:Ar. E.R, fevereiro de 2024.

4.5.3 Limpeza da Unidade Social

Um outro aspecto que pode observar na unidade social, trata-se da organização dos agentes sociais quanto ao cuidado com os espaços físicos da unidade social. E principalmente, a necessidade de articulação para manter o acesso a cidade de Barreirinha e outras unidades ativo. No período de cinco dias e vezes durante a noite eles retornaram para afastar o barranco e realizar *Ação de limpeza do furo que dá acesso ao quilombo*. Pois a única maneira de deslocamento e através da via fluvial através de embarcações próprias. A ação ocorre devido ao barranco que desce no período da cheia e fecha a entrada do furo, fato que impede o trajeto dos agentes sociais nos meios de transportes como o rabeta, barcos e *voadeiras*.

A figura abaixo retrata limpeza do furo que dá acesso ao Paraná do Ramos

¹⁴⁶ Isabel dos Santos Colares, puxadeira e benzedeira, Entrevista realizada em 10.05. 2024, no Centro Social São João Batista.

¹⁴⁷ Edeulina Bentes Simas, entrevista realizada em 08.05.2024 em sua residência. Edeulina é quilombola, membro da diretoria da ARQSJU.

(Vide Iconografia 40).

Iconografia 40: Ação de limpeza do furo que dá acesso ao quilombo.



Fonte: Ar. I. C, em fevereiro de 2024.

A (iconografia 41) apresentada a seguir retrata a limpeza paraná na frente da unidade social. O agente social Sr. Julesmã Colares, afasta o barranco para dar acesso ao transporte escolar até o quilombo. Com a subida das águas o barranco impede mobilidade tanto para chegar como sair da unidade (Vide Iconografia 41).

Iconografia 41: Agente social empurrando o barranco para dar acesso a unidade social



Fonte: Ar. E. R, abril de 2022.

Na (iconografia 42) seguinte apresento retrará o início da limpeza na área do quilombo. Nesse período foram divididos os trabalhos, alguns agentes sociais cuidaram da limpeza do furo, outros do quadro da unidade social. A limpeza da igreja, a cada semana, é de responsabilidade de uma família da unidade realizar essa tarefa.

Iconografia 42: Agente social Julesmã se preparando seu equipamento para a limpeza quadro da unidade social.



Fonte: Ar. E. R., maio de 2024.

Outra ação que ocorreu foi a construção do Centro de Ciências e Saberes quilombola Floriza Pereira de Jesus. A denominação é em homenagem a quilombola zeladora da imagem de São João Batista. Para essa ação, os agentes sociais carpinteiros realizaram a reforma, e outros realizaram a pintura. Como é possível ver (iconografia 43) abaixo.

Iconografia 43: Trabalho de pintura do centro de Ciências e Saberes Quilombola
Floriza Pereira de Jesus.



Fonte: Ar. E.R., maio de 2024.

Após a realização dessa atividade ocorreu a culminância das ações referentes a reforma do Centro de Ciências e Saberes-CCS. Nesse momento, alguns agentes sociais estavam realizando o almoço e outros participando da organização da atividade e contribuindo para a ação: Segundo Marley Frazão: *Agora o importante mesmo é a conquista do museu que a gente já está construindo. E aqui é apenas mais uma parte dessa etapa. Obrigada aos cozinheiros que cuidaram da gente. Obrigada a dona Edicleuza e a todos que aqui estiveram, ajudando a gente*¹⁴⁸. Na (iconografia 44) apresento parte dos agentes sociais e equipe que estiveram presentes na ação.

¹⁴⁸ Marley da Silva Frazão, entrevista realizada em 06.05.2024 em sua residência.

Iconografia 44: Oficina Curadoria do Centro de Ciências e Saberes Quilombolas. Nos cartazes expostos no chão, estão mapeados elementos da cultura quilombola da unidade social



Fonte: Ar. E. R., maio de 2024.

4.5.4 Base econômica da unidade social

A partir da observação no campo, foi possível verificar as etapas da produção do piracuí. Essa produção é uma das fontes de renda do quilombo. Os agentes sociais realizam a pesca para consumo diário, porém, também realizam para essa produção do piracuí, que é vendido na cidade de Barreirinha, Parintins ou Urucurituba/Cidade. O quilo desse produto é vendido no valor de R\$20,00 (vinte reais) a comerciantes e atravessadores.

Através da observação foi possível verificar as etapas da produção do piracuí. Segundo narrativas dos agentes sociais, o processo se dá inicialmente com a pesca do bodó ou pela caça do jacaré, geralmente no período da noite. Esse processo é realizado tanto por homens quanto por mulheres da unidade social. Referente a caça do jacaré, Julesmã e o filho, Julison, retornaram da caça com 05 (cinco) jacarés utilizados para à produção no dia seguinte. Geralmente: *eu vou na frente da canoa à espreita do jacaré e minha mulher vai comandando a canoa na popa da canoa. E é preciso ter força para segurar a força do jacaré*¹⁴⁹

Nesse mesmo período um grupo de agentes sociais estava para um outro local, no território onde foram caçar e de forma itinerante organizou-se a estrutura para a

¹⁴⁹ Julison da Silva Colares, entrevista realizada em 10.05.2024 no Centro Social São João Batista. Julison e filho de Julesmã Colares, pescador e produtor de piracuí.

produção do piracuí.

Consideramos conveniente apresentar as etapas de produção do piracuí, por se tratar da base econômica e organizativa da unidade. A (iconografia 45) apresenta a segunda etapa da produção do piracuí de jacaré. Trata-se, num primeiro momento do processo de cozimento do jacaré, tempo que leva, aproximadamente, 6 horas, dependendo do tamanho do animal. Esse processo é essencial, para separar a carne do coro.

Iconografia 45: Processo de cozimento do jacaré.



Fonte: Ar. E. R., maio de 2024.

Na (iconografia 46), Eliane e sua nora realizam a separação da carne do jacaré. Essa casa de produção do piracuí está situada na própria residência pois é possível observar a retirada da carne ainda em um estado de bastante quentura.

Iconografia 46: Processo que separação da carne do jacaré da casca e dos ossos



Fonte: Ar. E. R, maio de 2024.

Outra atividade se dá com o processamento da carne do jacaré em um equipamento denominado moedor. Enquanto um grupo de agentes sociais retiram as carnes das cascas, outros fazem o processamento dessa carne (Vide Iconografia 47).

Iconografia 47: Processo de moer a carne de jacaré no moedor



Fonte: Ar. E. R, maio de 2024.

Visito uma outra família para acompanhar a etapa de produção. Nesta casa de produção de piracuí, do Sr. Vanildo Moreira da Silva (o Codó) estavam torrando a carne do jacaré, realizando a última etapa da produção (vide iconografia 48).

Iconografia 48: Piracuí sendo torrado pelo agente social



Fonte: Ar. E. R., maio de 2024.

4.5.5 Lazer

No fim de tarde os agentes sociais têm o hábito de jogar futebol. Eles dividem o horário no campo, permitindo que as mulheres iniciem o jogo e, em seguida, os homens assumem o campo. Em algumas partidas formam times mistos entre homens e mulheres (Ver iconografia 49).

Iconografia 49: Jogo de futebol no fim de tarde.



Fonte: arquivo pessoal professor Marcelo Reis, 2023.

A unidade social, preserva atividades como as brincadeiras de rodas com as crianças. A imagem abaixo marca uma fogueira em homenagem a São João Batista, o santo protetor do quilombo de São João do Urucurituba (ver iconografia 50).

Iconografia 50: Brincadeira de rodas



Fonte: Ar.D. C, maio de 2024.

Neste capítulo visou-se apresentar o processo de mobilização político organizativa da unidade social São João do Urucurituba da passagem de unidade afetiva para unidade de mobilização até o processo de reconhecimento alcançado em novembro de 2024. Faz uma breve descrição do cotidiano na unidade, através das

iconografias. As vivências cotidianas que demonstram o modo de fazer que ocorre por via da tradição oral. Essa vivências, transitam nas brincadeiras de rodas expressas nas iconografias, no ato de pescar, atividade vivenciada por adultos e crianças. As iconografias descrevem ainda, a base econômica da unidade, apresenta o modo de trabalho, produção e renda através da base econômica pautada na produção do piracuí.

Opto por apresentar esse último subtópico alinhado com a história e memórias de lutas e criação da associação e suas conquistas. Pois, o cotidiano, o modo de produção, distribuição do trabalho e luta economia não se dissociam das lutas por efetivação de direitos. Ou seja, o capítulo versa sobre a construção identitária étnica e processo de luta por direitos.

Em síntese, uma vez percorridos os quatro capítulos que compõem o repertório analítico desta discussão, a seguir apresento as Considerações Finais através na qual retomo os passos metodológicos da pesquisa de campo. Daí se tem que objeto em discussão, aqui analisado sob a perspectiva do processo de formação do Quilombo de São João de Urucurituba, se constituiu num processo de análises e interpretações, compondo, portanto, uma verdadeira transversalidade a percorrer todo o corpo textual da presente dissertação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação tem como marco investigativo o projeto de pesquisa, cuja metodologia adotada norteou os caminhos até aqui percorridos. Nesse processo, tomo como objeto de estudo o quilombo São João do Urucurituba, tendo como aspecto analítico o tema: “SÃO JOÃO DO URUCURITUBA: história e memórias do processo de territorialização quilombola – Município de Barreirinha/AM”.

A pesquisa assumiu como objetivo central analisar a trajetória e memórias que marcam o protagonismo quilombola e seus processos de luta face à política de territorialização, desencadeada pelo segmento político-organizativo do referido quilombo. Visando alcançar tal propósito, o trabalho ocupou-se dos seguintes objetivos específicos: Situar os elementos sócio-culturais implícitos no processo de construção histórica da comunidade quilombola “São João do Urucurituba”; Identificar por via da memória coletiva os pontos balizadores quanto ao sentimento de pertença e permanência no território tradicionalmente ocupado; Verificar quais as trajetórias políticas da Associação dos Remanescentes Quilombolas de São João do Urucurituba-ARQSJU, na luta por direitos étnicos e territoriais.

Os registros constantes das atas da ARQSJU informam e a memória social endossa que esse quilombo foi fundado por volta do século XIX, mais precisamente nos anos de 1818. Assim, de acordo com as narrativas de seu Raimundo Colares e outros familiares, tais agentes sociais sustentam que foi esse o início da formação do Quilombo de São João do Urucurituba. Várias foram as denominações atribuídas à unidade social, por exemplo, *a priori* ela recebe a denominação de “Terra Preta” e, posteriormente, com a chegada de outros agentes sociais, se tem o início do processo político-organizativo daquele território. Num segundo momento, a unidade passa a ser chamada de “Irmandade”, depois passa a chamar-se unidade social “Santa Ana”, nominalmente assim celebrada por muitos anos. Os conflitos internos ou advindos de interesses agrários resultaram das correlações de forças evidenciadas e analisadas ao longo da presente dissertação. Anos mais tarde, do desentendimento entre as famílias Virgílio e Colares de Jesus, desencadeia a mudança para unidade social “São João Batista do Urucurituba” em alusão ao santo trazido pelo primeiro negro a chegar no local. A imagem se mantém referenciada através de ritos religiosos e festejos até os dias atuais.

O cotidiano da unidade, é vivenciado pelos agentes sociais a partir da relação de parentesco, dos laços matrimoniais ou de acolhimento, com ênfase nas relações sociais, culturais e religiosas. No dia a dia, as condições materiais de vida têm por base o trabalho que se volta para a apropriação da agricultura, com plantações nos quintais cujos produtos agrícolas

contribuem para manutenção alimentícia dos agentes sociais. É no bojo dessas relações com a terra tradicionalmente ocupada pelos agentes sociais que os conflitos agrários se tornam evidentes: seja por via dos espaços utilizados para o roçado, extensivos à coleta de produtos extraídos da floresta, seja através da caça ou do acesso aos rios para a captura de peixes.

Tais conflitos perpassam pela invasão ao território, sobretudo, pelos fazendeiros, associados à pesca predatória que com o tempo adentraram aqueles espaços, transformando a floresta em “campo aberto” principalmente através de queimadas, com intuito de tornar aquelas áreas de várzea em campos propícios para pastagem. Nada escapa aos interesses devastadores desses grupos econômicos que deixam suas “pegadas”, causando prejuízos ao afetarem diretamente as plantações de mandioca e, conseqüentemente, a produção de seus derivados. O território tem como fonte primária da economia a pesca, associada à produção de piracuí. Essa prática ocorre devido aos lagos e rios nas adjacências e a abundância do pescado, embora atualmente ameaçado por essas práticas inescrupulosas.

Essa realidade fica evidenciada quando a pesquisa empírica permitiu constatar que, para além dos interesses locais quanto à invasão ao território, se trata, ainda, do aspecto geográfico, tendo em vista a proximidade com outros municípios e Estado do Pará. Ao se avizinharem ao território, lagos, rios e enseadas são também invadidos por esses pescadores artesanais clandestinos e, ao recorrerem ao arrastão como prática predadora, utilizam-se do pescado sem qualquer fiscalização pelos órgãos competentes e, portanto, sem beneficiar aqueles agentes sociais pertencentes ao território tradicionalmente por eles ocupados.

Outros aspectos que configuram a unidade social, é a forte presença de manifestações culturais e religiosas. No que tange a manifestações culturais, são realizadas as Festas da Manga, Festa em alusão ao “Dia da Consciência Negra” no mês de novembro, momento em que se reúnem os agentes sociais locais e as vizinhanças adjacentes. As expressões culturais se voltam para as festas dançantes, apresentação de danças como o lundum, carimbó, desfiles com a escolha de representantes da beleza negra.

A festividade religiosa está pautada na homenagem em honra ao padroeiro “São João Batista”, com a realização de novenas, procissão terrestre, festas dançantes e torneios. Tais manifestações movimentam o quilombo, marcando um elo entre a realidade contemporânea dos quilombolas com as memórias deixadas por seus antepassados.

Os conflitos enfrentados junto aos seus antagonistas certamente imprimiram nos quilombolas certas formas de consciência, sobretudo, por terem ao longo da luta a franca convicção de que, historicamente, eles próprios se construíram como sujeitos de direitos, sejam estes étnicos e/ou territoriais. Foi em decorrência dessa tomada de consciência que em 2016 o

movimento mobilizatório organiza a Associação dos Remanescentes Quilombolas de São João do Urucurituba-ARQSJU. As pautas das assembleias setoriais e/ou geral passam a construir de forma mais objetiva todo o processo de luta pelo auto-reconhecimento institucional, oficialmente exarado através da Certificação emitida pela Fundação Cultural Palmares-FCP, conforme Portaria N° 356, publicada no Diário Oficial da União-DOU, em 24 de novembro de 2024.

Sabia-se, naquele momento, que tal iniciativa constituir-se-ia numa condição prévia para o passo seguinte, isto é, trata-se de uma exigência institucional em face da posterior conquista junto ao INCRA quanto à elaboração do RTID. Por consequência, cumprida essa etapa, isto permitiria fazer valer os procedimentos operacionais para a *delimitação, demarcação e a titulação* fundiária do território, conforme assim prevê o Art. 68 do ADCT: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. Assim, para além de outras Certificações emitidas pela FCP, as pautas de reivindicações atualmente se voltam para a conquista da titulação daquele território denominado de São João do Urucurituba, hoje, oficialmente reconhecido sob a chancela institucional de *comunidade remanescente de quilombos*, território, portanto, tradicionalmente por eles ocupado ao longo dos tempos, doravante as análises constantes dos capítulos que formatam a presente dissertação.

Diante do exposto, convém resgatar a questão-problema que serviu como bússola para a presente pesquisa: “Como se configuram os processos de construção identitária da comunidade quilombola “São João do Urucurituba”. Certamente que essa questão está devidamente analisada ao encontrar respaldo, sobretudo no que diz respeito à memória coletiva articulada às lutas do movimento político-organizativo por direitos étnicos e territoriais. Daí se tem por afirmação que o problema formulado foi o eixo direcionador e através do qual foi possível estabelecer certos critérios analíticos fundamentados por via da relação dialógica estabelecida com os agentes sociais, bem como se deu ênfase às fontes consultadas, cujos autores deram aos argumentos teóricos a consistência investigativa conforme o que se propôs através dos objetivos específicos, por outro lado, rigorosamente subsidiados a partir do trabalho de campo fundado nos instrumentos técnicos da observação direta e sistemática, do diário de campo e das narrativas dos agentes sociais. A partir da hipótese proposta comprovou-se a formação do território quilombola de São João do Urucurituba a partir da chegada de negros escravizados. Para além disso, se evidenciaram as perversas relações advindas dos conflitos agrários e, por desdobramento, as dificuldades enfrentadas quanto ao acesso às

terras de uso comum e ausência de políticas públicas que deveriam ser destinadas como direito constitucional dos quilombolas. Por outro lado, desencadearam-se as lutas e reivindicações dos quilombolas, mobilizados pelo movimento político-organizativo, tendo como parâmetro representativo dessas lutas a Associação dos Remanescentes Quilombolas de São João do Urucurituba- ARQSJU.

A pesquisa surgiu visando apresentar a trajetória e memória desses agentes sociais que chegaram e deram origem à formação daquele quilombo, assim como formaram-se as relações a partir do contato com outros grupos étnicos que construíram as expressões culturais e sociais desse grupo étnico. Trata-se do compromisso intrínseco à necessidade ou reponsabilidade de salvaguardar as memórias individuais e coletivas de um povo que ao longo dos tempos se manteve subordinado ao silenciamento.

Ao dar voz aos sujeitos da pesquisa, a leitura crítica das formulações teóricas apresenta relevância acadêmica frente à realidade social do quilombo, marcadamente considerada em contínuo e progressivo processo de construção, evidenciando-se com isso a presença de quilombos no estado do Amazonas como abaixo se verifica no Quadro 5. Fato que permite corroborar com o conhecimento no âmbito das identidades étnicas afro-brasileiras, condição que se coloca numa perspectiva de urgência em face às tensões sociais verificadas no estado do Amazonas.

Quanto à relevância social, este estudo coloca às claras como a pesquisa contribuiu ao explicitar o quilombo como objeto de análise ancorado numa perspectiva que se desmembrou a partir de esquemas interpretativos para, assim, imprimir possíveis superações da fadada invisibilidade social a que esses agentes sociais foram relegados. Aliás, trata-se de uma condição que se espraia para a minha própria história de vida, por envolver minhas origens também ligadas ao processo de formação desse quilombo, como verificado nas análises contidas ao longo do primeiro capítulo desta dissertação.

Como perspectiva metodológica, este trabalho foi desenvolvido a partir de procedimentos adotados por via do método de *observação direta e sistemática*, portanto, conferida a partir dos encontros *in loco* com os agentes sociais, sujeitos da pesquisa, tendo como objeto investigativo o quilombo de *São João do Urucurituba*. Para subsidiar a *observação direta* utilizou-se de questionário, contendo perguntas semiestruturada ou um roteiro mínimo composto por perguntas abertas com opções de resposta livre por parte daqueles que participaram de forma direta da pesquisa.

Assim entendido, este instrumento foi aplicado às lideranças locais, extensivo àqueles interlocutores que participaram da fundação do quilombo e os *griots*, aqui entendidos como os guardiões da memória coletiva. Barros (2008, p. 08), pontua a

importância de o pesquisador apropriar-se dos métodos e técnicas que caracterizam o modo de *ser e fazer* daqueles indivíduos para os quais a pesquisa se volta. Nesse sentido, a técnica “abrange procedimentos como de coleta de informações, entrevistas, as maneiras de empreender observações e análises de conteúdo” (Barros, 2008, p. 08).

A *observação sistemática*, por sua vez, fez referência ao conteúdo analítico dos dados do campo, ordenados sistematicamente para que se procedesse a fundamentação teórica da pesquisa como um todo. Nesta linha de pensamento, os métodos e técnicas empregados estão pautados nos estudos bibliográficos (fundamentação teórica); na coleta de dados (realização de entrevistas); e nas análises de fontes e documentos históricos (atas, decretos, leis e iconografias).

Na metodologia da História Oral, a técnica empregada foi a identificação dos agentes sociais, ação necessária para obter autorização destes para o processo da pesquisa. Para o processo de entrevista, tornou-se indispensável deslocar-me até o quilombo para realização da pesquisa empírica, cuja interpretação dos dados coletados se fez sob os preceitos teóricos da etnografia.

No período de março a novembro de 2023 foi realizada a revisão da literatura científica a ser utilizada para o estudo. Com o objetivo de identificar e apresentar a “memória sobre a memória”, a partir dos estudos de Pollack, (1989), isto permitiu subsidiar a compreensão dos discursos presentes em iconografias e cartas que versaram sobre a história do quilombo, tendo-se como fonte: as fotografias do Santo padroeiro São João Batista; as fotos da carta que versa sobre a chegada de José Raimundo Silva, o segundo quilombola a chegar em locais do Paraná do Urucurituba, bem como registraram-se também aquelas fotografias que marcam o cotidiano do quilombo.

No que tange a coleta de informações, para o desenvolvimento dessa pesquisa foram considerados momentos distintos e essenciais da pesquisa, por exemplo, através da pesquisa documental, foi possível obter dados operacionais, quais sejam: acesso aos dados primários referentes às atas das reuniões das organizações mobilizatórias do quilombo; outra fonte diz respeito aos documentos existentes nas Organizações Governamentais e Não Governamentais; o acesso às iconografias e cartas que versam sobre a criação do quilombo, documentos fundamentais por se tratar dos arquivos contendo fontes históricas e/ou documentos como: atas de fundação do movimento político-organizativo, atas de criação do quilombo, constantes de documentos da Associação dos Remanescentes Quilombolas do São João do Urucurituba- ARQSJU, assim como a pesquisa se estendeu à coleta de informações constantes nos documentos da Coordenação Estadual da CONAQ-AM.

As iconografias foram analisadas com vistas a identificar e caracterizar os aspectos históricos do quilombo, incluindo-se nessa perspectiva a imagem de São João Batista. Objetivando enfatizar as memórias, trata-se da história social corrente nas memórias coletivas locais que, segundo consta, o santo fora trazido por Raimundo Colares, negro escravizado e que, no processo de fuga saiu do Estado da Bahia, refugiando-se no quilombo de São João do Urucurituba.

Por via da entrevista semiestruturada com lideranças e *griots* ou com outros agentes sociais que haviam participado do processo de criação do quilombo, dentre os quais um deles é o senhor Julesmã Colares, bisneto de Raimundo de Jesus Colares, por todos reconhecido como o primeiro negro a chegar em áreas do referido quilombo no ano de 1818. A senhora Marley da Silva Frazão, membro da CONAQ-AM e bisneta de Raimundo Silva, o segundo negro a chegar na comunidade, advindo da África e fugido do Estado do Maranhão em companhia de seu pai, Francisco Silva Griô. Outra quilombola a participar da pesquisa é a anciã, Vicência Colares, parteira e benzedeira mais antiga do quilombo, contando-se ainda com a participação de Denilson Conceição Correa, presidente da ARQSJU. Posteriormente surgem outros agentes sociais, a partir das narrativas dos mais velhos. Esses agentes sociais contribuíram para questões, ambientais, uso comum da terra, entre outros aspectos.

Outro fator preponderante na pesquisa, considerado como ponto chave das análises constantes da presente investigação diz respeito à *Oficina de Reconhecimento*, cuja atividade ocorreu durante 4 dias, num período de 01 a 04 de fevereiro de 2024. Participaram dessas atividades as lideranças do movimento organizativo, os agentes sociais e os representantes de organizações, portadores das memórias sobre a formação do território, a atuação das organizações, suas estratégias em meio às lutas pelo direito ao território. A oficina aconteceu em fevereiro de 2024, no barracão comunitário do quilombo de São João Batista, no município de Barreirinha-Am.

Realizada pelo Instituto de Educação Brasileira-IEB, em parceria com a CONAQ-AM e Associação local ARQSJU, a oficina teve por objetivo orientar os quilombolas quanto e realizarem o diagnóstico para obtenção de informações que desencadeou na construção de documentos necessários para o processo de autoidentificação dos agentes sociais, articulado ao reconhecimento do quilombo junto à Fundação Cultural Palmares-FCP.

Nesse sentido, analisaram-se os dados disponibilizados pela Associação acerca de atividades já realizadas no ano de 2022, e que tinha por propósito avançar no processo de reconhecimento. A análise dos dados teve por base as narrativas dos

agentes sociais, obtidas através da pesquisa empírica e analisados sob a perspectiva do pensamento crítico, observando-se a especificidade de cada dado fornecido pelos agentes sociais, sujeitos da pesquisa.

Desta maneira, por se tratar de uma pesquisa do *tempo presente*¹⁵⁰, investigou-se as informações e memórias dos agentes sociais através das suas narrativas orais em conexão com as documentações produzidas pela Associação, representada através da ARQSJU. As memórias dizem respeito ao *lugar* no qual são transmitidas as narrativas de acordo com a própria tradição oral. Posteriormente a isso, tais narrativas foram transcritas e agregadas ao texto, com a devida análise e interpretação dos fatos articulados àquelas categorias analíticas demandadas pela propositura da pesquisa. Ou seja, de acordo com os objetivos identificados e articulados ao sentido histórico atribuído à terminologia *quilombo*, o presente trabalho reportou-se a 04 (quatro) categorias analíticas, quais sejam: *quilombo*, *memória coletiva*; *etnicidade*; e *territorialidade específica*.

Dessa forma, ao envolver as lideranças locais, os *griots* e demais quilombolas a Oficina de reconhecimento, organizada pela pesquisadora e CONAQ-AM, isto permitiu estabelecer passos substanciais relativos aos seguintes dados: a) agregar, por via da memória coletiva, informações sobre o processo de construção histórica do quilombo; b) identificar pelo relato de experiências como se deram as relações de sociabilidade entre os agentes sociais, suas formas de apossamento aos recursos naturais, tanto para suprir as necessidades da família, quanto à transação de produtos junto ao mercado ou feiras locais; c) caracterizar as formas de estratégias operacionais do movimento organizativo do quilombo, cujas lutas encampadas estariam relacionadas à realização de conquistas quanto ao sentimento de pertença e permanência no território tradicionalmente ocupado, identificando, assim, as conquistas por direitos étnicos e territoriais.

Foi por via dessa trajetória analítica que se evidenciou o entendimento sobre o que é, na atualidade, o conceito e/ou o significado de *quilombo* enquanto designação histórica que se expressa através de movimentos político-organizativos, tendo por objetivo precípuo a luta pela conquista e garantia de direitos étnicos e territoriais em terras tradicionalmente ocupadas.

A partir deste entendimento, foi possível transitar pela compreensão da importância da memória para tais grupos étnicos. Trata-se, portanto, de aspectos que direcionam a reflexividade acerca das memórias, individuais e coletivas que formatam

¹⁵⁰ A discussão sobre a pesquisa no tempo presente pode ser verificada na perspectiva de CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronaldo. *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. (Conf. <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1641>).

os processos de construção do quilombo São João do Urucurituba. É dessa perspectiva que flui o sentimento de pertença ao território, condição que demarca na fronteira social o compromisso inarredável dos agentes sociais em meio a preservação e ressignificação da memória coletiva como um processo que sustenta a construção histórica do território, compreendido, portanto, como espaço culturalmente construído e engendrado teoricamente com e a partir de suas narrativas orais. Tem-se aí todo um processo de territorialização que, segundo Almeida (2011, p. 118), resulta de uma conjunção de fatores “que envolve a capacidade mobilizatória, em torno de uma política de identidade e um certo jogo de forças em que os agentes sociais (...) reivindicam direitos face ao estado”.

Não obstante isso, por se tratar de diferentes processos de territorialização, coube refletir nessa pesquisa as circunstâncias históricas acerca da unidade social de São João do Urucurituba. O eixo articulador dessas análises teve por base as lutas engendradas pelo movimento organizativo e construídas nos diferentes tempos históricos que caracterizam a passagem de uma unidade de mobilização para uma existência coletiva e, portanto, de pertencimento ao território.

Assim entendido, as contribuições fundadas nos pressupostos da Antropologia Social reportaram-se aos esquemas analíticos sobre os quais se ergueram as bases das teorias da etnicidade, cuja acepção do termo encontrou amparo nos estudos formulados por Barth (1976), Oliveira Filho (1999), Adams e Bastos (2003). Para esses autores, no que tange a categoria analítica “eticidade” esta deve ser compreendida considerando as identidades e, contrários às unidades biológicas ou culturais pré-determinadas, trata-se de grupos étnicos que se expressam através de suas formas de organização social.

Assim, foi possível perceber ao longo das reflexões deste trabalho que a apropriação da etnicidade alicerça-se em vários âmbitos dependendo das articulações da movimento político- organizativo e social. Nesse sentido, Poutignat (1998) situa a *eticidade*, entendendo-a como resultante do movimento mobilizatório face à conquista do poder político e dos bens econômicos.

Logo, são as formas de organização que emergem dos processos históricos em constante transformações, podendo os mesmos desaparecer ou reaparecer. Além disso, são sempre o produto da interação entre grupos hierárquicos que se classificam simbolicamente nos diferentes níveis de comando e controle a regular as relações no âmbito das esferas do poder simbólico, econômico e político. Essas categorias se transformaram em marcadores analíticos, auxiliando-nos a refletir como se configura a complexidade em torno da unidade social de “São João do Urucurituba”. Vale ressaltar

que além dessas categorias analíticas que sustentaram as bases teóricas da presente investigação, outras foram surgindo ao longo deste trabalho demandado pela exigência dos dados do campo.

Esses caminhos percorridos certamente apontam para a objetificação desta pesquisa, possibilitando com isso apresentar as histórias e memórias do processo de formação da unidade social quilombola de São João do Urucurituba. Para dar conta desse universo de complexidade, o presente trabalho está sistematizado através de quatro capítulos que versam sobre relação de confiança, bem como da coleta de dados sobre a história de formação dessa unidade social. Outro fator importantemente percebido diz respeito ao acolhimento de ex-escravizados que, no contexto dessa realidade, permitiu o surgimento de outras unidades que foram se formando por via das relações de parentesco e, por fim, a criação da associação ARQSJU, imprimindo, com isso, o fortalecimento do movimento político-organizativo materializado através das lutas por direitos conquistados por esse grupo étnico.

Nessa perspectiva, apresento no Capítulo I desse trabalho uma breve descrição etnográfica do campo sobre o contato e a relação de confiança constituída entre pesquisador e agentes sociais. Nesse contexto, faz-se referência aos caminhos adotados cuja dinâmica das análises proferidas deu aos argumentos o aprofundamento analítico dos dados de campo coletados ao longo desses dois anos de pesquisa. O capítulo, apresentou o reencontro com a unidade social, algumas ações e mobilizações necessárias, tanto para a coleta de dados dessa pesquisa, quanto para as lutas da unidade social no contexto da efetivação de direitos étnicos.

Nessa perspectiva, descrevem-se os processos de mobilização política do quilombo, por mim vivenciados desde que, através da Prefeitura Municipal de Barreirinha, assumi como Coordenadora o Setor Pedagógico de Educação Escolar Quilombola em 2020. Assim, descrevo como se deu o contato com o seu Francisco, um dos agentes sociais que fixou moradia na Cabeceira do Viadinho e muito contribuiu para essa pesquisa. Extensivo a essas articulações internas do movimento organizativo, o Capítulo I expõe também a colaboração dos agentes externos engendrada através da CONAQ-AM. Participação, esta, indispensável no que diz respeito à realização da Oficina de Reconhecimento, que possibilitou a ordenação dos dados do quilombo, condição imprescindível para compor o processo de reivindicação para a emissão da Certidão de Autoidentificação dos agentes sociais emitida pela FCP. Para além disso, apresentam-se também as formas através das quais foi possível viabilizar a realização de uma Oficina voltada para a implantação do Centro de Ciências e Saberes no quilombo

de São João do Urucurituba; uma das ações sob à coordenação geral do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. A propósito dessa proposta, acompanhei cada momento das produções relativas ao trabalho artesanal feito pelos agentes sociais, cujos produtos culturais, uma vez selecionados, fazem parte do acervo exposto no referido Museu Vivo, lógica operacional do Centro de Ciências e Saberes, conforme descrito no último capítulo desta dissertação.

Os dados constantes do Capítulo II possibilitaram as análises acerca da leitura de textos articulada à compreensão das entrevistas, evidenciando-se com isso o entendimento sobre o processo de formação da unidade social quilombola São João do Urucurituba. Ao deslindar pelas análises⁷ da formação histórica do quilombo, ressaltam-se os assuntos referentes à chegada da família Colares, bem como explicitaram-se os elementos culturais religiosos, como, por exemplo, a figura do Santo São João Batista que marca a memória de seus descendentes que ali permanecem desde então. Através das narrativas que informam sobre a história do confronto político com aqueles antagonistas históricos, foi possível identificar os conflitos agrários como um eixo condutor da tomada de consciência por parte dos agentes sociais até o desmembramento das ações político-organizativas que redundou na designação histórica da unidade social de São João do Urucurituba, reconhecida oficialmente como comunidade remanescente de quilombos. Outro aspecto também discutido se refere à constituição do território de parentesco engendrada a partir, principalmente, das famílias: Colares, Silva e Moreira, cujas referências históricas sustentam as formas de existência material do quilombo, condição imprescindível para a compreensão política da permanência desse grupo étnico nos limites do território, superando-se a suposta ideia quanto à formação das fronteiras da consanguinidade. Fato que, historicamente, confirma a linhagem de descendência atribuída aos primeiros quilombolas a chegarem no referido território.

Não obstante isso, as narrativas dos agentes sociais, como a de seu Francisco e dona Marley, nos levaram conhecer a história da chegada de Raimundo Silva, que, advindo da África, desbravou toda uma luta em prol de sua liberdade. Nesse contexto, não se trata de perpetuar a história da escravidão, pelo contrário, essas narrativas é que permitem a compreensão sobre o surgimento de outras unidades sociais, como aquela que tem por denominação de Igarapé do Mato, bem como a de Monte Horebe. É nesse processo de pertencimento e permanência desses grupos étnicos que perpassa o entendimento sobre a luta desencadeada através dos preceitos que fundam e direcionam a política de territorialidade. A evidência dos fatos pode ser verificada no diagrama que

registra a genealogia da família Silva, por cujo território de parentesco sintetizam-se as afirmações quanto ao reconhecimento que afirma se tratar de uma terra tradicionalmente ocupada por esses grupos étnicos.

O último capítulo versa sobre a passagem da unidade afetiva para unidade de mobilização. Quanto à compreensão desse arranjo norteador das lutas se tem a criação da ARQSJU como síntese das pautas de reivindicação materializadas por via dos processos de lutas; dos entraves e conquistas adquiridas, sobretudo, ao longo do ano de 2024. Ou seja, trata-se da emissão da Certificação que dá à unidade social a denominação histórica de *comunidade*

remanescente de quilombos; saldo de 19 anos de luta desencadeada, portanto, desde 2005, cujas conquistas resultam também das estratégias mais amplas engendradas pelos movimentos organizativos no âmbito das esferas municipal, estadual e federal.

Uma vez se dando a concretização desse propósito, o próximo passo certamente será a luta pela titulação fundiária daquele território, tendo por desdobramento dessa política de territorialização, as conquistas de políticas públicas previstas pelas legislações específicas brasileiras. Nessa perspectiva, tratou-se de organizar reuniões com intuito de discutir e encaminhar pautas de reivindicações sobre educação escolar quilombola, cultura popular, política de intercâmbio cultural no âmbito das Universidades Públicas, entre outros assuntos acerca de direitos étnicos.

Enfatizo essa questão, para apontar a importância do papel da Universidade e a contribuição dos estudos, da produção científica associada ao conhecimento tradicional para o processo de entendimento de unidades sociais quilombolas e seus processos histórico-sociais. Diante dos dispositivos de direitos, ao longo desta pesquisa foi possível vislumbrar como as Universidades por certo possibilitam formatar diálogos, trazendo para o cenário contemporâneo a realização de pesquisas acadêmicas sobre questões intrínsecas à realidade quilombola. Assim, através da relação de confiança entre agentes sociais, unidade social, pesquisador e universidade tais diálogos permitiram construir ou visualizar mudanças e adequações para as novas designações interpretativas na perspectiva de como essas realidades devem ser vistas, escutadas, analisadas.

O resultado mais importante, todavia, diz respeito ao compromisso pessoalmente assumido, em 2024, quanto a contribuir com a coleta de dados capazes de agrupar informações e, desta feita, cumprir com as exigências propostas pela Fundação Cultural Palmares-FCP, quais sejam: elaboração do dossiê construído a partir do registro de narrativas sobre o processo de formação histórica do quilombo para posterior emissão da Certidão de Reconhecimento Oficial do Quilombo, dando-lhe a chancela de

comunidades remanescentes de quilombos.

No contexto dessa instituição, trata-se da exigência fundamental para que a comunidade possa solicitar junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-INCRA, os trabalhos de campo para a realização do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território Quilombola-RTID. Esta é a etapa preliminar para a posterior conquista quanto à emissão da titulação fundiária daquele território “tradicionalmente ocupado”.

Exemplo disso, foram as conquistas dos quilombos do Rio Andirá, também pertencentes a esse município, que saíram do anonimato a partir das lutas engendradas pelos segmentos representativos daquelas unidades sociais, contando, atualmente, com a emissão das certidões de Reconhecimento emitidas pela FCP. Enfim, este trabalho se deu na articulação entre as lutas do movimento político-organizativo internamente e os processos de investigações científicas realizadas, inicialmente em 2013, por pesquisadores vinculados ao Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia-PNCSA e, posteriormente, a realização de pesquisas engendradas por via das Instituições Públicas de Ensino Superior, como a Universidade Federal do Amazonas- UFAM e a Universidade Estadual do Amazonas-UEA.

Tal, processo foi também vivenciado pela unidade social quilombola de São João de Urucurituba que a partir das relações estabelecidas com a Federação Quilombola do Rio Andirá e inserção das propostas articuladas em parceria com CONAQ-AM. Como comentado anteriormente, no último capítulo registram-se tais fatos consolidados através das reivindicações e mobilizações que contribuíram para a emissão da Certidão de Reconhecimento do quilombo.

No Capítulo IV retomo essa questão para elucidar um fato inédito vivenciado pelas populações quilombolas no Brasil, com destaque a situações ocorridas no estado do Amazonas, emprestando relevo às conquistas adquiridas pelas lutas do movimento político-organizativo dos quilombolas. Trata-se de direitos étnicos institucionalmente conquistados por via da aplicabilidade do Censo Demográfico de 2022 do Instituto Brasileiro Geografia e Estatística- IBGE, referindo-se pela primeira vez à população de remanescentes de quilombos, oficialmente registrada nos dados estatísticos. Todavia, os dados não conseguiram apontar com precisão o total de quilombolas e respectivos quilombos, devido à prerrogativa de que somente as unidades quilombolas previamente reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares, poderiam ser identificadas.

Assim, de acordo com os 62 municípios do Amazonas, apenas 6 registraram presença de quilombolas. Os dados são do Censo 2022 e foram divulgados pelo Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE):

Estes dados são inéditos, já que é a primeira vez que o Censo incluiu em seus questionários perguntas para identificar pessoas que se autodenominam quilombolas. Com 1.855 quilombolas, o município de Barreirinha, a 331 quilômetros de Manaus, lidera o ranking no Amazonas. Itacoatiara aparece na segunda posição, com 352 quilombolas, seguido por Manaus (214), Novo Airão (124), Barcelos (84), Alvarães (72). O Censo 2022 não registrou nenhum quilombo nos demais municípios do estado¹⁵¹

Esses dados do IBGE apontam a priori para afirmação da presença quilombolas e quilombos no Estado do Amazonas. Todavia, não há registro de outras unidades sociais em processo de luta para o reconhecimento como: São João do Urucurituba, Monte Horebe, Vila Carneiro-Município de Barreirinha/Amazonas, Santa Maria do Igarapé do Mato, município de Urucurituba/Amazonas. São Lázaro do Jaú, Município de no Novo Airão/Amazonas, Cachoeira do Jaú, Município de Novo Airão/Amazonas.

Nessa circunstância, para dar conta dessas realidades em processo de organização interna, a CONAQ-AM realizava incidências de mobilização para reconhecimento junto aos agentes, possibilitando através da pesquisa in loco o estudo acerca da história e memória de formação dessas unidades sociais. Como resultado, tais ações ocasionaram novas incidências junto a Fundação Cultural Palmares, voltadas para aquelas realidades pertencentes ao Município de Barreirinha/Am. Trata-se das reivindicações propostas através de pautas das Assembleias Geral e/ou Setoriais, cujas iniciativas colocam em evidência as unidades sociais quilombolas de São João do Urucurituba, Nossa Senhora da Conceição-Vila Carneiro, Monte Horebe, geograficamente situadas na calha do Paraná do Ramos, com localização às margens do Rio Paraná do Urucurituba e do quilombo de São Paulo do Açú, pertencente ao Rio Andirá. No Amazonas, de acordo com tais iniciativas, atualmente no município de Barreirinha registram-se junto à Fundação Cultural Palmares as 09 (nove) unidades sociais quilombolas. E, conforme dados apresentados pelo IBGE: “...com 1.855 quilombolas, o município de Barreirinha, a 331 quilômetros de Manaus, lidera o ranking no Amazonas” (Censo de 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE).

Para melhor visualização dos referidos dados, elaborou-se um Quadro (Figura 5) com registros atualizados, tendo por base a publicação no Diário Oficial da União-DOU, de 22 de novembro de 2024. Tais registro mostram o crescimento do número de quilombos no Amazonas, ou seja, dos 05 quilombos localizados no rio Andirá-Município de Barreirinha e registrados pela FCP em 2013, se tem, atualmente, mais 04

¹⁵¹ Acesso ao *site* gl AM. 27/07/2023, 10h18min (Censo IBGE/2022).

(quatro) unidades sociais, totalizando 09 (nove) quilombos. Conforme abaixo registrado, soma-se no Estado do Amazonas a existência de 16 (dezesesseis) quilombos oficialmente registrados na FCP sob a designação de *comunidades remanescentes de quilombos*, e, respectivamente, suas Portarias emitidas e datas de publicação no DOU.

Quadro 1: Presença quilombola no estado do Amazonas, identificada até o ano de 2024

Nº	Nome do Quilombo	Município	Localização	Nº. Portaria/FCP	Data de Publicação no DOU
01	Tambor	Novo Airão	Rio Jaú	Nº 11	06/06/2006
02	Santa Tereza	Barreirinha	Rio Andirá	Nº 176	24/10/2013
03	São Pedro	Barreirinha	Rio Andirá	Nº 176	24/10/2013
04	Ituquara	Barreirinha	Rio Andirá	Nº176	24/10/2013
05	Boa Fé	Barreirinha	Rio Andirá	Nº176	24/10/2013
06	Trindade	Barreirinha	Rio Andirá	Nº176	24/10/2013
07	São Benedito-Barranco	Manaus	Praça 14 de janeiro	Nº 104	24/09/2014
08	Sagrado Coração de Jesus - Lago de Serpa	Itacoatiara	Lago de Serpa	Nº 139	09/10/2014
09	São Francisco do Bauna	Alvarães		Nº 213	16/08/2024
10	São Paulo do Açu	Barreirinha	Rio Andirá	Nº 346	14/11/2024
11	São João do Urucurituba	Barreirinha	Paraná do Urucurituba	Nº 356	14/11/2024
12	Monte Horebe	Barreirinha	Paraná do Urucurituba	Nº 360	14/11/2024
13	Nossa Senhora da Conceição (Vila Carneiro)	Barreirinha	Paraná do Urucurituba	Nº 361	14/11/2024
14	Santa Maria do Igarapé do	Urucurituba	Rio Igarapé do Mato	Nº 357	14/11/2024
15	São Lazáro do Jaú	Novo Airão	Rio Jaú	Nº 349	14/11/2024
16	Cachoeira do Jaú	Novo Airão	Rio Jaú	Nº 351	14/11/2024

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora, em janeiro de 2024.

A respeito desses aspectos, Ranciaro (2021) discorre sobre o processo que primeiramente passa, necessariamente, pela *autoidentificação dos agentes sociais*.

E enfatiza:

Com a autodefinição dos agentes sociais e, posteriormente, a emissão das certidõesde reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares-FCP, os fatos evidenciam e demonstram que politicamente os Quilombos constituem uma constelação de unidades sociais, numa franca demonstração de que estão representados por uma identidade coletiva designada juridicamente como *comunidade de remanescentes de quilombo* (Ranciaro, 2021, p. 67).

Juridicamente reconhecidos como quilombos, a unidade social passará por outros processos de afirmação político-organizativa. Trata-se, primeiramente, da luta pela identificação dos agentes sociais e, posteriormente, o reconhecimento do quilombo. Isto realizado, se tem, como parte do trâmite jurídico-normativo, outras ações a serem

realizadas, quais sejam: a delimitação, a demarcação e a titulação fundiária do território, neste caso específico, o Quilombo do Urucurituba e outras unidades sociais pertencentes àquele território.

Por ser as Considerações Finais, um espaço destinado a elucidar os objetivos e possíveis conquistas alcançadas, reservei o “encerramento” ou prestação final dos propósitos da presente pesquisa para prestar certa deferência ao Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia- PNCSA, na pessoa de seu Coordenador Geral, o professor Alfredo Wagner. Por toda contribuição prestada pelo Projeto ao longo desses anos, há que reconhecermos o quanto as inúmeras ideias se materializaram por via de ações realizadas junto às dezenas, centenas de unidades sociais, cujo objetivo profícuo do Projeto diz respeito ao reordenamento de territórios tanto de povos originários quanto de comunidades tradicionais, propósitos estes firmados através do compromisso político relativo aos direitos constitucionalmente assegurados a esses grupos étnicos. Dentre tais lutas coletivas se tem o projeto Centro de Ciências e Saberes em que o dado operacional se evidencia, culturalmente, através da implementação dos Museus Vivos; uma proposta inovadora que tem por princípio a garantia de exposições ao público sobre as dinâmicas formas de *ser e fazer* desses agentes sociais.

Através desse projeto, a unidade social quilombola São João do Urucurituba atualmente adotou como dinâmica cultural o Centro de Ciências e Saberes-CCS, por eles construído no quilombo sob a denominação de Floriza Pereira de Jesus, em alusão a griote, ceramista e zeladora do Santo São João Batista.

Tal conquista resultou dos diálogos entre agentes sociais, a pesquisadora e o PNCSA. Todavia, o projeto do CCS ganha vida primeiramente a partir das atividades propostas pelo II Seminário Internacional do Centro de Ciências e Saberes, realizado no mês de dezembro de 2023, em São Luís do Maranhão. No evento aconteceu o encontro com diversas lideranças que trataram sobre a implementação, revitalização e funcionamentos do referido Centro de Ciências e Saberes, fato que oportuniza ampliar o conhecimento acerca das demais etnias responsáveis por articular o conhecimento tradicional a partir de suas unidades sociais.

Diante do processo de estudo sobre o quilombo São João do Urucurituba e, devido ter tido oportunidade de conhecer um pouco mais sobre os Museus Vivos, que, do ponto de vista geral, diz respeito à dinâmica operacional dos Centros de Ciências e saberes na Amazônia. Trata-se do local em cujo espaço se tem a oportunidade de ampliar aqueles conhecimentos tradicionais, articulados ao fazer científico, ambos entendidos como salvaguarda dos patrimônios materiais, imateriais da unidade social

quilombola, no caso específico, o quilombo de São João do Urucurituba.

Após diálogo com os agentes sociais decidimos submeter a proposta de revitalização do Centro Social São João Batista, para revitalização e adequação do espaço bem como redefinição da denominação desse espaço para “Centro de Ciências e Saberes Quilombolas Floriza Pereira de Jesus”.

Nesse sentido, o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia-PNCS – na pessoa de seu coordenador geral, professor Alfredo Wagner –, cumpre com uma das suas inúmeras ações, dentre as quais, em relação ao CCS, adotam-se os seguintes passos: a) elaboração, pelos agentes sociais, da planta arquitetônica do Centro de ciências e saberes; b) identificação e disponibilidade do local para atender aos objetivos do CCS, neste caso, se tratou da ampliação do espaço já existente no quilombo; c) escolha do nome destinado ao CCS; d) as propostas das atividades e seleção de peças a serem expostas ao público, a priori no Centro que possibilitou o desdobramento quanto à ampliação do espaço corrido, recentemente, ou seja, no ano de 2024. Após a realização da Assembleia Geral, ocorrida no Centro Social São João Batista, a unidade social deliberou sobre a denominação do centro que após revitalização receberá o nome de “Floriza Pereira de Jesus” em alusão à bisavó de seu Julesmã Teixeira Colares. Segundo este agente social se trata de uma Zeladora da imagem de São João Batista Menino, padroeiro do quilombo. Segundo seu Julesmã Colares (2023) e a memória corrente “Floriza Pereira de Jesus”, foi uma griô quilombola que no período da Cabanagem vivencia esse processo, precisando refugiar-se em uma aldeia do Andirá, de onde retorna após algum tempo. O nosso interlocutor ainda pontua que ela se referia ao lugar de nome, por eles desconhecido, como “Terras Grandes”. De acordo com relatos, Floriza era ceramista e zeladora do Santo São João Batista e, ao retornar ao quilombo, resgataram-se os festejos em honra ao padroeiro.

Para além das nossas expectativas em relação aos objetivos gerais e específicos da presente pesquisa, infere-se que, para além dos interesses meramente acadêmicos, pude, na condição de nativa, estabelecer ações como militante cujas responsabilidades assumi das perpassam toda a minha história de vida e, por razões óbvias, tais fatos estão, de certa forma, associados às análises e interpretação que giram em torno do trabalho ora apresentado.

Enquanto somatória de um trabalho coletivo, as partes constituintes deste esquema teórico-interpretativo, certamente se fez como a soma de lutas mobilizatórias dos agentes sociais, representados através da ARQSJU e devidamente articulados aos quilombolas do rio Andirá por via de sua Federação das Organizações Quilombolas do

Município de Barreirinha- FOQMB. Tais estratégias operacionais, associadas às propostas políticas da CONAQ-AM, permitiram a compreensão dos desdobramentos resultantes dos conflitos agrários.

Para além disso, no que se refere aos direitos étnicos e territoriais, tais contradições estimularam, sim, o enfrentamento diante aos desafios, entraves e conquistas alcançadas em face das lutas historicamente desencadeadas pelos quilombolas no interior da realidade amazônica.

FONTES

ANDRADE, Andrade entrevista realizada em 06 de maio de 2024 em sua residência às 13h. ATA da associação de remanescentes quilombolas. ATA da comunidade, ano de 2022.

BERNADETE, no centro Social São João Batista, em 02 de fevereiro de 2024 às 9h, Caderno de campo ano 2023 e 2024.

COLARES, Julesmã Teixeira Colares (24. de abril de 2023). Entrevistadora: Edicleuza Costa Ribeiro, entrevista concedida em sua residência.

COLARES, Julesmã Texeira: (13 de março de 2021). Iconografia: Edicleuza Costa Ribeiro, iconografia concedida em sua residência.

COLARES, Teixeira Colares, no centro Social São João Batista, em 01 fevereiro de 2024 às 10h,

CORREIA, Denilson Conceição. Entrevista realizada em sua residência em 01/02/2024

FRAZÃO, Marley da Silva: Carta: a História de meu bisavô José Raimundo Silva: em Março de 2023.

Frazão, Marley da Silva: Entrevista realizada na manhã do 15/12/2023 em Hotel, Taj Mahal.

JESUS, Vicência Colares (24. de Abril de 2023). Entrevistadora: Edicleuza Costa Ribeiro, entrevista concedida em sua residência.

SILVA, Francisco: Entrevista devidamente autorizada e realizada em sua residência em 03 de fevereiro de 2024 às 10h.

SILVA, Mateus Acosta. Mapa da área de estudo: Quilombo São João do Urucurituba. Cartografia. Em 06 de fevereiro de 2024.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACEVEDO, Rosa, Castro Edna: negros de Trombetas; guardiões de matas e rios Acevedo, Rosa, Castro Edna: Negros no Trombetas: guardiões de matas e rios/2. ed.-Belém: CEJUP/UFPA, NAEA,1998
- ALAN, Touraine: na fronteira dos movimentos sociais: publicado em Sociedades e estados, Brasília, V. 21, n1, 17-28, janeiro/abr. 2006
- ALBERTI, Verena. História dentro da história. In PINSKY, Carla B. 2011.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os quilombos e a base de lançamento de foguetes de Alcântara: laudo antropológico. Brasília: MMA,2006.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Quilombos e as novas etnias/Manaus: UEA edições, 2011.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras Tradicionalmente ocupadas: Processos de Territorialização e Movimentos Sociais. Ano 2004.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de: Nova Cartografia Social da Amazônia, in: Povos e comunidades tradicionais: nova cartografia social da Amazônia. Manaus: UEA Edições, 2013.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de: Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. 2ª ed. Manaus: PGSCA-UFAM, 2008
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de: Terras tradicionalmente ocupadas: processo de territorialização e movimentos sociais; em R.B Estudos urbanos e regionais, V. 6, N. 1/ Maio de 2004.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; Farias Junior, Emanuel de Almeida: Povos comunidades: nova cartografia social, Manaus, 2013.
- ALVES, Castro: O navio negreiro, em 1869, Luís Eduardo Magalhães. EX! editora/2016
- AMÉLIA, Maria; RANCIARO, Maria Magela Mafra de Andrade: Trilhas percorridas por uma militante quilombola: vida e resistência, luta e resistência! Org.; Alfredo Wagner Berno de Almeida, ed.; Rio de Janeiro: Casa 8, 2016.
- ANDRADE, Rodrigo de Oliveira: Seca que afetou a Amazônia em 2023 causou a maior queda nos níveis dos rios já registrados, e está relacionada a mudanças climáticas. Publicada em JORNAL DA UNESP, disponível em:<https://jornal.unesp.br/2024/04/24/seca-que-afetou-a-amazonia-em-2023-causou-a-maior-queda-nos-niveis-dos-rios-ja-registrada-e-estaelacionada-a-mudan>. acesso às 01h 13 min 22 de julho de 2024.
- BARROS, Jose D`Assunção. O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico. 3. ed. Petrópolis, RJ Vozes, 2007.
- BARTH, Etnicidade e suas fronteiras: in POUTGNAT, PHELIPP, Teorias da etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth/Philippe Poutignat, Joselyne

Streiff-Fenart; tradução de Elcio Fernandes. -São Paulo: fundação Editora da UNESP, 1998. - Biblioteca básica.

BRASIL 1989 Convenção sobre povos indígenas e tribais-OIT, nº 169 da OIT:

_____Decreto nº 4.887, 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para a identificação, reconhecimento delimitação de demarcação e titulação de terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos que trata O art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias-ADCT/88. Diário oficial da união [República federativa do Brasil], Brasília -DF, 20 / 04 / 2004. Sessão 1, p. 4. 01.07. 2024 às 02h e 45 min.

BRASIL Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica-PARFOR; publicado por Ministério da Educação, em Publicado em 01/01/2014 11h53 disponível em Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR — CAPES. acesso às 23h 30min, de 2024.

BRASIL, Paludismo: Publicado em Ministério da Saúde, disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/m/malaria> pesquisado em 14 de julho de 2024 as 22h 54 min.

BURKE, Peter: Hibridismo Cultural. 3.reimpressão, primavera 2010. Campinas, SP: Papiros,1989.

CARAIPE – publicado em: Dicio, Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/caraipe/>; pesquisa realizada em 26 de janeiro as 21 h de 2024.

CHAMBOULEYRON, Rafael. Escravos do Atlântico equatorial: tráfico negreiro para o Estado do Maranhão e Pará (século XVII e início do século XVIII) Revista Brasileira: Dossiê: Escravidão Rev. Bras. Hist. 26 (52) Dez 2006.

CONAQ- coordenação nacional de articulação de comunidades negras rurais quilombolas, publicado em Controladoria Geral da União; disponível em: <https://www.gov.br/cgu/pt-br/governo-aberto/iniciativas-de-governo-aberto/organizacoes-da-sociedade-civil/de-a-a-z/coordenacao-nacional-de-articulacao-das-comunidades-negras-rurais-quilombolas-conaq> atualizado em: 09/10/2024 as 15h 28. pesquisado em 16/10/2024.

CORREA, Rosimay Flor do Carmelo: o céu e os inferninhos na festa da padroeira de Parintins, no Amazonas. / Rosimay Corrêa. 2019 200 f.: il. color; 31 cm.

COSTA, Carla Silvane da Silva: Quilombos do Andirá: do processo de construção da região do baixo Amazonas na perspectiva dos viajantes e naturalistas à interpretação científica sob a ótica de professores/pesquisadores na contemporaneidade, 2023 155 f.: color; 34 cm.

CRUZ, Cristina Tereza Carvalho. As irmandades religiosas de africanos e afrodescendentes. Santa Catarina 2007.

CRUZ.Teresa Cristina de Carvalho. As irmandades religiosas de africanos e afrodescendentes. Santa Catarina 2007.

FARIAS, Júnior Emmanuel de Almeida: Territórios conquistados e megas projetos inconcludentes: quilombolas de Cachoeira Porteira-, São Luís: Editora UEMA, 2019.

GALVÃO, Eduardo. Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Ita, Baixo Amazonas, 2. Ed. São Paulo, Ed. Nacional, Brasília, INL, 1976.

GOMES, Nilma Lino. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola; Parecer 16/2012, aprovado em 5/6/2012. Parecer homologado despacho do Ministério, público no D.O.U. de 20/11/2012, Seção 1, pág. 8.

HALBWACHS, M. A memória coletiva: São Paulo, 1990.

IBGE: apenas 6 cidades do Amazonas registram presença de quilombolas. glam. 27/07/2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2023/07/27/ibge-apenas-6-cidades-do-amazonas-registram-presenca-de-quilombolas.ghtml>. Acesso em: 15h 15min.

Instrução Normativa Incra n.º 16, de 24 de março de 2024: Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Publicado por Comissão pró-Índio de São Paulo; Disponível em: <https://cpisp.org.br/instrucao-normativa-incra-no-16-de-24-de-marco-de-2004/>; Publicado no Diário Oficial da União, edição número 78, em 26.04.2004; pesquisado as 19:00 h de 20 de março de 2024.

Kananojá: As raízes africanas de uma doença Brasileira: o banzo em angola nos séculos VII E XVII, 2018.

Lei Nº 284, de 20 de dezembro de 2021. Cria o setor pedagógico quilombola no setor administrativo da SEMED, define as propostas curriculares pedagógicas para a a inclusão de disciplinas quilombolas na grade curricular do ensino infantil e fundamental I e II e modalidade EJA nesses territórios, altera a nomenclatura de identificação das escolas municipais de educação infantil e ensino fundamental localizadas em territórios quilombolas, e dá outras providências. Barreirinha, Amazonas. Diário Oficial

Mafra, Ana Amelia Campos, Costa, Ivan Rodrigues; Guterres, Maria do Socorro: Projeto vida de negro; terras de preto no maranhão: quebrando o mito do isolamento. Vol. II São Luis-Ma: SDMH/CCN/PVN 2002.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo: A cartografia social consiste em um recurso de descrição etnográfica. o fascículo é nossa cartografia, in: povos e comunidades tradicionais nova cartografia social, 2013.

MATTOS. Regiane Augusto de. História e cultura afro-brasileira. 2. Ed., 1º reimpressão. -São Paulo: Contexto, 2012.

Neto Agostinho: No tempo de cativo publicado em: Letras. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/agostinho-neto/no-tempo-do-cativo/>. Acessado em 10.11.2024 as 23h.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. O que é Benzeção. 1ª Ed.1985.

PRANDI, Reginaldo. Mitologias dos Orixás: ilustrações de Pedro Rafael. – São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

PIERRE, Bourdieu: A miséria do mundo, 7º ed. –Petropolis, RJ: Vozes, 2008.

POLLACK, Michael, Memória, Esquecimento, silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1989.

Portaria Fundação Cultural Palmares. Nº356 de 14.11.2024. publicada no diário oficial da União sessão 1, ISSN1677-7042; Nº 225, sexta-feira, em 22 de novembro de 2024.

Portaria nº 337 acordo de pesca nos limites do Paraná do Urucurituba e Paraná do Ramos: Lei Municipal de Barreirinha, 29 de outubro de 2008.

Portal Amazônia Real: Comunidades quilombolas do Rio Andirá aguardam título de terras no Amazonas Publicado em: 12/10/2017 às 18:30). Disponível em: Comunidades quilombolas do Rio Andirá aguardam título de terra no Amazonas - Amazônia Real, acesso em 06.04.2025 às 22h 22min.

PRIORE, Mary Del e Venâncio, Renato Pinto: Ancestrais: uma introdução à história da África Atlântica. Rio de Janeiro ed. Elsevier, (2004)

RADLER, Juliana/ISA, 1º encontro estadual das comunidades quilombolas acontece no estado do Amazonas. Tapajós de Fato. Publicado em 22 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.tapajosdefato.com.br/noticia/940/1o-encontro-estadual-das-comunidades-quilombolas-acontece-no-estado-do-amazonas>: Acesso em 03 de agosto de 2023 as 8h 20min.

RANCIARO, Maria Magela Mafra Andrade. Quilombos do Rio Andirá: das travas as aberturas dos cadeados, Manaus. 2021

REIS, João José, GOMES, FLAVIO dos Santos: Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil/ 1ª ed.-São Paulo: Claro Enigma, 2012.

ROCHA, João Marinho da, Das sementes aos troncos: história e memória do movimento quilombola do rio Andirá/João Marinho da Rocha 2019.386.:color; 31cm. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho e TRINDADE, Azoilda Loretto da: orientações para as relações étnico-raciais. Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais Brasília: SECAD, 2006.Brasília: SECAD, 2006.

ROGGO, Rodrigo: o pirarucu gigante das águas doces, publicado em O “WWF”, em agosto disponível em:https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/especiais/biodiversidade/especie_d_o_mes/agosto_pirarucu/ acessado em 01 de julho de 2025 às 13h e 37min.

RIBEIRO, Edicleuza Costa: RANCIARO, Maria Magela Mafra de Andrade. “Benzer é uma Benção”: a prática de benzimento a partir da narrativa de um benzendor. Guarimã: Revista de Antropologia política. v. 4. N. 1, p. 188-202, janeiro/julho de 2024.

RICCI, Magda Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. Dossiê: Cidadania e Pobreza Tempo 11 (22) 2007). Disponível em: SciELO Brasil - Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840 Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. Acesso em 06.04.2025 as 22h 40min.

SALLES, Vicente: o negro no Pará, sob o regime da escravidão, rio de janeiro, fundação Getulio Vargas. Serv. De publicações univ. Federal do Pará, 1971.

SANTOS, Flavio dos. Quilombos do Rio de Janeiro no Século XIX, in Liberdade por um fio histórias dos quilombos no Brasil, org: GOMES. Flavio Reis. João José Reis e Flavio Santos Gomes. -São Paulo Companhia das Letras, 1996.

SANTOS, Francisco Jorge dos; História do Amazonas I ed. Rio de janeiro 2010. Silva, Eduardo: Negociação e conflitos: a resistência negra no Brasil escravista. Eduardo Silva, João José Reis. -S. Paulo campinas das letras 1989.

SANTOS, Juliene Pereira dos, Territórios, intrusão e dramas sociais no Trombetas: O quilombo do Jamari; em Conflitos territoriais e povos tradicionais: descrição etnográfica de territorialidades específicas/ organizadores, Rosa Elizabeth Acevedo Marin, Patrícia Maria Portela Nunes; Cynthia Carvalho Martins. -São Luís: EDEUMA, 2020.

SHIRAISHI, Neto Joaquim: O direito das minorias: passagem do “invisível” real para o “visível formal? Joaquim Shiraishi Neto. Manaus: UEA Edições, 2013. 188 p.;23 cm.

SILVA, Jucinara Cabral da. História Oral e Interseccionalidade na trajetória de Maria Amélia dos Santos Castro: Comunidades Remanescentes de Quilombo do Rio Andirá- Barreirinha/Am (2005-2022): Jucinara Cabral da Silva. 2024; 136 f.: il.; 31cm

SILVA, Eduardo; REIS, João José. Negociação e conflitos: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. Quilombos: identidades e história. 1. Ed.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O Pensamento Selvagem. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

TODOROV, Tzvetan. A conquista da América: a questão do outro. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TRINDADE, Deilson do Carmo. As benzedeadas de Parintins: práticas, rezas e simpatias. Manaus: Edua, 2013.

ANEXOS

TERMO CONSUBSTANCIADO CEP

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA 	
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA	
Título da Pesquisa: SÃO JOÃO DO URUCURITUBA: memórias e histórias dos processos de territorialização quilombola e Município de Barreirinha/AM.	
Pesquisador: EDICLEUZA COSTA RIBEIRO	
Área Temática:	
Versão: 3	
CAAE: 79202224.4.0000.5016	
Instituição Proponente: Escola Superior de Artes e Turismo	
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio	
DADOS DO PARECER	
Número do Parecer: 7.169.169	
Apresentação do Projeto:	
Título da Pesquisa: SÃO JOÃO DO URUCURITUBA: memórias e histórias dos processos de territorialização quilombola e Município de Barreirinha/AM.	
Pesquisador Responsável: EDICLEUZA COSTA RIBEIRO	
Versão: 3	
CAAE: 79202224.4.0000.5016	
Instituição Proponente: Escola Superior de Artes e Turismo	
Situação da Versão do Projeto: Aguardando revisão do parecer do colegiado	
Localização atual da Versão do Projeto: Universidade do Estado do Amazonas - UEA	
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio	
RESUMO	
O projeto apresenta a proposta de pesquisa intitulada: SÃO JOÃO DO URUCURITUBA: memórias e histórias dos processos de territorialização quilombola, Município de Barreirinha/Am. Este assume como objetivo central: Analisar o processo de construção identitária da comunidade quilombola São João do Urucurituba, tendo por ênfase o resgate da memória coletiva articulada às lutas do movimento político-organizativo por direitos étnicos e territoriais. Para tal, aponta-se em três Objetivos específicos que visam: Situar os elementos sócio-culturais implícitos no	
Endereço: Av. Carvalho Lapa, 1777	
Bairro: Cachoeirinha	CEP: 69.065-001
UF: AM	Município: MANAUS
Telefone: (92)99225-6612	Fax: (92)99225-6612
	E-mail: cep@uea.edu.br

Página 01 de 08

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA 	
Continuação do Parecer: 7.169.169	
processo de construção histórica da comunidade quilombola São João do Urucurituba, assim como identificar por via da memória coletiva os pontos balizadores quanto ao sentimento de pertença e permanência no território tradicionalmente ocupado. Por fim, verificar quais as trajetórias de lutas da Associação dos Remanescentes Quilombolas de São João do Urucurituba-ARQSJU, na luta por direitos étnicos e territoriais. Nessa perspectiva, por se tratar de uma pesquisa do tempo presente, concernentes a unidades sociais quilombola, alicerçada em estudo no campo das ciências humanas que transita para o foco em estudos interdisciplinares. Será possível apropriar-se de uma metodologia, que ocupar-se-á da antropologia aplicada com foco para a ação participativa que visa realizar a observação direta em campo, possibilitando acompanhar o cotidiano dos agentes sociais, e por via de entrevistas coletar informações concernentes ao cotidiano, movimento político-organizativo, cultura, religião entre outros eixos que constituem a formação do quilombo. Como resultados pretende-se inserir a unidade social em diálogos no campo da universidade, apresentar a dissertação e utilizá-la como instrumento para avançar no processo reconhecimento como quilombolas em instituições nacionais, estaduais e municipais. Convém ressaltar que	

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, somos pela APROVAÇÃO. Salvo o melhor julzo é o parecer.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2209845.pdf	20/09/2024 15:35:36	EDICLEUZA COSTA RIBEIRO	Aceito
Brochura Pesquisa	PROJETO_DETALHADO_CEP_VERSA_OII.doc	20/09/2024 15:35:56	EDICLEUZA COSTA RIBEIRO	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_assinado.pdf	20/09/2024 15:34:24	EDICLEUZA COSTA RIBEIRO	Aceito
Outros	COLETAS_DE_ROTEIRO_DE_ENTRE_VISTA.doc	20/09/2024 15:30:41	EDICLEUZA COSTA RIBEIRO	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_	20/09/2024	EDICLEUZA COSTA	Aceito

Endereço: Av. Carvalho Lessi, 1777
 Bairro: Cachoeirinha CEP: 69.065-001
 UF: AM Município: MANAUS
 Telefone: (92)99225-6612 Fax: (92)99225-6612 E-mail: cep@uea.edu.br

Página 05 de 08

UNIVERSIDADE DO ESTADO
DO AMAZONAS - UEA



Continuação do Parecer: 7.108.108

Parecer Anterior	CEP_7077077.pdf	15:27:37	RIBEIRO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_com_destques.doc	20/09/2024 15:25:33	EDICLEUZA COSTA RIBEIRO	Aceito
Cronograma	Cronograma_de_execucao.docx	20/09/2024 15:20:31	EDICLEUZA COSTA RIBEIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_autorizacao_de_uso_de_imagem_e_depoimentos.docx	14/06/2024 17:09:03	EDICLEUZA COSTA RIBEIRO	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_Edicleuza_preenchida_assinado.pdf	25/03/2024 14:20:44	EDICLEUZA COSTA RIBEIRO	Aceito
Outros	carta_de_anuencia.pdf	22/03/2024 22:50:24	EDICLEUZA COSTA RIBEIRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Compromisso_Livre_e_Escrito_recido_TCLE.pdf	22/03/2024 22:41:52	EDICLEUZA COSTA RIBEIRO	Aceito
Orçamento	Planilha_Orçamentaria.pdf	22/03/2024 22:40:14	EDICLEUZA COSTA RIBEIRO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 18 de Outubro de 2024

Assinado por:
ELIELZA GUERREIRO MENEZES
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Carvalho Lessi, 1777
 Bairro: Cachoeirinha CEP: 69.065-001
 UF: AM Município: MANAUS
 Telefone: (92)99225-6612 Fax: (92)99225-6612 E-mail: cep@uea.edu.br

Página 06 de 08

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Estudo: **São João do Urucurituba: memórias e histórias do processo de territorialização quilombola, município de Barreirinha-Am.**

Pesquisadora Responsável: **Edicleuza Costa Ribeiro**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa. Por favor, leia este documento com bastante atenção antes de assiná-lo. Caso haja alguma palavra ou frase que não consiga entender, converse com a pesquisadora responsável pelo estudo.

A proposta deste termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) é explicar tudo sobre o estudo e solicitar a sua permissão para participar do mesmo. Este estudo será coordenado pela pesquisadora Edicleuza Costa Ribeiro, mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas, com orientação do Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida.

O desenvolvimento desta pesquisa envolve princípios éticos que norteiam sua formulação e que devem ser conhecidos pelas e pelos participantes para garantir que esteja de acordo com os objetivos, justificativa, risco e benefícios. Os esclarecimentos sobre a investigação a que se refere o artigo 17 da Resolução 510 de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde do Brasil estão listados a seguir:


1. Justificativa, objetivos, procedimentos e métodos desta pesquisa.

Esta pesquisa intitulada “**São João do Urucurituba: memórias e histórias dos processos de territorialização quilombola, município de Barreirinha-Am.**” agrega outras áreas de conhecimento interdisciplinar e tem como objeto de estudo o quilombo, a trajetória e memórias que marcam o protagonismo quilombola e seus processos de territorialização.



Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT
Av. Leonardo Malcher, 1728 – Praça XIV de janeiro
Ed. Professor Samuel Benchimol
CEP: 69010-170
Telefones (92) 3878-4411 / 3878-4423





As perguntas que norteiam essa pesquisa estão centradas em entender: Quais as memórias e estratégias de mobilização étnica do povo Quilombola se constituem como expressões de (r)existência na manutenção de seus direitos e em defesa de seus territórios?

Por sua vez, estes são os questionamentos secundários: Como surge o quilombo? Em que contexto temporal? Quem foram os atores sociais que lá se instalaram? Como se inscrevem as memórias individuais, comuns e coletivas dos quilombolas? Qual o objetivo de cada uma delas? Quais estratégias de identidade e visibilidade eles utilizam? Como se dá o diálogo entre essas três organizações pela luta pelo território? Quais lutas e desafios são pautas comuns e quais são específicas do desses atores? Como se dá a relação de poder entre elas?

Para alcançar tais objetivos e buscar tecer algumas respostas, haverá durante a pesquisa a realização da observação no quilombo São João do Urucurituba e seu cotidiano, serão realizadas oficinas de reconhecimento, assim como a realização de entrevistas dos agentes sociais previamente mapeados, através de entrevistas abertas e fechadas. Convem ressaltar que as entrevistas acontecerão no lugar de escolha do agente social. Posteriormente serão analisados os dados, as atividades serão realizadas em 11 (onze) encontros presenciais nos mês de abril de 2024, as terças e quintas-feiras das 7 h às 11h na sede Social “São João Batista, situada no quilombo São João do Urucurituba, onde será aplicado as oficina(as) participantes convidados(as).

2. Explicitação dos possíveis danos decorrentes da participação da pesquisa, providências e cautelas para evitá-los.

Esta pesquisa tem pode ocasionar de riscos aos agentes sociais concernetes a constrangimentos, por tratar de memórias de luta e sofrimento de negros escravizados que bucaram sua liberdade, até o agente se sentir confortavel diante da pesquisa. Nesse sentido não há como pontuar os possíveis ricos e danos. Não há riscos de caráter físico. Todos os riscos mínimos, uma vez acontecido, serão acolhidos de forma que o(a) participante tenha espaço de escuta em relação a situação acontecida, como também poderá retirar seu consentimento, assim como qualquer participante poderá retirar o consentimento em qualquer momento da realização das etapas da pesquisa, antes durante ou depois da execução, não gerando nenhum tipo de dano ou ônus ao participante

3. Da garantia de plena liberdade do participante da pesquisa para decidir sobre sua participação.

Em qualquer etapa desta pesquisa o(a) participante poderá recusar-se a participar, ou interromper a atividade que estiver participando, caso sinta-se desconfortável, constrangido(a) ou cansado(a).

4. Garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes

Apenas a pesquisadora, seu orientador e coorientadora terão acesso aos dados gerados. As informações obtidas durante a pesquisa não serão compartilhadas com estranhos ou terceiros. Os nomes dos e das participantes serão incluídos na pesquisa apenas se houver o aceite por escrito.

5. Acompanhamento, assistência e benefícios

A pesquisadora fará o acompanhamento durante todas as etapas da investigação através da realização práticas interdisciplinares na oferta da oficina e pesquisa etnográfica (campo), que acontecerá em 4 (quatro) encontros presenciais quinta, sexta, sábado e domingo abril 2024, das 7 às 11 h das 14h às 18h.

Uma vez concluída a pesquisa, os(as) participantes poderão estabelecer contato com a pesquisadora procurando diálogo e recomendação desde os resultados. O(a) participante da pesquisa receberá assistência imediata e integral de forma gratuita pelo tempo que for necessário caso acontecer algum problema que afete a integridade física e psicológica, os quais serão assumidos pela pesquisadora. Os dados coletados durante a pesquisa ficarão armazenados em segurança, sigilo e em posse exclusiva da pesquisadora; todo material que não for utilizado para fins de divulgação científica será destruído.

A participação na pesquisa trará benefícios direto aos(as) participantes pois, possibilitará a transcrição e escrita da história e memória do quilombo que serão direcionadas ao processo de reconhecimento como quilombola na instância Fundação Cultural Palmares, assim como outros órgãos.

9. Breve explicação sobre o que é o CEP

Conforme legislação brasileira as pesquisas realizadas com seres humanos são regidas pelo sistema CEP/CONEP, órgão diretamente ligado ao Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Este sistema regula os aspectos e condições éticas das pesquisas que envolvem seres humanos para garantir a proteção das pessoas que participam dos estudos.

O CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) é a instância máxima de avaliação ética, e o CEP (Comitês de Ética em Pesquisa) é a instância regional, com comitês espalhados por todo território brasileiro. O CEP da Universidade do Estado do Amazonas é o comitê que avaliará e autorizará a realização desta pesquisa, desde que sejam cumpridas todas as exigências legais.

Entre outras coisas, o CEP exige que os(as) participantes da pesquisa tenham pleno conhecimento de como se dará a realização do estudo e declaram ciência e aceite por meio do presente documento, que é o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Os itens a seguir visam explicar a pesquisa para seus e suas participantes.

10. O participante terá acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado

Este documento será impresso, rubricado em todas suas páginas e assinado ao final pelo(a) participante, pela pesquisadora e pelo orientador. Uma via ficará com o(a) participantes e a outra com a pesquisadora.

O início desta pesquisa está condicionado a aprovação do CEP/CONEP e logo após a assinatura do presente termo e do “Termo de autorização de uso de imagem e depoimentos” que também será entregue a todos(as) participantes da pesquisa.

Por fim, ao assinar este documento, você declara ter compreendido plenamente como esta pesquisa será realizada.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTOS E IMAGEM

Eu Vicência de J. Polares, identificado com o número do CPF: 672.066.542-17 depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou o uso do meu depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Edicleuza Costa Ribeiro, portadora do número de CPF 974.448.202-87, do projeto de pesquisa intitulado "São João do Urucurituba: memórias e histórias dos processos de territorialização quilombola, município de Barreirinha-Am" a realizar as fotos que se façam necessárias sem quaisquer ônus financeiro a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e do meu depoimento para os estudos nessa (dissertação) em favor da pesquisadora da pesquisa, acima especificada.

Manaus, Amazonas, Brasil, _____ de _____ 2024.

Participante da Pesquisa

Pesquisadora responsável pelo projeto



Documento assinado digitalmente
EDICLEUZA COSTA RIBEIRO
Data: 11/12/2024 15:50:0360
Verifique em: <https://validar.jb.gov.br>

Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT
Av. Leonardo Malcher, 1728 - Praça XIV de
Janeiro Ed. Professor Samuel Benchimol
CEP: 69010-170
Telefones (92) 3878-4411 / 3878-4423



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTOS E IMAGEM

Eu Eliane Mousa de Sá (s) identificado com o número do CPF: 778.509.621-02 depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou o uso do meu depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Edicleuza Costa Ribeiro, portadora do número de CPF 974.448.202-87, do projeto de pesquisa intitulado **“São João do Urucurituba: memórias e histórias dos processos de territorialização quilombola, município de Barreirinha-Am”** a realizar as fotos que se façam necessárias sem quaisquer ônus financeiro a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e do meu depoimento para os estudos nessa (dissertação) em favor da pesquisadora da pesquisa, acima especificada.

Manaus, Amazonas, Brasil, 04 de 01 2024.

Participante da Pesquisa

Pesquisadora responsável pelo projeto

Eliane Mousa de Sá

Documento assinado digitalmente
EDICLEUZA COSTA RIBEIRO
Data: 13/12/2024 20:43:50-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT
Av. Leonardo Malcher, 1728 - Praça XIV de
Janeiro Ed. Professor Samuel Benchimol
CEP: 69010-170
Telefones (92) 3878-4411 / 3878-4423



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTOS E IMAGEM

Eu Izabel dos Santos Calares, identificado com o número do CPF: 017.965.292.30 depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou o uso do meu depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Edicleuza Costa Ribeiro, portadora do número de CPF 974.448.202-87, do projeto de pesquisa intitulado "**São João do Urucurituba: memórias e histórias dos processos de territorialização quilombola, município de Barreirinha-Am**" a realizar as fotos que se façam necessárias sem quaisquer ônus financeiro a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e do meu depoimento para os estudos nessa (dissertação) em favor da pesquisadora da pesquisa, acima especificada.

Manaus, Amazonas, Brasil, 24 de 01 2024.

Participante da Pesquisa

Pesquisadora responsável pelo projeto

Izabel dos Santos Calares

Documento assinado digitalmente
gov.br
EDICLEUZA COSTA RIBEIRO
Data: 19/11/2024 20:42:59-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT
Av. Leonardo Malcher, 1728 - Praça XIV de
Janeiro Ed. Professor Samuel Benchimol
CEP: 69010-170
Telefones (92) 3878-4411 / 3878-4423





TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTOS E IMAGEM

Eu Juliana Teixeira Calves, identificado com o número do CPF: 235142642-87 depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou o uso do meu depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Edicleuza Costa Ribeiro, portadora do número de CPF 974.448.202-87, do projeto de pesquisa intitulado **“São João do Urucurituba: memórias e histórias dos processos de territorialização quilombola, município de Barreirinha-Am”** a realizar as fotos que se façam necessárias sem quaisquer ônus financeiro a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e do meu depoimento para os estudos nessa (dissertação) em favor da pesquisadora da pesquisa, acima especificada.

Manaus, Amazonas, Brasil, 24 de 11 2024.

Participante da Pesquisa

Pesquisadora responsável pelo projeto

Juliana Teixeira Calves

Documento assinado digitalmente
gov.br
EDICLEUZA COSTA RIBEIRO
Data: 19/12/2024 10:43:50-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT
Av. Leonardo Malcher, 1728 – Praça XIV de Janeiro Ed. Professor Samuel Benchimol
CEP: 69010-170
Telefones (92) 3878-4411 / 3878-4423



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTOS E IMAGEM

Eu Rabrin da Silva Andrade, identificado com o número do CPF: 025.997.522-36 depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou o uso do meu depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Edicleuza Costa Ribeiro, portadora do número de CPF 974.448.202-87, do projeto de pesquisa intitulado "São João do Urucurituba: memórias e histórias dos processos de territorialização quilombola, município de Barreirinha-Am" a realizar as fotos que se façam necessárias sem quaisquer ônus financeiro a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e do meu depoimento para os estudos nessa (dissertação) em favor da pesquisadora da pesquisa, acima especificada.

Manaus, Amazonas, Brasil, 14 de 11 2024.

Participante da Pesquisa

Pesquisadora responsável pelo projeto

Rabrin da Silva Andrade

Documento assinado digitalmente
gov.br EDICLEUZA COSTA RIBEIRO
Data: 19/12/2024 20:43:56-0300
Verifique em <https://validar.sil.gov.br>

Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT
Av. Leonardo Malcher, 1728 - Praça XIV de
Janeiro Ed. Professor Samuel Benchimol
CEP: 69010-170
Telefones (92) 3878-4411 / 3878-4423



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTOS E IMAGEM

Eu Marley da Silva Fração, identificado com o número do CPF: 737.171.342-22 depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou o uso do meu depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Edicleuza Costa Ribeiro, portadora do número de CPF 974.448.202-87, do projeto de pesquisa intitulado "São João do Urucurituba: memórias e histórias dos processos de territorialização quilombola, município de Barreirinha-Am" a realizar as fotos que se façam necessárias sem quaisquer ônus financeiro a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e do meu depoimento para os estudos nessa (dissertação) em favor da pesquisadora da pesquisa, acima especificada.

Manaus, Amazonas, Brasil, 24 de 11 2024.

Participante da Pesquisa

Pesquisadora responsável pelo projeto

marley da Silva Fração

Documento assinado digitalmente
EDICLEUZA COSTA RIBEIRO
Data: 23/11/2024 09:43:59-0300
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT
Av. Leonardo Malcher, 1728 - Praça XIV de
Janeiro Ed. Professor Samuel Benchimol
CEP: 69010-170
Telefones (92) 3878-4411 / 3878-4423





TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTOS E IMAGEM

Eu DENILSON CONCEIÇÃO CORRÊA identificado com o número do CPF: 034.084.802-69 depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou o uso do meu depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Edicleuza Costa Ribeiro, portadora do número de CPF 974.448.202-87, do projeto de pesquisa intitulado **“São João do Urucurituba: memórias e histórias dos processos de territorialização quilombola, município de Barreirinha-Am”** a realizar as fotos que se façam necessárias sem quaisquer ônus financeiro a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e do meu depoimento para os estudos nessa (dissertação) em favor da pesquisadora da pesquisa, acima especificada.

Manaus, Amazonas, Brasil, 24 de 11 2024.

Participante da Pesquisa

Pesquisadora responsável pelo projeto

DENILSON, C. CORRÊA

gov.br Documento assinado digitalmente
EDICLEUZA COSTA RIBEIRO
Data: 19/12/2023 20:43:59-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT
Av. Leonardo Malcher, 1728 - Praça XIV de Janeiro Ed. Professor Samuel Benchimol
CEP: 69010-170
Telefones (92) 3878-4411 / 3878-4423



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTOS E IMAGEM

Eu Dalmir Farias Andrade, identificado com o número do CPF: 963.737.262-20 depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou o uso do meu depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Edicleuza Costa Ribeiro, portadora do número de CPF 974.448.202-87, do projeto de pesquisa intitulado **“São João do Urucurituba: memórias e histórias dos processos de territorialização quilombola, município de Barreirinha-Am”** a realizar as fotos que se façam necessárias sem quaisquer ônus financeiro a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e do meu depoimento para os estudos nessa (dissertação) em favor da pesquisadora da pesquisa, acima especificada.

Manaus, Amazonas, Brasil, 24 de 11 2024.

Participante da Pesquisa

Pesquisadora responsável pelo projeto

Dalmir Farias Andrade

Documento assinado digitalmente
gov.br
EDICLEUZA COSTA RIBEIRO
Data: 15/12/2024 20:43:50-0300
Verifique em <https://validar.sic.gov.br>

Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT
Av. Leonardo Malcher, 1728 - Praça XIV de
Janeiro Ed. Professor Samuel Benchimol
CEP: 69010-170
Telefones (92) 3878-4411 / 3878-4423



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTOS E IMAGEM

Eu Francisco monteiro da Silva identificado com o número do CPF: 866.223.662-68 depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou o uso do meu depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Edicleuza Costa Ribeiro, portadora do número de CPF 974.448.202-87, do projeto de pesquisa intitulado "**São João do Urucurituba: memórias e histórias dos processos de territorialização quilombola, município de Barreirinha-Am**" a realizar as fotos que se façam necessárias sem quaisquer ônus financeiro a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e do meu depoimento para os estudos nessa (dissertação) em favor da pesquisadora da pesquisa, acima especificada.

Manaus, Amazonas, Brasil, 24 de 11 2024.

Participante da Pesquisa

Pesquisadora responsável pelo projeto

Francisco monteiro da Silva

Documento assinado digitalmente
EDICLEUZA COSTA RIBEIRO
Data: 19/12/2024 20:43:50-0300
Verifique em <https://validar.ig.gov.br>

Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT
Av. Leonardo Malcher, 1728 - Praça XIV de
Janeiro Ed. Professor Samuel Benchimol
CEP: 69010-170
Telefones (92) 3878-4411 / 3878-4423



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Participante:
Eu, Vicente de Jesus Colares, concordo em participar voluntariamente da pesquisa SÃO JOÃO DO URUCURITUBA: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DOS PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO QUILOMBOLA, MUNICÍPIO DE BARREIRINHA-AM, estou ciente dos procedimentos, o que terei que fazer, bem como os riscos, benefícios e segurança de minha participação.


Declaro que me foi explicado que as informações que fornecerei contribuirão para o fazer científico, e que posso me recusar a participar do estudo, retirar meu consentimento ou deixar de responder a quaisquer questionamentos.

Tendo sido orientado(a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de quaisquer dúvidas relativas à pesquisa posso procurar informações e/ou ajuda a qualquer momento com a pesquisadora através do contato (92) 99211-4519 ou do endereço eletrônico ecr.mic23@uea.edu.br em horário e dia comercial quando ocorrência comum ou, em qualquer horário e dia quando caráter de urgência ou, com o Comitê de Ética em Pesquisa.

Nome do participante	
	
Assinatura do participante	Data: ____/____/____

Eu, Edicleuza Costa Ribeiro, declaro cumprir as exigências contidas nos itens IV.3 e IV.4, da Resolução nº 466/2012 MS.

 Documento assinado digitalmente EDICLEUZA COSTA RIBEIRO DATA: 19/11/2024 20:43:50-0300 Verifique em https://validar.it.gov.br	
Assinatura da Pesquisadora	Data: ____/____/____



Participante:
 Eu, Izabel dos Santos Calvores, concordo em participar voluntariamente da pesquisa SÃO JOÃO DO URUCURITUBA: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DOS PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO QUILOMBOLA, MUNICÍPIO DE BARREIRINHA-AM, estou ciente dos procedimentos, o que terei que fazer, bem como os riscos, benefícios e segurança de minha participação.


Declaro que me foi explicado que as informações que fornecerei contribuirão para o fazer científico, e que posso me recusar a participar do estudo, retirar meu consentimento ou deixar de responder a quaisquer questionamentos.

Tendo sido orientado(a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de quaisquer dúvidas relativas à pesquisa posso procurar informações e/ou ajuda a qualquer momento com a pesquisadora através do contato (92) 99211-4519 ou do endereço eletrônico ecr.mic23@uea.edu.br em horário e dia comercial quando ocorrência comum ou, em qualquer horário e dia quando caráter de urgência ou, com o Comitê de Ética em Pesquisa.

<u>Izabel dos Santos Calvores</u> Nome do participante	
<u>Izabel dos Santos Calvores</u> Assinatura do participante	Data: <u>24 / 11 / 2024</u>

Eu, Edicleuza Costa Ribeiro, declaro cumprir as exigências contidas nos itens IV.3 e IV.4, da Resolução nº 466/2012 MS.

 Documento assinado digitalmente: EDICLEUZA COSTA RIBEIRO Data: 10/12/2024 20:43:59-0300 Verifique em https://validar.it.gov.br	Assinatura da Pesquisadora Data: ____ / ____ / ____
--	--



Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT
 Av. Leonardo Malcher, 1728 – Praça XIV de janeiro
 Ed. Professor Samuel Benchimol
 CEP: 69010-170
 Telefones (92) 3878-4411 / 3878-4423





Participante:
 Eu, Julesma Teixeira Colares, concordo em participar voluntariamente da pesquisa SÃO JOÃO DO URUCURITUBA: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DOS PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO QUILOMBOLA, MUNICÍPIO DE BARREIRINHA-AM, estou ciente dos procedimentos, o que terei que fazer, bem como os riscos, benefícios e segurança de minha participação.


Declaro que me foi explicado que as informações que fornecerei contribuirão para o fazer científico, e que posso me recusar a participar do estudo, retirar meu consentimento ou deixar de responder a quaisquer questionamentos.

Tendo sido orientado(a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de quaisquer dúvidas relativas à pesquisa posso procurar informações e/ou ajuda a qualquer momento com a pesquisadora através do contato (92) 99211-4519 ou do endereço eletrônico ecr.mlc23@uea.edu.br em horário e dia comercial quando ocorrência comum ou, em qualquer horário e dia quando caráter de urgência ou, com o Comitê de Ética em Pesquisa.

<u>Julesma Teixeira Colares</u> Nome do participante	
<u>Julesma Teixeira Colares</u> Assinatura do participante	Data: <u>24 / 11 / 2024</u>

Eu, Edicleuza Costa Ribeiro, declaro cumprir as exigências contidas nos itens IV.3 e IV.4, da Resolução nº 466/2012 MS.

 Documento assinado digitalmente EDICLEUZA COSTA RIBEIRO Data: 19/12/2024 20:43:59 -0300 Verifique em https://validar.it.gov.br	Data: ____ / ____ / ____
Assinatura da Pesquisadora	



Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT
 Av. Leonardo Malcher, 1728 - Praça XIV de janeiro
 Ed. Professor Samuel Benchimol
 CEP: 69010-170
 Telefones (92) 3678-4411 / 3678-4423





Participante:
 Eu, Dalvin da Silva Andrade, concordo em participar voluntariamente da pesquisa SÃO JOÃO DO URUCURITUBA: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DOS PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO QUILOMBOLA, MUNICÍPIO DE BARREIRINHA-AM, estou ciente dos procedimentos, o que terei que fazer, bem como os riscos, benefícios e segurança de minha participação.


Declaro que me foi explicado que as informações que fornecerei contribuirão para o fazer científico, e que posso me recusar a participar do estudo, retirar meu consentimento ou deixar de responder a quaisquer questionamentos.

Tendo sido orientado(a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de quaisquer dúvidas relativas à pesquisa posso procurar informações e/ou ajuda a qualquer momento com a pesquisadora através do contato (92) 99211-4519 ou do endereço eletrônico ecr.mic23@uea.edu.br em horário e dia comercial quando ocorrência comum ou, em qualquer horário e dia quando caráter de urgência ou, com o Comitê de Ética em Pesquisa.

<u>Dalvin da Silva Andrade</u> Nome do participante	
<u>Dalvin da Silva Andrade</u> Assinatura do participante	Data: <u>14 / 11 / 2024</u>

Eu, Edicleuza Costa Ribeiro, declaro cumprir as exigências contidas nos itens IV.3 e IV.4, da Resolução nº 466/2012 MS.

 Documento assinado digitalmente EDICLEUZA COSTA RIBEIRO Data: 15/12/2024 20:43:56-0300 Verifique em https://validar.jf.gov.br	
Assinatura da Pesquisadora	Data: ____ / ____ / ____



Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT
 Av. Leonardo Malcher, 1728 – Praça XIV de janeiro
 Ed. Professor Samuel Benchimol
 CEP: 69010-170
 Telefones (92) 3878-4411 / 3878-4423





Participante:
 Eu, Marley da Silva Frazão, concordo em participar voluntariamente da pesquisa SÃO JOÃO DO URUCURITUBA: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DOS PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO QUILOMBOLA, MUNICÍPIO DE BARREIRINHA-AM, estou ciente dos procedimentos, o que terei que fazer, bem como os riscos, benefícios e segurança de minha participação.

Declaro que me foi explicado que as informações que fornecerei contribuirão para o fazer científico, e que posso me recusar a participar do estudo, retirar meu consentimento ou deixar de responder a quaisquer questionamentos.

Tendo sido orientado(a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de quaisquer dúvidas relativas à pesquisa posso procurar informações e/ou ajuda a qualquer momento com a pesquisadora através do contato (92) 99211-4519 ou do endereço eletrônico ecr.mic23@uea.edu.br em horário e dia comercial quando ocorrência comum ou, em qualquer horário e dia quando caráter de urgência ou, com o Comitê de Ética em Pesquisa.

<u>Marley da Silva Frazão</u> Nome do participante	
<u>Marley da Silva Frazão</u> Assinatura do participante	Data: <u>24/11/2024</u>

Eu, Edicleuza Costa Ribeiro, declaro cumprir as exigências contidas nos itens IV.3 e IV.4, da Resolução nº 466/2012 MS.

 Documento assinado eletronicamente EDICLEUZA COSTA RIBEIRO Data: 19/12/2024 20:43:56-0300 Verifique em https://validar.it.gov.br	Data: ____/____/____
Assinatura da Pesquisadora	



Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT
 Av. Leonardo Malcher, 1728 – Praça XIV de Janeiro
 Ed. Professor Samuel Benchimol
 CEP: 69010-170
 Telefones (92) 3878-4411 / 3878-4423





Participante:
 Eu, DEMILSON CONCEIÇÃO CORRÊA, concordo em participar voluntariamente da pesquisa SÃO JOÃO DO URUCURITUBA: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DOS PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO QUILOMBOLA, MUNICÍPIO DE BARREIRINHA-AM, estou ciente dos procedimentos, o que terei que fazer, bem como os riscos, benefícios e segurança de minha participação.


Declaro que me foi explicado que as informações que fornecerei contribuirão para o fazer científico, e que posso me recusar a participar do estudo, retirar meu consentimento ou deixar de responder a quaisquer questionamentos.

Tendo sido orientado(a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de quaisquer dúvidas relativas à pesquisa posso procurar informações e/ou ajuda a qualquer momento com a pesquisadora através do contato (92) 99211-4519 ou do endereço eletrônico ecr.mic23@uea.edu.br em horário e dia comercial quando ocorrência comum ou, em qualquer horário e dia quando caráter de urgência ou, com o Comitê de Ética em Pesquisa.

<u>DEMILSON CONCEIÇÃO CORRÊA</u> Nome do participante	
<u>DEMILSON CONCEIÇÃO CORRÊA</u> Assinatura do participante	Data: <u>24 / 11 / 2024</u>

Eu, Edicleuza Costa Ribeiro, declaro cumprir as exigências contidas nos itens IV.3 e IV.4, da Resolução nº 466/2012 MS.

 <small>Documento assinado digitalmente</small> <small>EDICLEUZA COSTA RIBEIRO</small> <small>Data: 19/12/2024 20:48:50-0300</small> <small>Verifique em https://validar.it.gov.br</small>	
Assinatura da Pesquisadora	Data: ____ / ____ / ____



Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT
 Av. Leonardo Malcher, 1728 – Praça XIV de Janeiro
 Ed. Professor Samuel Benchimol
 CEP: 69010-170
 Telefones: (92) 3878-4411 / 3878-4423





Participante:
Eu Francisco Monteiro da Silva, concordo em participar voluntariamente da pesquisa SÃO JOÃO DO URUCURITUBA: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DOS PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO QUILOMBOLA, MUNICÍPIO DE BARREIRINHA-AM, estou ciente dos procedimentos, o que terei que fazer, bem como os riscos, benefícios e segurança de minha participação.

Declaro que me foi explicado que as informações que fornecerei contribuirão para o fazer científico, e que posso me recusar a participar do estudo, retirar meu consentimento ou deixar de responder a quaisquer questionamentos.

Tendo sido orientado(a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de quaisquer dúvidas relativas à pesquisa posso procurar informações e/ou ajuda a qualquer momento com a pesquisadora através do contato (92) 99211-4519 ou do endereço eletrônico ecr.mic23@uea.edu.br em horário e dia comercial quando ocorrência comum ou, em qualquer horário e dia quando caráter de urgência ou, com o Comitê de Ética em Pesquisa.

<u>Francisco Monteiro da Silva</u> Nome do participante	
<u>Francisco Monteiro da Silva</u> Assinatura do participante	Data: <u>24 / 11 / 2024</u>

Eu, Edicleuza Costa Ribeiro, declaro cumprir as exigências contidas nos itens IV.3 e IV.4, da Resolução nº 466/2012 MS.

 Documento assinado digitalmente EDICLEUZA COSTA RIBEIRO Data: 19/12/2024 20:43:50-0300 Verifique em https://validar.jr.gov.br	
Assinatura da Pesquisadora	Data: ____ / ____ / ____



Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT
Av. Leonardo Malcher, 1728 - Praça XIV de janeiro
Ed. Professor Samuel Benchimol
CEP: 69010-170
Telefones (92) 3878-4411 / 3878-4423





Participante:
Eu, Eliane Moura dos Santos, concordo em participar voluntariamente da pesquisa SÃO JOÃO DO URUCURITUBA: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DOS PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO QUILOMBOLA, MUNICÍPIO DE BARREIRINHA-AM, estou ciente dos procedimentos, o que terei que fazer, bem como os riscos, benefícios e segurança de minha participação.

Declaro que me foi explicado que as informações que fornecerei contribuirão para o fazer científico, e que posso me recusar a participar do estudo, retirar meu consentimento ou deixar de responder a quaisquer questionamentos.

Tendo sido orientado(a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de quaisquer dúvidas relativas à pesquisa posso procurar informações e/ou ajuda a qualquer momento com a pesquisadora através do contato (92) 99211-4519 ou do endereço eletrônico ecr.mic23@uea.edu.br em horário e dia comercial quando ocorrência comum ou, em qualquer horário e dia quando caráter de urgência ou, com o Comitê de Ética em Pesquisa.

<u>Eliane Moura dos Santos</u> Nome do participante	
<u>Eliane Moura dos Santos</u> Assinatura do participante	Data: <u>04/05/2025</u>

Eu, Edicleuza Costa Ribeiro, declaro cumprir as exigências contidas nos itens IV.3 e IV.4, da Resolução nº 466/2012 MS.

 Documento assinado digitalmente EDICLEUZA COSTA RIBEIRO Data: 19/12/2024 20:43:50 -0300 Verifique em https://validar.it.gov.br	
Assinatura da Pesquisadora	Data: ____/____/____

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTOS E IMAGEM

Eu Dalmir Farias Andrade, identificado com o número do CPF: 963.737.262-20 depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou o uso do meu depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Edicleuza Costa Ribeiro, portadora do número de CPF 974.448.202-87, do projeto de pesquisa intitulado "São João do Urucurituba: memórias e histórias dos processos de territorialização quilombola, município de Barreirinha-Am" a realizar as fotos que se façam necessárias sem quaisquer ônus financeiro a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e do meu depoimento para os estudos nessa (dissertação) em favor da pesquisadora da pesquisa, acima especificada.

Manaus, Amazonas, Brasil, 24 de 11 2024.

Participante da Pesquisa

Pesquisadora responsável pelo projeto

Dalmir Farias Andrade

Documento assinado digitalmente
gov.br
EDICLEUZA COSTA RIBEIRO
Data: 25/12/2024 20:43:58-0300
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Escola Superior de Artes e Turismo - ESAT
Av. Leonardo Malcher, 1728 - Praça XIV de
Janeiro Ed. Professor Samuel Benchimol
CEP: 69010-170
Telefones (92) 3878-4411 / 3878-4423



CARTA DE ANUÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO ARQSJU



ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES QUILOMBOLAS DO SÃO JOÃO DO URUCURITUBA

ANEXO 2: CARTA DE ANUÊNCIA

Declaro para os devidos fins que a coordenação da Associação dos Remanescentes Quilombolas do São João do Urucurituba-ARQSJU, situada no quilombo São João do Urucurituba, município de Barreirinha-Amazonas está de acordo com a realização da pesquisa de campo, execução de oficinas e realização de entrevistas com os remanescentes quilombolas, ações que compõem o projeto de pesquisa: "São João do Urucurituba: memórias e histórias dos processos de territorialização quilombola, Barreirinha-Am.

Este projeto será desenvolvido no centro social São João Batista, situado no quilombo São João do Urucurituba. As atividades serão realizadas nos dias de terça-feira e quinta-feira das sete horas às 11 horas da manhã no meses de fevereiro e março. Podendo estender por mais meses dependendo da necessidade da pesquisa. A pesquisa será coordenada por Edicleuza Costa Ribeiro, RG N° 2207016-8, CPF N° 974448202-87, discente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH-UEA, matrícula N° 2294930010, sob a orientação do Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida e coorientação de Maria Magela Mafra de Andrade Ranciaro.

Barreirinha-AM, 22 de dezembro de 2023.

Denilson Conceição Corrêa

Presidente da ARQSJU

CNPJ:47.916.889.0001-12

DENILSON

CONCEIÇÃO CORRÊA

ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES
QUILOMBOLAS DO SÃO JOÃO DO
URUCURITUBA
ARQSJU
130491-2
CNPJ: 47.916.889/0001-12

End: Comunidade São João Batista, Paraná do Urucurituba, Município de Barreirinha/Am.
E-mail: ARQSjoaodourucurituba@gmail.com

CARTA MARLEY DA SILVA FRAZÃO

A história do meu Bisavô José Raimundo da Silva

Seu José Raimundo da Silva, veio da África em um navio que transportava escravos junto com ele vieram vários escravos, alguns deles morriam de fome e sede durante a longa viagem por ficarem com raiva por estarem presos, e quando mortos seus corpos eram jogados fora do navio, que no caso era na água, e chegando ao Maranhão seu José Raimundo e seus companheiros foram vendidos a um fazendeiro onde logo após a compra foram feridos com ferro do fazendeiro dando a ele o poder sobre eles, naquele tempo os escravos eram feridos que nem gado de agora para não se misturarem com da outra fazenda.

Em um dia de trabalho eles estavam carregando umas sacas de café, onde seu companheiro de trabalho devido a sua idade ele tropeçou com o sac de café e caiu no chão, e seu patrão ficou muito bravo e ordenou os demais a darem várias e várias chicotadas e ele não resistiu e morreu e seu José Raimundo pensou que, já que estavam fazendo aquilo com o parceiro dele, poderiam também fazer com ele e então ele fugiu e viajou tanto que chegou em lugar chamado Vila Amazonia, chegando lá conheceu uma moça



chamada Maria Raimunda da Silva, onde eles
construíram uma família onde nasceu Pedro
Antônio da Silva que é meu avô e quando
ele estava rapaz veio uma doença chamado
Paludismo que matou muita gente e na
casa de José Raimundo eles eram quatro
pessoas, ele e sua esposa, meu avô Pedro e
um senhor que morava com eles, e seu José
e sua esposa pegaram a doença e morreram
e só ficaram os dois Pedro e o senhor que
morava com eles, mas o parceiro de Pedro
também pegou a doença e então ele
ficou isolado, Pedro foi o único que não
pegou a doença e então ele que fazia os
deveres de casa, como pescar e fazer comida
quando Pedro chegava da pescaria ele
fazia comida e colocava na ponta de uma
vara para dar para o parceiro dele que
estava fraco devido a doença e não resistiu
e morreu, e como ele ficou sozinho recebeu
comer terra viajou tanto onde chegou no
Curiatá lá ele conheceu a família de seu
Francisco Zacarias Monteiro e de dona ~~Maria~~
Iseldina Mendoca, onde Pedro começou a gostar
de uma de suas filhas que se chamava Maria
Monteiro, só que seus vizinhos sempre avisava
que seu Zacarias era um homem muito
severo, mas Pedro sempre respeitou Maria, chegou
um dia que seu Zacarias recebeu fazer
um repado onde Pedro foi participar, fizeram



O roçado e queimaram, quando chegou o dia da plantação levaram mulheres e crianças para ajudar a plantar, só que no roçado tinha uma árvore grande onde morava um Gavião-real e um dia da plantação as crianças animadas não se deram conta que estavam perto da árvore, quando de repente ouviram gritos e seu Zacarias olhou era o gavião-real querendo levar umas das crianças e rapidamente seu Zacarias pegou sua flecha e o flechou matando o gavião-real e depois de morto seu Zacarias continuou a bater, bateu muito mesmo morto, depois disse seu Zacarias queimou o gavião-real depois aguntou suas cinzas e jogou no meio do rio Andaraí, e falou: É aqui que tu me paga e que tu fizeste meu meu filho, e aí os vizinhos de Pedro disseram a ele, está vendo como ele é bravo, e Pedro pensar consigo mesmo ele não vai deixar eu ficar com a sua filha devisto ele ser um viajante e então eles fugiram, a noite eles atravessaram o rio Andaraí e foram parar no Lago Preto, onde eles construíram sua família onde tiveram nove filhos, um deles é Francisco Monteiro da Silva que vem ser o meu Pai.



CARTA CONAQ

Carta política do I Encontro Estadual das Comunidades Quilombolas do Amazonas "Quilombolas do Amazonas: Nenhum Direito A Menos!"

Nós quilombolas do Estado do Amazonas reunidos nos dias 16, 17 e 18 de setembro nas florestas do município de Itacoatiara - Terra da Pedra Pintada - banhada pelo Rio Amazonas e as margens do Lago de Serpa, abrigados pela Associação Comunitária Quilombola Sagrado Coração de Jesus do Lago de Serpa, buscamos fazer o enfrentamento à invisibilidade dos negros e suas comunidades quilombolas no Amazonas.

Em honra aos que vieram antes de nós e por aqueles que ainda virão, nos comprometemos a lutar pelo bem viver dos povos quilombolas, reivindicando:




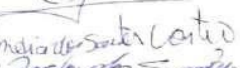
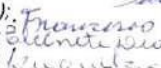
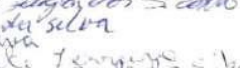
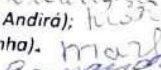
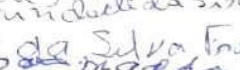


- Titulação dos territórios quilombolas certificados no Amazonas;
- Identificação de territórios quilombolas incidentes em municípios do Amazonas;
- Implementação de políticas públicas voltadas à população quilombola com a participação do poder público;
- Valorização da cultura e espiritualidade do povo negro quilombola;
- Lutar contra a intolerância religiosa e contra o preconceito com as religiões de matriz africana;
- Fazer o combate ao preconceito em todas as suas formas e ao racismo, assim como atuar no enfrentamento ao machismo, buscar a equidade de gênero, o fortalecimento das mulheres quilombolas nos espaços de decisão e o respeito à comunidade LGBTQIA+;
- Promover ações, iniciativas, projetos e políticas públicas voltadas à juventude negra, que a proteja da falta de expectativa, da vulnerabilidade social, da violência e do genocídio da juventude negra.

Ao criarmos à Coordenação Estadual do Amazonas da Conaq – Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas - neste I Encontro Estadual das Comunidades Quilombolas do Amazonas, afirmamos a presença das comunidades quilombolas amazonenses (rurais e urbanas), seus direitos e sua participação na luta socioambiental e pela preservação dos patrimônios materiais e imateriais.

As comunidades quilombolas, assim como os povos indígenas, são fundamentais para a preservação do meio ambiente e para a manutenção da Amazônia viva. É importante que a sociedade brasileira saiba que o Amazonas também é preto!

Neste dia 17 de setembro de 2022, juntamos nossa voz no Quilombo Sagrado Coração de Jesus do Lago de Serpa, neste momento histórico para os quilombolas do Amazonas para afirmar que "O Amazonas preto exige: nenhum direito a menos!".

Nós quilombolas do Amazonas das seguintes comunidades assinamos essa carta:

- Quilombo do Tambor – Município de Novo Airão (zona rural); 
- Quilombo Urbano do Barranco de São Benedito – Segundo quilombo urbano do Brasil, Manaus; 
- Quilombo Santa Teresa do Matupiri (Município de Barreirinha, rio Andará); 
- Quilombo de Boa Fé (Município de Barreirinha, rio Andará); 
- Quilombo de São Pedro (Município de Barreirinha, rio Andará); 
- Quilombo de Trindade (Município de Barreirinha, rio Andará); 
- Quilombo de Ituquara (Município de Barreirinha, rio Andará); 
- Quilombo de São Paulo do Açú (Município de Barreirinha, rio Andará); 
- Quilombo de São João do Urucurituba (Município de Barreirinha); 
- Quilombo de Sagrado Coração de Jesus do Lago de Serpa. 

Ata de Fundação, Eleição e Posse da
Associação dos Remanescentes de Quilombolas de São
João do Urucurituba - ARQSU.

Aos 27 (vinte e sete) dias do mês de Março do ano de 2016, reuniram-se em sede provisória da Comunidade de São João do Urucurituba, sob a presidência do Professor Julismã Teixeira Colares, os comunitários de São João do Urucurituba e da localidade Sgarape do Mato da mesma região, remanescente de Quilombolas para formalizar e qualificar nos termos da Lei Associação dos Remanescentes de Quilombolas da Comunidade de São João do Urucurituba, Município de Barrurinha / GM, com a finalidade de buscar igualmente reconhecimento pela Legislação Brasileira e assim requerer o que lhes é de direito, sabendo que a nação Brasileira possui uma dívida muito grande com os escravos, hoje reconhecidos como Quilombolas e seus remanescentes. O professor Julismã Teixeira Colares presidente da Assembleia iniciou de suas experiências em participações em oficinas, palestras e conferências, inclusive fora do Estado de Amazonas, tratando de assuntos pertinentes ao povo Quilombola, lembrando ainda que os presentes já haviam discutido em Assembleia anterior onde foi votada e aprovada a data de Fundação desta Associação, sendo 29 (vinte e nove) de agosto de 2010, não sendo formalizada igualmente a entidade naquela data, mais conforme a vontade da Assembleia a data de fundação será qualificada em 29 (vinte e nove) de agosto de 2010, em seguida alguns presentes se manifestaram concordando com a data em questão, e agradecendo o professor Julismã pelo empenho em dar continuidade a luta pelos direitos dos Quilombolas, em seguida o

ITAMONTE DO Povo SANTOS
1980, P. 11
Ass. Arq. Su.
Ata 01/2016

senhor Sernando Serruira da Silva, falou em nome dos companheiros moradores da localidade do Sagarapi do Mato expondo com suas palavras a importancia das formalizações da entidade para representar o povo remanescentes de quilombola desta região. Em seguida o professor Julismã Teixeira Colares, suspendeu os trabalhos por 10 (dez) minutos para que fosse organizada a Eleição da primeira diretoria e aprovação do Estatuto Social já previamente discutido. Na reabertura dos trabalhos foi convidado o senhor Sr. Paulo Brandão Beltrão, Bacharel em Ciências Contábeis, para presidir o pleito, tendo em vista que o professor Julismã era pretense candidato, em seguida o presidente da mesa o senhor Sr. Paulo agradeceu o convite e falou que estava muito feliz em participar deste momento histórico, ao iniciar o pleito foi verificado junto ao secretário a lista dos presentes, e as chapas apresentadas até o momento, foi constatado o registro de uma única chapa, perguntado pelo presidente aos presentes se não havia mais alguém interessado em apresentar chapa para concorrer o pleito, não havendo foi colocada em votação a chapa única, assim constituída: Presidente Julismã Teixeira Colares; Vice Presidente: Marley da Silva Graça; Secretário: Jander de Souza Colares; suplente: Marcelo da Silva Graça. Tesoureiro: Sr. Balista Moreira da Silva, suplente: Francisco dos Santos Colares, Conselho Fiscal: Titulares: Paulo Bismark da Silva Ribeiro, Sernando Pereira da Silva, Messias Augusto Serruira Lima; Conselheiros Suplentes: Edilene Bentes da Silva, Alay de Jesus Reis, Osvaldo dos Santos Colares, ao termino da votação que teve seu inicio as 09:00 horas e encerramento as 16:00 horas conforme Edital de Convocação, o presidente da mesa iniciou a contagem dos votos chegando num total de 67 votos validos, sem abstenção ou voto nulo,

sendo Declarada a Chapa Branca assim constituída: Presi-
dente: Julesma Teixeira Colares; Vice Presidente: Marley da
Silva Souza; Secretario Jander de Souza Colares; suplente;
Marcilio da Silva Souza, Tesoureiro: Joao Batista Pereira
da Silva, suplente: Francisco dos Santos Colares, Conselho
Fiscal - Titulares: Paulo Bernart da Silva Ribeiro, Fernan-
do Pereira da Silva, Merissa Augusto Ferreira Lima,
Conselheiros suplentes: Edilene Ventes da Silva, Aley de Jesus
Alis, Donald dos Santos Colares, que terá seu mandato
iniciando nesta data 27 de março de 2016 e encerrando
em 27 de março de 2020. Assim o presidente da mesa
declarou Branca a Chapa única concorrente e convocou os
eleitos a tomarem seus lugares a mesa e assinarem
o Termo de Posse, seguindo assim a assembleia com a
Diretoria eleita e empossada o senhor Presidente Julesma
Teixeira Colares, que dirigiu a palavra aos presentes agra-
dando em nome de sua diretoria a Deus e todos
os lutadores desta causa, lembrando do seu avô e pai
que chegaram refugiados nesta região deixando um leg-
ado de muita luta e perseverancia, prometendo dar tudo
para o reconhecimento e respeito da sociedade, e os
direitos sociais chegam aos nossos irmãos remanescen-
tes de quilombolas desta região. Em seguida foi colo-
cado em votação o Estatuto Social da Entidade, que já
havia sido discutido e também a Razão Social - Associa-
ção dos Remanescentes de Quilombolas de São João
do Urucurituba - ARQSU, aprovados por unanimi-
dade. Perguntado se havia mais alguma assunto a
ser tratado, não havendo mais o senhor Presidente agra-
deceu a todos e deu por encerrado, eu Jander de
Souza Colares, secretario eleito e empossado redigiu a
presente Ata.

* Julesma Teixeira Colares. 235142642-87

- * Nalim da Silva Antade CPF 02199752216
- Olina Santos Gomes CPF 0324316292
- Arvaldo dos Santos Colares CPF 032 801 932 14
- maria s. m. 10550214
- Ana Inocência Maria da Silva
- Estabete Lúcia Colares
- Raulo Bismarck da Silva Ribeiro CPF 002.144.452-83
- Alcir de Jesus Reis
- maria tomaz moreira da silva 785-267-952-87
- Maria Natalícia dos Santos
- Ana Jovina da Silva Ribeiro
- Maria Kátia Lopes Valente
- Cláudia dos Santos Colares 036.646.332-95
- Bernadete Pereira dos Santos
- marcelo dos Santos Colares 034.99196239
- Lucivaldo Silva dos Santos
- fundação dos Santos Reis
- Elisavete Maria dos Santos 778.309.622-00
- Aldemir Colares dos Santos
- Maria das Graças Azevedo da Silva
- Eugênia dos Santos Colares 048.019.442-48
- Francisco dos Santos Colares
- Naíba dos Santos Colares. 050-748-932-24
- David Colares Marques 693330762-04
- Regiane dos Santos Colares 071.957.802-79
- Almeida Santos Maria da Conceição 021-930.152-30
- Maria de Jesus Pauleta
- Maria Benedita Colares Marques 160 685482-87
- Raiane da Silva Colares 542-555 752-53
- Deise da Silva Colares 021.792.472-73
- Francisca dos Santos Colares 028.038.902-75
- Eziel dos Santos Ramos 056.073.812 95
- Dirlei da Silva Colares 021.792.542-10
- Quirina da Silva Colares 050.916.992-95

PAULO BERTINI DOS SANTOS
 Advogado e Escritor

Edson Pereira Simas CPF 016.484.982-30³
 Emelina Bentes Simas CPF 807.826.472-00
 Vanildo Moreira da Silva CPF 021.792.272-48
 Moisés Lima Correia CPF 542.434.402-04
 Mercedes Augusto Lima CPF 848.819.632-53
 DEMILSON CONCEIÇÃO CORREA CPF 034.048.802-69
 Julison dos Santos Calves CPF 011.229.882-00
 Ana Paula da Silva Ribeiro CPF 008.073.562-42
 Ana Beatriz Carvalho da Menezes CPF 023.376.292-28
 Izabel dos Santos Calves CPF 017.965.292-30
 Marley da Silva Fragão CPF 737.171.342-72

SERVIÇO REGISTRAL-RCPJ-BARREIRINHA-AM

Apresentado no dia 01 de setembro de 20
 Protocolado no livro A-3 sub o n° 497 fls. 167
 Registrado no livro A-15 sub o n° R-138 fls. 1651167
 Averbado no livro -x- sub o n° -x- fls. -x-

Barreirinha, 01 de setembro de 20.

ÍTALO BELTRÃO DOS SANTOS
 Notário e Registrador Autorizado do
 Ato nº 01/2012-SEJ

SELO ELETRÔNICO TJAM SELO
 INSCPJ0043177WBKTGBIK9KTH30, Valor do ato: R\$
 328,20. Parte(s): ASSOCIAÇÃO DOS
 REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS DA
 COMUNIDADE SÃO JOÃO DO URUCURITUBA, NE,
 Consulte o selo em
<https://cidadao.pornot.com.br/> ou através do QR
 Code

As 7: hs da manhã, dia 05.12.2020 foi realizada uma programação na Comunidade de São João do Urucurituba, com o objetivo de dar a continuidade junto com outras Comunidades pertencentes a esta Associação Quilombola que fica

A programação desta teve os seguintes determinações:

- As 7: hs: Café da manhã
- As 9: hs: chegada da Comissão da Secretaria de Educação e Pedagogia Quilombola
- As 10. hs: Reunião com as Comunidades adjacentes em geral, que tem como palestrantes Os sr. Torcício dos Santos Castro e Gulesmã Teixeira de Colares

Assuntos debatidos:

- Educação das Comunidades Quilombolas de São João do Urucurituba
- Saúde
- Associação Quilombola da Comunidade de São João do Urucurituba

As 12.30 hs: Almoço

As 13.30 hs: reinício das atividades Comunitária

As 16. hs: término: Dança do bumbum.

Assuntos debatidos:

- * Educação Quilombola esclarecida pelo sr. Secretário Marcio Rogerio em seguida por Edicleuze e Valdeilza Alves.

* Saúde em que o senhor Gulesmã faz um apelo para que haja um bom funcionamento dentro do setor quilombola de São João do Lucuritiba. Onde tivemos a fala do agente de Saúde da Comunidade que comentou um pouco sobre a saúde da Comunidade que precisa mais de apoio da Comunidade para que possa manter seu trabalho melhor.

* Associação Quilombola da Comunidade de São João do Lucuritiba esclarecido pelo presidente da Federação Quilombola de Santa Tereza do Matupiri o senhor Tarcísio da Santos Castro que explicou sobre a Federação Quilombola existente no município de Barreirinha e teve também a contribuição da fala de Tarcísio e a fala da Professora de História Janete de Souza Santos do quilombo do Distrito de Santa Tereza do Matupiri e neste momento fizemos uma pausa para o almoço e tendo este retorno às 1.30 hs dando continuidade na reunião o senhor Gulesmã convocou uma reunião na Comunidade do Graapé do ^{Matupiri} no dia 20 deste mês de Dezembro e o senhor Gulesmã pede explicação sobre as apostilas do programa Apreendendo em Casa e a pedagoga explica sobre o funcionamento do programa.

É para finalizar o senhor Tarcísio Castro explica quais e quantos são os membros de uma Federação e diz que para ser um componente tem que pagar uma taxa anual para que dê sustentabilidade na Federação e assim encerramos esta reunião e finalizo a redação deste ato, eu Janete Santos que represento a secretaria do Quilombo do Distrito

de Santa Tereza do Matupiri e assinada por ⁵
 estes Comunitários relacionados abaixo.

- 01- Edicleury Costa Ribeiro
- 02- Marcio Rogério Tavares Reis
- 03- Edelulza Raima Alves
- 04- Jean Sotomem do Oliveira
- 05- Delfano de Souza Reis
- 06- Renan Parualles da Silva
- 07- Kemeson de Souza Santos
- 08- Glenda Gabriele Bezerra Beltrão
- 09- Mariana Lúcia Lopes Lafente
- 10- Paulo Rismarck da Silva Ribeiro
- 11- DENISON CONCEIÇÃO CORRÊA
- 12- Juliano dos Santos Colares
- 13- Claudineio dos Santos Colares
- 14- Elson Corrêa Simas
- 15- Manoel Afonso Tavares Frazão
- 16- Marcello da Silva Frazão
- 17- Francisco dos Santos Colares
- 18- Conelúcia Bezerra Simas
- 19- Patrícia Paz Riana
- 20- Raimone da Silva Colares
- 21- Ivon Silva dos Santos
- 22- Maria Natália Bdo Santos
- 23- Eudeneo Bezerra Simas
- 24- Alcir de Jesus Reis
- 25- Maria S. M. dos Santos
- 26- Yorginho Pereira Simas
- 27- Rivaldir dos Santos Colares
- 28- Bernadete Pereira dos Santos
- 29- Ana Raimunda Moura da Silva
- 30- Valdemarina Moreira da Glória
- 31- Rodrigo Lago Pinheiro
- 32- Fernando Pereira Silva

33. Edna Rosa Ribeiro
34. Lúcia Pereira Ribeiro
35. Esterice Bentes Simas
36. Elina Bentes Simas
37. Aldeuze Colares dos Santos
38. Eudina Bentes Simas
39. Maxembela dos Santos Colares
40. Elvina Moura dos Santos
41. Maria Soano Moura da Silva
42. Marcelina Pinto da Silva
43. José Augusto de Souza R.
44. Maria das Graças Azevedo da Silva
45. Tarcisio dos Santos Castro
46. Ana Sabina da Silva Ribeiro
47. Rakelly Lardoso Lordeil
48. Janderlan dos Santos Reis
49. Ana Justina Corvalho de Miranda
50. Valéria de Souza Simões
51. Ana Paula da Silva Ribeiro
52. Maria Benedita Colares Marques
53. Kimata Iara Barbosa da Gama Ozaki
54. M^{te} de Jesus Barbosa
55. Adair Le Oliveira Colares
56. Edelmiria Bentes Simas
57. Izabel dos Santos Colares
58. Nelfom da Silva Andrade
59. Lilian da Silva Andrade
60. Vaniilda Moreira da Silva
61. Francisca dos Santos Colares
62. Marley da Silva Frezão
63. Damiana da Silva Pessoa
64. Gelismara dos Santos Colares

o

Ata de Reunião

Ata da assembleia geral para o processo de reconhecimento de comunidade quilombola.

Ata da assembleia geral para o processo de reconhecimento e auto declaração da comunidade quilombola São João do Urucurituba.

Aos dias 19 de abril do mês de abril do ano de 2022 às 10 horas. Reuniram-se na sede da comunidade, o presidente da associação dos remanescente de quilombola de São João do Urucurituba - ARQSTU, os Comunitários presente na comunidade, Edicleuzo Costa Ribeiro (coordenadora da educação escolar quilombola, para delibera sobre o processo de reconhecimento na Cartografia social, Fundação Kalmar, Inera, e autodeclaração no IBGE.

A professora Edicleuzo Costa Ribeiro explicou sobre o como dever ser investido o dinheiro da ARMC, e auxiliou quem for os novos integrante da associação para que os indivíduos estejam apto a exercer a função, bem como as compras de materiais pedagógicos e saber usar o dinheiro de maneira correta e declarado a receita Federal, Continuou com a falar do Professor Evandro explicando e respondendo as perguntas dos Comunitários sobre a associação, e depois o Comunitário Renilson argumentou sobre o restante dos outros pais que não estavam presente, e se prontificou para ser o presidente da associação, mais ainda não foi decidido nada sobre a associação e chegaram a um acordo para ter uma nova reunião com os Comunitários para decidir que pode ser os novos integrante da ARMC, e a professora Edicleuzo continuou o reunião falando sobre a associação dos quilombolas ARQSTU, e orientando os Comunitários sobre a auto declarado se quer ser quilombola e declara o que

situação para que possamos ser vistos como detentores de direitos quilombolas não só a nossa comunidade, mais as comunidades de Vila Carneiro e Monte Horebe.

Nada mais havendo a tratar eu Paulo Bismarck da Silva Ribeiro, secretário da reunião levoo a ata e declaro a veracidade dos fatos a seguir apresentados a lista com a assinatura dos comunitários presente na assembleia.

- 1 Julismã Teixeira Calares
- 2 Paulo Bismarck da Silva Ribeiro
- 3 DENILSON CONCEIÇÃO CORRÊ
- 4 Edson Corrêa Simas
- 5 Anderson dos Santos Reis
- 6 Luizivaldo dos Santos Calares
- 7 Osvaldin dos Santos Calares
- 8 Ana Patrícia da Silva Ribeiro
- 9 Ana Paula da Silva Ribeiro
- 10 Eudimino Bentes Simas
- 11 Shirlene Pereira de Moura
- 12 Maria Lúcia Lopes Valente
- 13 Francimar dos Santos Calares
- 14 Osvaldo Teixeira Calares
- 15 Alair de Jesus Reis
- 16 Anildo Moreira da Silva
- 17 Jalmir da Silva Andrade
- 18 Damiana da Silva Pessoa
- 19 Maria Natalise B. dos Santos
- 20 Maria Stefana Moreira dos Santos
- 21 Izaldir dos Santos Calares
- 22 Marcelo Ulisses Reis
- 23 Edicleuzia Costa Ribeiro

Ata da Associação ARDSSU da
Comunidade de São João do Tucuruva-AM.

9

Reunião deu-se início as nove e nove da manhã no dia Dez de Maio de dois mil e vinte e Quatro Primeiro com as falas de Chiverton convidando para sentar a mesa para a roda de conversa, primeiro o Presidente da Comunidade: Julesma Teixeira Colares, Presidente da Associação ARDSSU: Demilson Conceição Louiea, Representante da Conaq-AM: Marley da Silva Frazão, Representante do Setor Pedagógico Arilombela: Jucimara Cabral, Representante da Conaq-AM Cartografia Social Professora: Edicleuzza Ribeiro.

Professor Frank falou um pouco sobre a importância dos saberes. As Dez e vinte e seis foi aberto para as perguntas dos comunitários, Professor Paulo Bismarck falou também sobre a preservação do meio Ambiente, e quais são as maiores dificuldades de todos em tempo de seca. Presidente da Associação ARDSSU Demilson Conceição Louiea complementou um pouco sobre o que o professor Paulo Bismarck falou, e acrescentou um pouco os meios de sobreviver no período da seca e cheia, Professor Frank de Baneirinha-AM falou um pouco sobre a importância dos bens materiais que existem dentro e fora da comunidade, Presidente da comunidade Julesma Teixeira Colares citou sobre a agricultura Escolar que antes existia na escola, como cuidar, o tempo de colher, e a preservação de animais para não estragar e acabar com tudo. Julson dos Santos Colares falou sobre a produção do piracui de Jacaré, Dona Marley da Silva Frazão também falou como produz o piracui de Bodo, Elionara Bentes Simas falou um

pouco sobre o processo da caça de jacaré,
Emelvia Bentes Simas também falou um
pouco sobre o processo da caça, e quais os
materiais usados para caça e preparação
do piracuí e pesca.

Em Edeunila Bentes redige a ata, e não
tendo nada a ser tratado deu por encerrado
as onze e trize da manhã do mesmo dia
e vai assinado pelos presentes nesta reunião.

1- Marley da Silva Fragão

2- Edson Corrêa Simas

3- Emelvia Bentes Simas

4- Elionara Bentes Simas

5- Julismá Teixeira Colares

6- Julison dos Santos Colares

7- Zuleide dos Santos Colares

8- Denise da Silva Colares

9- Maurício Natalício dos Santos

10- Edmilson B. Santos

11- Edrikson Colares Ribeiro

12- Marcelo Oliveira Reis

13- Maria Leticia Lopes Salente

14- Ana Sobrinha da Silva Ribeiro

15- Kélio Guimarães da Silva Ribeiro

16- Yennifer dos Santos Colares

17- ~~Denise~~ Colares Corêa

18- M^{te} Stelvina Moreira dos Santos

19- Eudaleneza Costa Ribeiro

20- Oliveira do Sampaio Sousa

21- Juma Laraine Alves Bekin

22- Quinara Cabral da Silva

23- Suelen Cardoso da Silva

24- Patrícia Vieira Rodrigues

- 25- Maria Trindade da Silva
- 26- Elina Bentes Simas
- 27- Nailza dos Santos Colares
- 28- Damiana da Silva Pessoa
- 29- Claudineia dos Santos Colares
- 30- Izabel dos Santos Colares
- Bruceiro dos Santos Colares
- 32- Ana Ruth Luizes da Silva
- 33- Avelar dos Santos Colares
- 34- Esterunila Bentes Simas
- 35- Frankley de Paulo Galmonças.
- 36- DENILSO & CONCEIÇÃO CORREIA

DECRETO MUNICIPAL Nº143 DE 05 DE FEVEREIRO DE 2025

14/02/2025, 09:25

Visualização de Publicação

ESTADO DO AMAZONAS
MUNICÍPIO DE BARREIRINHA

SECRETARIA MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO
DECRETO Nº. 143 DE 05 DE FEVEREIRO DE 2025 - GPMB.

DISPÕE SOBRE A AUTODEFINIÇÃO DE ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO LOCALIZADAS EM COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS DA VARZEA, ALTERA NOMENCLATURA, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O Senhor **DARLAN TAVEIRA PERES**, Prefeito Municipal de Barreirinha, por eleição legal, usando das atribuições que lhe são conferidas pela legislação vigente, etc.

CONSIDERANDO a solicitação da Secretaria Municipal de Educação - SEMED, por meio do Ofício nº 010/2025 - GSEMED, providências necessários referentes à formalização de reconhecimento das Escolas mencionadas no expediente citado.

CONSIDERANDO o Decreto nº. 4.887, de 20 de novembro de 2003, e observados ainda, os procedimentos determinados na Portaria FCP nº 98, de 26 de novembro de 2007.

CONSIDERANDO o Parecer CNE/CEB Nº 16/2012 que regulamenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCNEEQ).

CONSIDERANDO A Resolução nº 8 20 novembro 2012 que Define Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.

CONSIDERANDO A Lei Municipal nº 296 de 24 de junho de 2022, que altera a Lei Municipal nº 284 de 20 de dezembro de 2021 - PMB, que cria o Setor Pedagógico Quilombola no setor administrativo da SEMED, define as propostas curriculares Pedagógicas para a inclusão de disciplinas específicas quilombolas na grade curricular do ensino infantil e fundamental I e II e modalidade EJA nesses territórios, altera a nomenclatura de identificação das Escolas Municipais de Educação e ensino fundamental localizadas em Territórios Quilombolas.

CONSIDERANDO que tal procedimento é imprescindível visto que as Escolas estão localizadas em comunidades que já foram reconhecidas como quilombolas pela Fundação Cultural Palmares. E é fundamental para assegurar os direitos educacionais dessas comunidades, promovendo a inclusão e valorizando a História e Cultura Afro-Brasileira.

DECRETA:

Art. 1º. - RECONHECER oficialmente como quilombolas as Escolas da Rede Municipal de Educação deste Município de Barreirinha/Am, e altera a nomenclatura das referidas Escolas de acordo com o seguinte:

Nº Ord.	NOME DA UNIDADE ESCOLAR	ENDEREÇO
	Escola Municipal "Santa Ana"	Comunidade Quilombola São João do Unacurituba.
	Escola Municipal "Monte Horebe"	Comunidade Quilombola Monte Horebe.
	Escola Municipal "Nossa Senhora da Conceição"	Comunidade Quilombola Nossa Senhora da Conceição - Vila Carneiro.

Art. 2º. - Revogadas as disposições em contrário, este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE BARREIRINHA, em 05 de fevereiro de 2025.

Darlan Taveira Peres

Prefeito Municipal

PUBLICADO O PRESENTE **DECRETO** NO DIÁRIO OFICIAL DOS MUNICÍPIOS DO ESTADO DO AMAZONAS, de acordo com a Lei Municipal nº 110, de 19 de março de 2010.

Maria do P.S. Aguilár da Silva

Subsecretária Municipal de Administração e Planejamento

Publicado por:
MARIA DO PERPETUO SOCORRO AGUILAR DA SILVA
Código Identificador: BXY5TPSPC


Matéria publicada no Diário Oficial dos Municípios do Estado do Amazonas no dia 13/02/2025 - Nº 3798. A verificação de autenticidade da matéria pode ser feita informando o código identificador no site: <https://diariomunicipalaam.org.br>

EDICLEUZA COSTA RIBEIRO

SÃO JOÃO DO URUCURITUBA: história e memórias do processo de territorialização quilombola – Barreirinha/Amazonas

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas-PPGICH da Universidade Estadual do Amazonas. Linha de pesquisa: Conflitos identidades étnicas, processo de territorialização, ambientalização, museus vivos e pequenos museus Centro de Ciências e Saberes, como parte das exigências para o título de Mestre em “Ciências Humanas”.

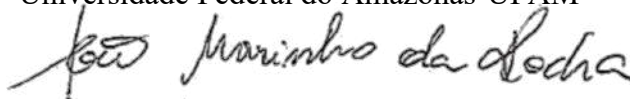
BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 ALFREDO WAGNER BERNO DE ALMEIDA
Data: 07/07/2025 16:33:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida – Presidente



Profa. Dra. Maria Magela Mafra de Andrade Ranciaro- Membro
Universidade Federal do Amazonas-UFAM



Prof. Dr. João Marinho da Rocha-Membro
Universidade Estadual do Estado do Amazonas-UEA

Patricio Azevedo Ribeiro-Membro Externo
Universidade Federal do Estado do Amazonas-UFAM

Leandro Eustaquio Gomes-Membro
Universidade Federal do Estado do Amazonas-UFAM

Dissertação aprovada em: _____ / _____ / _____

Manaus-AM
2025